

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA

PUC-SP

MURILO ALEXANDRE DOS SANTOS

ESTÉTICA E MISSÃO

**O belo como estratégia de Evangelização para os Arautos do
Evangelho**

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

SÃO PAULO

2014

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA

PUC-SP

MURILO ALEXANDRE DOS SANTOS

ESTÉTICA E MISSÃO

**O belo como estratégia de Evangelização para os Arautos do
Evangelho**

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião, sob orientação do Professor José J. Queiroz.

SÃO PAULO

2014

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC/SP

MURILO ALEXANDRE DOS SANTOS

ESTÉTICA E MISSÃO

O belo como estratégia de Evangelização para os Arautos do Evangelho

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

ERRATA

SÃO PAULO

2014

ERRATA

Página	Linha	Onde se lê	Leia-se
12	2	o esplendor de divino	o esplendor do divino
12	14	à verdade e da moral	à verdade e à moral
13	18	eis que para ele a beleza	eis que para eles a beleza
13	23	seguimento	segmento
14	21	retornar	retomar
14	25	o conceito de beleza em na antiguidade	o conceito de beleza na antiguidade
14	30	...na ação dos Arautos do Evangelho também serão abordados.	...na ação dos Arautos do Evangelho.
15	15	será pesquisado	será pesquisada
43	6	Emprestado difícil dado	Empreitada difícil dado
45	9	as posições Kantiana que	as posições kantianas que
45	10	queremos adiante.	veremos adiante.
48	30	ou teológica	ou teleológica
50	26	Nosso estudo na modernidade sobre estética...	Nosso estudo sobre estética...
51	10	que é o que consta na	como consta na
52	11	publicada pela Forense Universitária, 1995.	publicada pela Forense Universitária, 1995, é que ele usa a estética no sentido de belo.
52	2	subjetivo	<u>subjetivo</u>
52	13	a passagem de ajuizamento do belo	a passagem da faculdade do ajuizamento do belo
52	20	contudo é referido o conceito	contudo é referida a conceitos
52	29	“denominamos sublime o que é grande acima de toda comparação”	“denominamos sublime o que é <u>absolutamente grande</u> . É o que é grande acima de toda comparação”
52	33	Visto	Vistas
53	9	projetar-se	projeta-se
55	21	lá	há
58	11	submeter ao objeto	submeter algo ao objeto
61	27	notando uma concepção normal da beleza.	portando uma concepção moral da beleza.
62	3	Nos olhares da Idade Média, Agostinho	Nos albores da Idade Média, Agostinho
62	16	sejam em esferas	estejam em esfera
62	19	verdade a beleza	verdade e beleza
63	25 e 26	“sub espécie alternitates”. Diz pois o autor:	“sub specie aeternitatis”. Diz pois o autor:
64	4	Dartgnan	Dartagnan
64	5	espalha	espelha
64	5	Dis o autor	Diz o autor
64	7	Em belezas	As belezas
64	11	tirado se seus	Tirado de seus
65	15	mundo	modo

65	20	cito	cita
65	21	envolver	envolve
65	25	primosa	primorosa
65	27	Pontífice	Pontifício
65	30	força e glória de resplandece.	força e glória ele resplandece.
66	2	a carta de Paulo aos gálatas.	a carta de Paulo aos Gálatas.
66	3	a beleza com um	a beleza como um
66	14	<i>A estética de Idade Média</i>	<i>A estética da Idade Média</i>
66	16	beleza sensível	beleza é sensível
66	18	experiência intuem por que sua	experiência intuitiva por que sua...
66	20	vinculadas a beleza	vinculadas à beleza
66	25	para o esforço e a dedicação o bem.	para o esforço e a dedicação ao bem.
67	4	perfeição deveria ser comparada	perfeição que deveria ser comparada
67	15	Recordo	Recorda
67	16	a casa onde Deus brilha”.	“a casa onde Deus brilha”.
67	17	Para Alencar	Passa a elencar
67	21	Há uma belesa	Há uma beleza
67	24	O conjunto de criação é	O conjunto da criação é
67	25	interage a beleza da terra	interroga a beleza da terra
67	30	depende de gosto de cada pessoa	depende do gosto de cada pessoa
67	31	A primeira é de Cícero tirado	A primeira é de Cícero tirada
68	4	“Ideia eterno, imperfeito e diversamente, as	“Ideia eterna, perfeita e imutável da qual participam, temporal, imperfeita e diversamente, as
68	7	presente a verdade	presente à verdade
68	10	e finalizou com uma definição estes busca destes conceitos na	e finalizamos com uma definição destes conceitos na
68	14	ponto.	pontos.
68	16	a considerar beleza sensível	a considerar a beleza sensível
68	24	mas	mais
68	25	conclusão	inclusão
68	29	Quinta conclusão	A quinta conclusão
69	4	os Arautos empenhados	os Arautos impregnados
69	7	absoluta de divino)	absoluta do divino)
103	4	a evangelização pelo caminho do belo, isto é, assumem o belo	isto é, eles assumem o belo
103	5	que eles lhe	que são intrínsecos
103	6	atribuem no carisma e na teologia dos Arautos e perpassam todos os passos da sua ação	ao carisma e à teologia dos Arautos perpassam todos os passos da sua ação
103	7	não é uma beleza desinteressada, isto tem caráter funcional	não é uma beleza desinteressada. Tem caráter funcional
104	18	rompera	romperam
105	5	veremos	vimos

105	16	Do Platonismo	No Platonismo
105	30	retornam	retomam
106	2	morado	morada
106	17	tem uma função de utilitarismo	tem um aspecto de utilitarismo

Banca Examinadora

Para Angelita,
pelo carinho, amor e principalmente pelo incentivo aos
estudos.

AGRADECIMENTOS

À Capes, pelo auxílio a esta dissertação.

Ao Pe. Geraldo Raimundo Pereira, por abrir as portas de seu coração e possibilitar esta realização.

Aos meus familiares, pelo apoio incondicional. Amo muito vocês!

Ao amigo Marcos Borba, pelo apoio e paciência nos momentos de inquietação e cansaço.

Aos amigos André e Junior, pelo incentivo e gargalhadas nos momentos de desânimo.

Ao professor José J. Queiroz (orientador), pela paciência, generosidade e humildade.
Muito Obrigado!

RESUMO

Expusemos as raízes de onde surgiram os Aautos do Evangelho e a que vieram, o carisma e a presença dele no espectro do catolicismo contemporâneo e também como se expandiram. Passamos a investigar o sentido da estética, belo e sublime e a recepção e vivência dos Aautos relativas a esses conceitos. Buscamos expor a missão e a evangelização na Igreja Católica e nos Aautos do Evangelho. Guiou-nos a hipótese de que estética, belo e sublime constituem a nervura da missão evangelizadora dos Aautos e ao mesmo tempo adquirem um sentido funcional visando a uma evangelização restauradora para atrair os fiéis que se afastaram da Igreja e para retomar os aspectos conservadores do catolicismo. Foram expostos a origem, o carisma, e a presença dos Aautos no espectro do catolicismo contemporâneo; os conceitos de estética, belo e sublime em geral e na concepção dos Aautos e na sua ação evangelizadora.

Palavras-chave: Aautos do Evangelho, belo, sublime, ação evangelizadora.

ABSTRACT

We have displayed the roots from which the Arautos do Evangelho originated and also their initial mission and deeds, their charisma and its presence within the spectrum of contemporary Catholicism and their processes of expansion. We continue by investigating the sense of aesthetics, beautiful and sublime, as well as the reception and practical experience of the Arautos when it comes to the concepts above stated. We want to display the mission and the evangelization inside the Catholic Church and the Arautos do Evangelho as well. We were guided by the hypothesis that the aesthetics, the beauty and the sublime constitute the core of the evangelization mission carried out by the Arautos and it, simultaneously, portrays functional sense aimed at a restorative evangelization to attract former churchgoers and to retrieve the conservative aspects of the Catholicism. The origin, the charisma and the presence of the Arautos inside the spectrum of the contemporary Catholicism were displayed; the general concepts of aesthetics, beauty and sublime and regarding the understanding of the Arautos and in their evangelizing action.

Keywords: Arautos do Evangelho, beauty, sublime, evangelizing action

SUMÁRIO

Introdução.....	9
------------------------	----------

Cap. I

Os Arautos do Evangelho: origem, carisma e presença no espectro do catolicismo contemporâneo.....

1.1 - As raízes dos Arautos do Evangelho na TFP (Tradição, Família e Propriedade).....	16
1.2 - Arautos do Evangelho: origem e caracterização.....	26
1.2.1 - O Fundador – Biografia.....	26
1.2.2 - A participação na TFP e a dissidência.....	27
1.2.3 - A fundação da Associação e as suas características institucionais.....	28
1.2.4 - O carisma dos Arautos do Evangelho.....	32
1.3 - A presença e expansão dos Arautos do Evangelho no espectro do catolicismo contemporâneo.....	40

Cap. II

A estética, o belo, o sublime. A polissemia dos conceitos, as concepções ao longo da história e a percepção dos Arautos do Evangelho.....

2.1 - A polissemia dos conceitos.....	43
2.2 - Na antiguidade grega.....	44
2.3 - Na Idade Média.....	49
2.4 - Na modernidade	50
2.4.1 Kant.....	51
2.4.2 - Os conceitos na faculdade do juízo.....	51
2.3.4 - Alguns comentadores.....	53
2.5 - Estética, belo e sublime na concepção dos Arautos do Evangelho.....	61
2.5.1 - Ligando os fragmentos.....	61
2.5.2 - Estética, belo e sublime na concepção dos Arautos.....	63

Cap. III

A estética, a beleza e o sublime na ação evangelizadora da Igreja e dos Arautos do Evangelho.....

3.1 - Evangelização e missão na Igreja Católica.....	70
3.2 - A ação Evangelizadora dos Arautos do Evangelho.....	73
3.3 - A beleza na proposta de evangelização da Igreja Católica.....	81
3.4 - A beleza nos símbolos e sua importância na teologia dos Arautos.....	87
3.5 - A beleza, o belo e o sublime na ação evangelizadora dos Arautos do Evangelho.....	89
3.6 - A beleza como estratégia para reforçar o conservadorismo católico e restaurar o rebanho ante a crise demográfica da Igreja.....	95

Conclusão.....	104
-----------------------	------------

Referências.....	107
-------------------------	------------

INTRODUÇÃO

A escolha deste tema se deve ao meu trajeto pastoral e vocacional dentro da Igreja Católica. Desde a infância participei de trabalhos pastorais e na adolescência ingressei na vida religiosa, onde conheci os Arautos do Evangelho. Vindo de uma família católica tradicional, confessional, na infância fui levado à Igreja para fazer a Primeira Comunhão. O grupo (catequese) do qual eu fazia parte acreditava na beleza das vestes como fundamental para uma aproximação do Senhor eucarístico, ideia estabelecida pelos missionários da Instituição Arautos do Evangelho. Quando conheci os Arautos do Evangelho percebi que os mesmos pregam a beleza como fundamental para o processo de evangelização. Dai surgiu a curiosidade de pesquisar e estudar o discurso do belo a partir dos Arautos do Evangelho, como forma de expressão religiosa e instrumento de evangelização.

Minha base de estudo foi no Centro Universitário Claretiano de São Paulo, onde cursei, por um ano, Ciências da Religião. Depois mudei para o curso de Filosofia no Centro Universitário Nossa Senhora da Assunção e realizei minha monografia em Filosofia da Religião, estudando a contribuição da Filosofia nas escolas estaduais de São Paulo. Dei aulas de Filosofia e Ensino Religioso em escolas estaduais de São Paulo. Após a graduação em Filosofia, senti vontade de me especializar em Ciências da Religião. Admitido no programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da PUC/SP percebi que seria relevante estudar o belo ou beleza como expressão de perfeição religiosa e estratégia de evangelização a partir do discurso dos Arautos do Evangelho. Em contato com os Arautos comecei a ler seus artigos que tratam do belo, das indumentárias, da universalidade da beleza e da carência do mundo de beleza, publicados em suas revistas e jornais.

Participei de missões com os Arautos do Evangelho e consequentemente nestas missões procurava observar as celebrações realizadas pelos Arautos, e tomei contato com a prática de propagar a beleza e com a postura desse cavaleiros “medievais” com suas estonteantes roupas alinhadas e botas sempre brilhantes. Durante a experiência como seminarista, percebi quanto o belo ou beleza se faziam presentes no cotidiano e principalmente nas celebrações litúrgicas.

Nas celebrações com os Arautos, na paróquia São Francisco, éramos convidados a estarmos sempre alinhados e portando as mais belas vestes que possuíamos, padrão de

beleza / belo estabelecido pelos Arautos para embelezar as celebrações. Isso sempre me impressionou e agora com este projeto estou tendo a oportunidade de analisar estas práticas que me suscitam muitas indagações.

Na minha vivência junto aos Arautos do Evangelho, percebi que para eles o belo ou beleza expressam a própria fé e a perfeição espiritual.

A partir desta constatação pretendo pesquisar o real sentido da proposta de evangelização da Associação de Direito Pontifício Arautos do Evangelho.

O tema que pretendo abordar parte de um conhecimento prévio que consta em obras que se aproximam da minha proposta de pesquisa. Cito apenas algumas delas:

Calvani (2010), em sua obra: *A estratégia da sedução* diz que os Arautos do Evangelho são chamados a buscar a perfeição não somente no que se refere aos atos interiores, mas devem exteriorizar esse modelo para serem reflexo da perfeição divina na sociedade. O autor esclarece que os referidos religiosos devem ritualizar a própria vivência tanto em público quanto no íntimo de sua vida pessoal, o que significa que devem ser “cerimoniosos” em suas ações cotidianas, na obra evangelizadora, na participação na Liturgia e em outras circunstâncias.

Esta vivência pode significar para eles um compromisso perpétuo com a verdade e com prática da virtude, mas tudo deve ser realizado com beleza, que se torna importante elemento de santificação (CALVANI, 2010).

Atualmente, a tarefa de discorrer sobre evangelização versa em questão complexa, pois, percebe-se que há quem pense nesta apenas como uma expansão da Igreja com crescimento da instituição e aumento de nomes na relação de membros seguidores do catolicismo.

Na obra: *A função da beleza na religião*, Diehl observa que a Associação dos Arautos do Evangelho se encontra no contexto tanto brasileiro quanto internacional, delineando a concepção de religiosidade, associando a evangelização às percepções acerca de conscientização sobre o enfraquecimento atual da religião, buscando juntamente provocar mudanças na vida e nos costumes dos membros da Igreja (DIEHL, 2010).

Nesta mesma obra o autor, ao analisar a função da beleza na religião, constata que uma evangelização baseada na pura razão não convencerá a ponto de provocar uma mudança de vida e de costumes. Faz-se necessário algo novo. Nos tesouros da Igreja, continuamente, pode-se encontrar eficazes meios de evangelização, entre eles, o *pulchrum*. Se, no passado, a beleza foi usada com essa eficácia evangelizadora, nos dias

atuais sua utilização parece indispensável (DIEHL, 2010). Há muitos indícios de que se vive um momento ideal para tomar-se, com coragem e determinação, a "Via *Pulchritudinis*".

Em sua obra: *Beleza e Sublimidade: clave teológica da nova evangelização*. Dias (2010) diz que não é possível pensar em uma evangelização eficaz e na preparação das novas gerações para a reconstrução de uma sociedade e um mundo cristão sem o *pulchrum*¹.

Uma das maneiras pelas quais o *pulchrum* se expressa é por meio do termo sublimidade que equivale a Santidade e, como um grau de beleza que não tem proporção com o homem, lhe é superior, mas tem proporção com Deus (DIAS, 2010).

E, em tudo que o homem faz, existe a possibilidade de se revelar um aspecto sublime, desde o que toca nas realidades espirituais até as coisas concretas e mais corriqueiras da vida cotidiana (DIAS, 2010).

Esse amor ao sublime, a tudo quanto é belo, grandioso, elevado e maravilhoso, deve estar presente desde a ação mais sagrada sobre a terra que é a Liturgia, até aos atos cotidianos mais simples (DIAS, 2010).

De fato, a Liturgia tem uma ligação intrínseca com a beleza, a qual é esplendor da verdade onde brilha o mistério pascal, pelo qual o próprio Cristo atrai as pessoas a si e as chama à comunhão (DIAS, 2010).

No livro: *Beleza, Caminho para a Evangelização*, Costa (2006) explana que a expressão: "um caminho para evangelizar nossos contemporâneos: o caminho da Beleza" (COSTA, 2006, p. 06), se encontra como uma forma de demonstração da questão de que a beleza pode ser, indubitavelmente, um caminho para a evangelização.

Neste contexto em que o belo se coloca como excelência, também se inserem o bem e a verdade, ou seja, "a grandeza e a beleza das criaturas nos fazem contemplar seu Criador". (COSTA, 2006, p.07). De fato, o bem, a verdade e a beleza caminham juntos formando um conjunto de atributos divinos que se sobressaem nas obras de Deus. Segundo Costa (2006), o ser humano é o único chamado a contemplar e ser co-autor da beleza com seu Criador.

¹ Segundo a expressão latina, significa a beleza, definida pela filosofia escolástica como o "esplendor da verdade" ou o "esplendor do bem" que atrai o homem. Disponível em: <<http://www.arautos.org.br/artigo/18143/Beleza-e-Sublimidade--Clave-teologica-da-Nova-Evangelizacao.html>>. Último acesso em 12/05/2013.

A mesma autora explicita que quando uma pessoa contempla uma noite estrelada sente plenificado seu espírito por se tratar de um fenômeno revela o esplendor de divino.

Ao mesmo tempo, Costa (2006) alega que pode-se citar o exemplo de contemplação de uma bela pintura, de um filme tocante, de uma bela música, ou de um olhar doce de uma criança.

Estas são representações do que seja belo e podem ser experiências que “nos fazem sentir pessoas, nos revelam que há algo em nós que tem sede de infinito, de algo que nos ultrapassa” (COSTA, 2006, p. 10).

Neste sentido, Costa (2006) declara que uma realidade bela não precisa ser explicada, não consta registro do que seja certo ou errado, simplesmente, existe o sentimento que atinge o ser humano em seu centro, manifesta a verdade e o bem de forma convincente e atrativa.

Porém, há que se salientar alguma incerteza no que concerne à verdade e da moral, fruto do relativismo. Já a linguagem da beleza fala diretamente aos povos contemporâneos, e, pode-se acrescentar que "o apelo da beleza ecoa secretamente na geração da verdade e do bem" (BARBEN *apud* COSTA, 2006, p. 13). Quanto à geração contemporânea, considera-se que os jovens encontram-se ávidos por conceitos de beleza, pois os ensinamentos que geralmente recebem são deficitários, logo precisam ser substituído por outra concepção, neste ciclo sem fim do mundo do modismo desenfreado (COSTA, 2006).

Embora várias obras já tenham abordado a Instituição Arautos do Evangelho, nosso tema é importante porque enfoca alguns aspectos que ainda não foram suficientemente pesquisados. Em primeiro lugar, a partir de um aprofundamento teórico sobre estética, belo, sublime pretende estabelecer a relação desses conceitos na evangelização em geral e na prática evangelizadora dos Arautos, demonstrando que eles se tornam o ponto central da mística e da missão dessa Instituição. Assim fazendo, a pesquisa será relevante por mostrar o papel de destaque que deveria assumir a estética e a beleza no âmbito da evangelização. Enfim, a visão crítica da prática evangelizadora dos Arautos mediante o recurso à estética e à beleza como uma estratégia de restauração conservadora no âmbito dos novos movimentos da Igreja católica, é algo que torna relevante o projeto em pauta, sobretudo pensando na acolhida e na posição de destaque que esse movimento possui no âmbito da alta hierarquia católica.

Este projeto tende a mostrar como a ideia do belo/beleza se insere dentro do contexto religioso dos Arautos e se torna relevante para definirem o religioso e o não religioso, embora não será a estética que determinará a religiosidade. A escolha pelo belo presente nos Arautos e não por outro elemento de seus ritos e celebrações, deu-se pela convicção que a estética religiosa é capaz de influenciar na busca pela religião católica eis que causa impacto nos espectadores e os leva a buscar a perfeição através da estética que, para os Arautos, expressa não só fé como também a beleza como importante instrumento de evangelização. Pesquisar estes elementos é relevante para entender até que ponto a estética, o belo e o sublime proporcionam ao religioso a busca pelo divino e como o simbólico se faz presente na missão evangelizadora dos movimentos atuais que usam a expansão do catolicismo visando a uma evangelização restauradora.

O objeto da pesquisa é, então, o enfoque de uma instituição ou movimento religioso que se denomina de direito pontifício, cujos membros de vida consagrada praticam o celibato, sendo para eles a beleza um importante elemento de santificação, conforme explicita Calvani (2010).

Esse objeto geral terá como recorte específico e limitado a estética ou o belo que essa instituição acolhe e pratica como ponto focal de evangelização eis que para ele a beleza convida o homem a ser exemplo e dar testemunho do amor de Deus, estético no homem, leva a perceber o verdadeiro sentido da prática cristã e a beleza se transforma em instrumento de evangelização.

Do ponto de vista histórico a instituição será apresentada desde seu surgimento até os dias de hoje. Não será focalizado um determinado seguimento dos Arautos (adultos, jovens, mulheres, homens) embora será dada preferência ao papel dos jovens na ação evangelizadora dos Arautos.

Nesta dissertação pretendemos explicitar os conceitos de estética, belo e sublime em autores de reconhecida competência; no âmbito dos estudos da religião o trabalho visa a, despertar a consciência para a importância da beleza na ação litúrgica ou nos ritos. Ao explicitar a relação entre a estética, o belo, o sublime e a religião em geral e na missão evangelizadora dos Arautos, o trabalho pretende analisar criticamente o papel que estas categorias vêm assumindo como nova forma e política de expansão do catolicismo.

As indagações da pesquisa procedem por três blocos, o primeiro focaliza as raízes, a razão de existência, o carisma, a presença dos Arautos no catolicismo atual e a

expansão dessa agremiação. Pergunta-se então: Quais as raízes de onde surgiram os Arautos e a que vieram? Qual é o carisma da instituição e qual a presença deles no espectro do catolicismo contemporâneo, e como se expandiu a instituição? As respostas a essas perguntas serão objeto do primeiro capítulo. O segundo bloco de perguntas é teórico, pois não será possível ter uma visão clara da missão dos Arautos sem um mergulho no principal fundamento do seu apostolado. Dai a questão: O que é estética, belo e sublime e que relação tem com a moral e a religião? Qual é a concepção dos Arautos relativa a esses conceitos? Questão que será objeto do segundo capítulo. O terceiro bloco de indagações preocupa-se com o estudo da missão e evangelização na Igreja Católica, o papel da beleza nessa evangelização e no apostolado dos Arautos e questiona a intensão de fundo ao recorrerem ao belo e ao sublime. Dai as perguntas: Qual o conceito de missão e evangelização na igreja católica? Qual a função da beleza na proposta de evangelização da Igreja Católica? Qual a relevância e o alcance da estética, do belo e do sublime na proposta de evangelização dos Arautos? Como se relaciona e qual seria o papel estratégico da estética, do belo e do sublime na prática evangelizadora dos Arautos no contexto das novas formas e políticas de expansão do catolicismo.

A suposição preliminar ou hipótese a ser demonstrada é que a estética, o belo e o sublime constituem o caminho e a nervura da missão evangelizadora dos Arautos e ao mesmo tempo adquirem um sentido funcional visando a uma evangelização restauradora para atrair os fiéis que se afastaram da Igreja e para retornar os aspectos conservadores do catolicismo.

No que tange aos referenciais teóricos que embasam a pesquisa. Apontaremos a polissemia dos conceitos de estética, beleza e sublime apontados por Umberto Eco (org.) em *História da Beleza* (2010). Passaremos em revista o conceito de beleza em na antiguidade grega, na Idade Média, e na modernidade, dando destaque a posição Kantiana, na Crítica da Faculdade do Juízo e nas exposições de comentadores. Focalizaremos as concepções de estética, beleza e sublime assumidas pelos Arautos do Evangelho tendo em vista a polissemia destes conceitos de missão e evangelização no âmbito da Igreja Católica e na ação dos Arautos do Evangelho também serão abordados. Não nos estendemos a expor aqui estes referenciais teóricos porque serão trabalhados ao longo dos capítulos, em especial no segundo e terceiro.

Quanto aos procedimentos metodológicos, o projeto será diretamente embasado em fontes bibliográficas que fornecerão subsídios e fundamentações. Portanto o

procedimento será a revisão bibliográfica que consiste na coleta das fontes: livros, artigos, eventuais documentos, trabalhos publicados na Internet, ilustrações fotográficas.

Será feita uma seleção das fontes, dos textos, análise e interpretação dos mesmos e organização dos dados na composição dos capítulos.

O corpo da dissertação está organizado nos seguintes capítulos:

CAPITULO I – Os Arautos do Evangelho: origem, carisma e presença no espectro do catolicismo contemporâneo. Serão trabalhados as raízes dos Arautos na Tradição, Família e Propriedade, sua origem e caracterização, seu carisma, presença e expansão no âmbito das novas tendências conservadoras do catolicismo

CAPITULO II – A estética, o belo, o sublime. A polissemia dos conceitos; as concepções ao longo da história e a percepção dos Arautos do Evangelho. Depois de enfatizar a polissemia destes conceitos será exposto a caminhada que tiveram ao longo da história, desde a antiguidade grega, até a modernidade, com ênfase nas posições Kantianas e nos seus comentadores. Ante esta polissemia, será pesquisado a concepção dos Arautos em torno da estética, do belo e do sublime.

CAPÍTULO III – A estética, a beleza e o sublime na ação evangelizadora, da Igreja Católica e dos Arautos do Evangelho. Serão expostos os conceitos de evangelização e missão na Igreja Católica; a ação evangelizadora dos Arautos; a beleza na proposta de evangelização da Igreja Católica; a beleza nos símbolos e sua relevância na teologia dos Arautos do Evangelho; beleza, belo e sublime na ação evangelizadora dos Arautos do Evangelho, enfim, a beleza como estratégia para reforçar o conservadorismo católico e restaurar o rebanho ante a crise demográfica da Igreja.

CAPÍTULO I

OS ARAUTOS DO EVANGELHO: ORIGEM, CARISMA E PRESENÇA NO ESPECTRO DO CATOLICISMO CONTEMPORÂNEO.

Este capítulo centrar-se-á, no primeiro momento, na exposição das raízes dos Arautos do Evangelho, e será complementado pela descrição da sua origem, carisma e exteriorização no espectro católico contemporâneo.

O conhecimento do grupo torna-se essencial para entender a sua peculiaridade no contexto da evangelização na Igreja Católica.

1.1 – As raízes dos Arautos do Evangelho na TFP (Tradição, Família e Propriedade).

A TFP recorda continuamente que só na fidelidade aos princípios eternos da verdade revelada, ensinada pela Santa Igreja Católica, será possível construir uma autêntica civilização, ou seja, a Civilização Cristã. (Plínio Corrêa de Oliveira).²

Para conhecer o grupo Arautos do Evangelho, torna-se necessário, em um primeiro momento, partir da Sociedade Brasileira para a Defesa da Tradição, Família e Propriedade – TFP³.

Os Arautos se originaram no seio da TFP brasileira, uma associação civil de inspiração católica, composta de leigos. Seu fundador Plínio Corrêa de Oliveira nasceu em São Paulo, em 1908. Era descendente de duas proeminentes famílias aristocráticas brasileiras. O irmão de seu avô, João Alfredo Corrêa de Oliveira [1835-1915], foi o

² Disponível em <http://www.tfp.org.br/tradicao-familia-e-propriedade/fundador/pagina-4> Acesso em: 08 mar. 2013.

³ A Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP) é uma associação civil que atua em todo o território nacional e que também está presente, através de representações e entidades coirmãs, em mais de 20 países. Sua fundação remonta a 1960, quando um grupo de católicos leigos bastante identificados com a doutrina tradicional da Igreja Católica - que estava paulatinamente perdendo espaço no campo católico para as chamadas correntes progressistas e engajadas - reuniu-se de forma associativa, obtendo estatuto jurídico às suas ações em defesa dos valores tradicionais preconizados pela Igreja – reflexo da adesão de seus membros ao integrismo católico. Segundo seus estatutos, os principais objetivos da TFP são combater a vaga do socialismo e do comunismo e ressaltar os valores positivos da ordem natural, em particular da trilogia tradição família- propriedade (Gizele Zanotto, A virtude da Intolerância por amor de Deus, Londrina, 2005, p.8).

primeiro-ministro do Brasil Imperial responsável pela "Lei Áurea"⁴, que aboliu a escravidão em 1888 (INTROVIGNE, 2008, p.116).

Em 1908, a igreja católica detinha o monopólio religioso, embora, no âmbito das ideias, o catolicismo vinha sendo desafiado por um anticlericalismo vigoroso e pelo movimento laicista. As famílias aristocratas estavam divididas e o próprio João Alfredo Corrêa de Oliveira também fora Grão Mestre da Maçonaria brasileira, que era muito anticlerical. No fim da vida renunciou à maçonaria e morreu como um católico devoto. Do lado materno de Plínio, havia também dois anti-clericais liberais como o General Antônio Cândido Rodrigues (1850-1934), primo dos pais da mãe de Plínio, que eram católicos praticantes. Este último incluiu irmã Dulce Rodrigues dos Santos (1901-1972), prima da mãe de Plínio, cujo processo de beatificação foi iniciado em 1997 (INTROVIGNE, 2008, 116).

A mãe de Plínio, Lucilia Ribeiro dos Santos Corrêa de Oliveira (1876-1968), era extremamente devota, e exerceu influência notável em seu filho. A mãe de Lucilia, Gabriela Rodrigues Ribeiro dos Santos (1852-1934), era ativista monarquista, e introduziu Plínio em uma idade muito jovem nos círculos que gravitavam em torno da família imperial no exílio. O Brasil era uma república desde 1889. Plínio foi aluno de um colégio jesuíta em São Paulo antes de obter o doutorado em Direito na Universidade Paulistana. Ele juntou-se aos jesuítas que lideraram as Congregações Marianas, em 1925. Fundou a AUC (Ação Universitária Católica) em 1929, e rapidamente se tornou um dos líderes do ativismo católico de São Paulo. Era também um ativo monarquista, e colaborou com o poeta afro-brasileiro Arlindo José da Veiga Cabral dos Santos (1902-1978), membro das Congregações Marianas (INTROVIGNE, 2008, p.132).

Em 1932, Corrêa de Oliveira foi um dos fundadores da Liga Eleitoral Católica do Brasil (LEC)⁵, que não era um partido político, mas um grupo para apoiar candidatos

⁴ Lei Áurea, assinada pela princesa Izabel determinou o fim da escravidão no Brasil em 13 de maio de 1888. Foi a culminação de um lento processo de escravidão que se iniciou no Brasil ainda em 1850. O trabalho escravo no Brasil durou muito tempo, tanto que foi o último país do continente americano a abolir o trabalho compulsório. Em razão disso, a pressão interna e externa era enorme para que o fim do regime escravista ocorresse. Durante praticamente todo o século XIX, intelectuais e políticos defendiam a liberdade para os negros (HISTÓRIA BRASILEIRA, 2013).

⁵ A LEC (Liga Católica Eleitoral) foi uma iniciativa de Heitor da Silva Costa, nas diretrizes do Cardeal Don Sebastião Leme, para modelar a organização da ação católica do Rio de Janeiro. Essa proposta foi instituída em 8 de setembro de 1932 por todo o Brasil, com o objetivo de analisar o maior e melhor número de Católicos para as futuras eleições, e apoiar os candidatos católicos a ocuparem os cargos de

católicos nas campanhas eleitorais. Embora os líderes da LEC não fossem candidatos, o sistema eleitoral no Estado de São Paulo persuadiu a LEC a pedir que Corrêa de Oliveira se candidatasse em 1933 nas eleições para a Assembleia Nacional, que deveria elaborar uma nova Constituição. Aos 24 anos, ele se tornou o candidato eleito com a maior votação em todo o Brasil. A ditadura de Getúlio Dornelles Vargas (1882-1954) – a qual Corrêa de Oliveira se opôs fortemente – pôs fim à sua carreira política. Ele continuou sua atividade como advogado e professor universitário, e em 1940 tornou-se presidente da Ação Católica de São Paulo (BECKER, 1976, p.91 apud INTROVIGNE, 2008, p.132).

O conflito entre correntes dentro do catolicismo brasileiro era quase ausente antes de 1930. O Modernismo, a dissidência liberal contra o Vaticano, que tinha sido popular na Europa e nos Estados Unidos no início do século 20, ainda não repercutira no Brasil. Na década de 1930, no entanto, as divisões políticas surgiram. Os católicos mais avançados eram a favor de Vargas, uma vez que consideravam o seu programa social como bastante progressista. Um número considerável de católicos se juntou ao partido integralista de Plínio Salgado (1895-1975), que era de direita, cujos membros, os "camisas verdes", foram muitas vezes descritos como os fascistas brasileiros. O secretário-geral do partido integralista, em 1934, foi o padre Hélder Câmara (1909-1999), que após a Segunda Guerra Mundial, vai se tornar um bispo influente e liberal (TODARO, 1974, p. 450). Conservadores tradicionais, como Corrêa de Oliveira, a maioria deles monarquistas, se opunham a Vargas e Salgado, que consideravam como diferentes agremiações da luta por um sistema moderno, centralista, populista e anti-tradicional de governo. A divisão política havia criado uma efetiva concorrência intra-católica, que ia desde as questões teológicas até as posições políticas. Os partidários de Vargas ou de Salgado frequentemente defendiam uma teologia mais avançada importada da Europa Continental (CHESNUT, 1997, p.32).

Em 1928, aos 19 anos Plínio participou de um Congresso de Mocidade Católica, tomando contato com as Congregações Marianas. Fundou a AUC – Ação Universitária Católica e idealizou e participou da organização da Liga Eleitoral Católica – LEC. Foi deputado e professor, assumiu a cátedra de História da Civilização na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo e lecionou História Moderna e Contemporânea nas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras São Bento, da PUC – SP.

Deputados Estaduais, que aceitassem o programa de defesa da doutrina social da Igreja (LEITE, 2010, p. 12).

É importante retroceder aos anos 1930 para entender a importância de Plínio Correia de Oliveira e seu movimento que deu origem a TFP em cujo seio nasceu a sociedade dos Arautos. Em seus estudos Altoé (2006) fornece uma importante contribuição sobre a formação da TFP (Tradição, Família e Propriedade), vejamos:

O grupo de formadores da TFP é oriundo do movimento católico paulista, mais especificamente das Congregações Marianas. A expressão movimento católico designava o conjunto formado pelas diversas associações religiosas e de apostolado. Uma das associações que se destacavam eram as Congregações Marianas, que constituíam, no seu conjunto, o movimento mariano. Foi nas fileiras deste movimento que por volta de 1925 formou-se o grupo que daria origem à TFP. Em agosto de 1933, Plínio Corrêa de Oliveira assume a direção do Legionário – publicação criada em 1927 – órgão da Congregação Mariana de Santa Cecília em São Paulo. Para o quadro redatorial do jornal, o pensador católico trouxe gradualmente elementos de relevo do movimento mariano que seriam mais tarde seus colaboradores na fundação da TFP. Em pouco tempo o Legionário aumentou seu campo de influência e ação. De quinzenário de duas folhas passou a semanário de oito páginas e tornou-se órgão oficial da Arquidiocese de São Paulo. Além de outros colaboradores o jornal contava com dois jovens prelados que se transformariam futuramente em figuras de destaque do clero brasileiro: monsenhor Antônio de Castro Mayer – assistente eclesiástico do jornal – e o padre Geraldo de Proença Sigaud (ALTOÉ, 2006, p. 39-40).

É fundamental salientar a figura de destaque de Plínio Corrêa de Oliveira no âmbito do pensamento e da ação do catolicismo e da TFP. Para firmar suas posições, esse líder convenceu o quadro redatorial para que o jornal não se destinasse ao público em geral, ao contrário ficasse restrito apenas ao movimento Católico. Plínio Corrêa de Oliveira percebeu que, apesar de serem superiores numericamente, os católicos não tinham força política estruturada. Assim, uma das funções do Legionário seria a de conscientizar e levar os católicos para a ala tradicional da Igreja (ALTOÉ, 2006, p. 40).

Cabe destacar que independente da complexidade e polêmica em torno da fundação da TFP, o seu objetivo principal foi combater o socialismo e o comunismo e posteriormente ressaltar os valores da tradição católica, bem como a família (monogâmica e indissolúvel) e a propriedade (privada e inviolável).

Sendo assim, embora tenha sido pouco estudada a TFP teve grande importância cultural e simbólica para manter nos católicos posições teológicas que fundamentaram o projeto tradicional de Igreja.

Altoé (2006) explica mais detalhadamente a intencionalidade de Plínio Correia e do seu movimento.

Plínio orientará o Legionário no sentido do combate ideológico que visará uma conscientização e mobilização dos católicos, reagindo contra as investidas dos adversários na imprensa e nos demais meios de comunicação. A fraqueza dos católicos era, fundamentalmente, atribuída a debilidade do catolicismo nos pontos-chaves de produção ideológica comparada a dos inimigos que, neste campo, contariam com todas as facilidades. Assim, a missão do Legionário não era a de “atrair os incrêus”, e sim orientar a opinião dos que já eram católicos. Combater a falta de instrução religiosa. Luta para a obtenção de favores do Estado para a Igreja. Articulação e formação de intelectuais católicos capazes de conquistarem espaços nos meios de produção e divulgação ideológica. Ação política em favor dos interesses da Igreja, mas sem envolvimento partidário. Vigilância constante sobre a produção cultural: livros, revistas, cinema, teatro etc. Sempre pronto a identificar nela a infiltração comunista. Preocupação com a educação, com a preservação dos bons costumes, com a ameaça da permissividade à família, à religião etc. (ALTOÉ, 2006, p.40).

Deste modo é importante destacar que as posições e a ação do grupo Legionário partem de 1938, foram exercendo um papel muito importante no combate aos os germes do progressismo religioso no Brasil, principalmente na Ação Católica.

Segundo Altoé (2006) a ação Católica foi fundada em 1935 e teve como objetivo principal desde a sua fundação efetuar um apostolado para a difusão e atuação dos princípios católicos na vida individual, familiar e social do indivíduo, tendo em vista que a sua função era coordenar todas as associações e obras canônicas existentes no país, de modo submete-las a uma única orientação. Isso ocorria por que segundo os estatutos ela deveria colocar-se sob a dependência imediata da hierarquia, atuando de qualquer organização partidária, como afirma Altoé.

Do ponto de vista de Plínio Corrêa de Oliveira e de seu grupo, a Ação Católica estava carregada de tendências que culminariam posteriormente no esquerdismo católico. Essas tendências se manifestavam pela eliminação gradual do princípio de autoridade na Igreja e pela afirmação da independência dos leigos em relação ao clero. A instituição católica estaria disseminando o igualitarismo, ao buscar um nivelamento antinatural na Igreja e no Estado e também o liberalismo por tentar ajustar a Igreja às transformações da sociedade. O Legionário defendia também um maior rigor na seleção dos membros da Ação Católica e criticava a idéia presente no movimento de diminuir a distância entre o sacerdote e o fiel. A preocupação do grupo liderado por Plínio Corrêa de Oliveira era procedente pois segundo Motta, a Ação Católica, a partir dos anos de 1940, “começou

a ser influenciada por idéias ‘progressistas’, descuidando um pouco do anticomunismo. Sua paulatina inflexão ideológica transformou-a na matriz da esquerda católica brasileira, para desgosto dos ativistas leigos de orientação conservadora (ALTOÉ, 2006, p. 41).

Convém ainda destacar que a preocupação do Legionário residia no fato de a Ação Católica estar empreendendo uma inicial politização da religião, representando um primeiro momento importante e único em que a participação dos católicos na esfera social aconteceria a partir de tal identidade como católicos.

Segundo Altoé (2006) a ação católica foi bastante importante, pois era:

O embrião de uma nova ética católica que iria modificar profundamente a visão de mundo religiosa de vários católicos a partir de então. Porque a transcendência e a solidariedade aí presentes demandavam o engajamento na esfera social, quando passou a ser necessário que o “católico” participasse dessa esfera enquanto católico, mas sendo possível sua participação num mundo secularizado e plural. Foi ainda um caminho sem volta para aquele setor da Igreja que pensaria um novo tipo de ação católica tempos depois com a teologia da libertação. E a Ação Católica mostrou essa possibilidade: a participação no contexto mais amplo passou a ser possível sem a perda de identidade religiosa. E é inegável a importância dessa mudança porque a prática religiosa passou a ser possível ao católico em uma nova relação com as outras esferas, uma vez que o ser católico não significava mais a necessidade de impor a verdade absoluta, mas, sim, a necessidade de fazer com que a vivência religiosa transcendesse o ato religioso em si para então ser vivida na história humana secularizada. (ALTOÉ, 2006, p. 42)

É importante destacar nesse estudo que foi neste clima de confronto ideológico em relação à Ação Católica que Plínio Corrêa de Oliveira escreveu o seu primeiro livro intitulado *Em Defesa da Ação Católica*.⁶ Assim, na obra Plínio Correa denunciava tudo aquilo que ele e seu grupo consideravam desvios do movimento, como afirma Altoé:

Plínio Corrêa de Oliveira achava que ele e seu grupo poderiam sofrer represálias. Afirmou em 1964 que a publicação fora um gesto de kamikaze, pois estouraria o progressismo católico ou estouraria a ele e a seu grupo. Como pouco depois da publicação do livro o líder da TFP perdeu seu cargo de presidente da Junta Arquidiocesana da Ação Católica paulista, nesse mesmo ensaio, que pode ser entendido como um exercício de memória atribuiu o afastamento da Ação Católica a

⁶ Livro publicado em junho de 1943, por Plínio Corrêa de Oliveira presidente da Junta Arquidiocesana da Ação Católica de São Paulo. Foi um livro-bomba. Embora trouxesse um prefácio do então Núncio Apostólico no Brasil, D. Bento Aloisi Masela, e tivesse recebido cartas de aplauso de mais de 20 bispos, ao lado do silêncio de muitos, suas teses suscitaram irritação furibunda de outros. A obra foi um brado de alerta, que despertou muitas almas da letargia em que se encontravam.

uma reação da hierarquia eclesiástica à publicação. (ALTOE, 2006, p. 41)

Cabe destacar que Plínio Corrêa de Oliveira somente foi afastado definitivamente do *Legionário* no final de 1947 pelo então Arcebispo de São Paulo dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta. Após o afastamento e um pequeno período no ostracismo jornalístico, seu grupo voltaria a se fortalecer e ganhar impulso com a nomeação dos dois prelados que o apoiavam. Em janeiro de 1947 o papa Pio XII (1939-58) nomeou o padre Geraldo de Proença Sigaud bispo de Jacarezinho no Paraná. Em março de 1948 o cônego Antônio de Castro Mayer foi designado bispo de Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro.

Em Janeiro de 1951 dom Mayer fundou em Campos dos Goytacazes o mensário *Catolicismo*⁷. O jornal tinha como diretor o padre Antônio Ribeiro do Rosário, sacerdote do clero campista. Apesar de o jornal ter sido criado e editado na cidade do norte-fluminense, todo o trabalho de redação era realizado em São Paulo pelo grupo liderado por Plínio Corrêa de Oliveira. O antigo grupo do *Legionário* tornou-se então o grupo do *Catolicismo*. O novo mensário atuava de forma muito parecida com o *Legionário*, qual seja, buscar denunciar o crescimento do progressismo no Brasil, principalmente no seio da Igreja Católica, como afirma o autor André Pizetta Altoé (2006):

Os objetivos do *Catolicismo* são os mesmos do *Legionário*. Dirige-se a uma elite de católicos para aprofundá-los no conhecimento da doutrina católica, mobilizando-os e fornecendo-lhes argumentos com vistas a uma ação que impedisse o crescimento do mal que tomava conta da sociedade. Plínio e o seu grupo continuavam firmes na crença de que basta uma elite consciente e combativa para mudar o rumo dos acontecimentos (ALTOE, 2006, p. 43).

Segundo Altoé (2006) Plínio Corrêa de Oliveira continuava sendo o principal líder do grupo e transformou-se no escritor mais destacado do jornal. De sua autoria era a seção “Ambientes, Costumes, Civilizações”, onde, por meio da análise de quadros, pinturas, fotografias, desenhos, trajes etc., colocava em relevo os valores da civilização cristã contrastando com os valores modernos que segundo ele estavam no seu auge (ALTOÉ, 2006, p.43).

⁷ Jornal com o objetivo de informar, orientar, e isto a um público muito vasto e ao mesmo tempo muito definido e demarcado, como é a elite católica. Informações obtidas no site: http://www.pliniocorreadeoliveira.info/1952_016_CAT_Um_apostolado_especializado.htm

Podemos notar como o grupo de Catolicismo insurgia contra as inovações na Igreja Católica. Ao caracterizar o pensamento do bispo Antonio de Castro Mayer, Seiblitiz faz algumas observações que podem ser estendidas ao grupo que se formava sob a liderança de Plínio Corrêa de Oliveira (ALTOÉ, 2006, p.44).

É importante destacar que a característica marcante deste grupo é a aversão à mudança, que atravessa tanto os significados da ordem doutrinária quanto da ordem prática. Ao definir o pensamento de dom Mayer o autor diz que para ele a mudança “introduz dois efeitos perniciosos: além de confirmar a inverdade concretizando a plausibilidade de uma concepção diferente daquela consagrada pelo costume e pela Igreja, ela corrompe a fé na medida em que relaxa a postura do fiel, agora abandonado às vicissitudes humanas.

Insta frisar nesse estudo que o grupo liderado por Plínio Corrêa de Oliveira relaciona a mudança com a mentalidade modernista que teria se instalado no seio da própria instituição (Igreja), orientando-a no sentido de uma adaptação ao mundo. Com isso, membros da hierarquia operavam uma inversão inaceitável: ao invés de a Igreja ensinar ao mundo, curvava-se ante os caprichos mundanos, esgotando-se em sua dimensão terrena e perdendo seu caráter divino.

Sendo assim, para entender a repulsa do grupo liderado pelo líder da TFP a qualquer forma de mudança, é importante atentar para o movimento modernista católico da passagem do século XIX para o XX. Difundiam-se nos ambientes católicos desse período um sentimento de mal-estar, uma ânsia de atualização e uma exigência de renovação dos estudos que acabaria numa tentativa de dar novas bases a todo o cristianismo. Os modernistas relativizavam as fórmulas da fé e do dogma. Para eles, razão e fé eram não só distintas, mas separadas, dado que se chega à fé como um ato irracional, uma adesão cega. E justamente essa separação eliminava a contradição entre as conclusões a que chegavam à razão e os ensinamentos da fé, pois ambas as afirmações, em seu campo específico, são verdadeiras. Além disso, os modernistas viam Cristo como um homem falível que não operou milagres (MARTINA, 1987, p.80-81).

Desse modo, torna-se interessante observar a concepção que os modernistas radicais tinham dos dogmas. Na visão de um deles - Alfred Loisy (1857-1940) – o que Jesus tinha proposto só poderia ser realizado com a adaptação às novas exigências históricas, com a procura de novas respostas para novas situações que não havia previsto e, por isso, não poderia ter revelado a seus discípulos.

Dessa forma, os dogmas não constituem verdades caídas do céu, mas somente o produto da história. O modernismo foi condenado pelo papa Pio X (1903-1914) quando em 1907 publicou o decreto *Lamentabili* contra a heresia modernista, e dois meses depois, a encíclica *Pascendi*, que reunia uma miscelânea de idéias novas sob a etiqueta de “modernismo” e as caracterizava como um “compêndio de todas as heresias” (DUFFY, 1998, p. 249).

Convém lembrar ainda que o próprio Papa estimulou uma organização secreta a *Sodalitium Pianum* (Sociedade de São Pio V), chefiada por Monsenhor Umberto Benigni empenhada em detectar os desvios teológicos. A sociedade, composta por uns cinquenta membros, tinha assumido a missão de colher informação sobre todos os que fossem suspeitos de aderir ao modernismo, até cardeais ou gerais de ordens religiosas, e de transmiti-las diretamente ao papa (MARTINA, 1997, p. 92).

Voltando ao grupo de *Catolicismo*, notamos que começou a crescer na medida em que ganhava novos cooperadores. Em 1953, no Rio de Janeiro, em Belo Horizonte e em Campos dos Goytacazes, os cooperadores do jornal alugaram sedes com o objetivo de fazer reuniões para estudar as teses defendidas pelo jornal.

O mesmo aconteceu em Porto Alegre (1953); Fortaleza (1954); Salvador (1954); Curitiba (1959) e Florianópolis (1959). Em 26 de julho de 1960, o grupo que se formou em torno do jornal *Catolicismo* fundou a TFP. Plínio Corrêa de Oliveira tinha como objetivos aumentar a atividade jornalística do grupo, bem como expandir a militância político-ideológica que estava limitada às dioceses de dom Mayer e dom Sigaud. O grupo de *Catolicismo* ganhou então feição jurídica com a fundação da Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP).

É importante destacar que A trilogia Tradição, Família e Propriedade era proveniente do pensamento de Plínio Corrêa de Oliveira, de sua visão de mundo.

Segundo Mattei:

A Tradição, Família e Propriedade é a soma do passado com o presente que lhe seja afim. O dia de hoje não deve ser a negação do de ontem, mas a harmônica continuação dele. Tradição, do latim Tradere, não significa, pois, mero apego ao passado, mas a transmissão, de uma geração para outra, de um patrimônio de valores. A tradição que a TFP tenta representar é a tradição católica. O ambiente natural para a transmissão e o desenvolvimento dos valores é a família que, ensina a Igreja, é a célula fundamental, o elemento constitutivo da comunidade, do Estado. Mas a família, para sobreviver e desenvolver-se, tem necessidade, por sua vez, de um substrato material que lhe assegure a vida e a liberdade. Para isso, é necessário permanecer intacto e

inviolado o direito natural de propriedade privada e de transmissão hereditária dos próprios bens, direito que o Estado não pode suprimir (MATTEI, 1997, p. 208-209).

Corrêa de Oliveira se opôs fortemente à nova teologia, importada da Europa Continental como ficou evidenciado em seu livro de 1945: *Em Defesa de Ação Católica*. O livro polêmico fez sucesso. O arcebispo de São Paulo, Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta (1890-1982), reagiu ao livro, excluindo Corrêa de Oliveira de todas as posições oficiais dentro da Arquidiocese. Os dois sacerdotes que tinham oferecido apoio mais aberto a Corrêa de Oliveira, Padre Antonio de Castro Mayer (1904-1991) e Padre Geraldo de Proença Sigaud SVD (1909-1999), também foram marginalizados (CHESNUT, 1997, p.41).

Com Dom Mayer, agora Bispo de Campos, Corrêa de Oliveira lançou em 1951 a revista *Catolicismo*. Nessa época, o panorama religioso tinha experimentado diversas mudanças notáveis no Brasil. O crescimento do pentecostalismo havia criado uma concorrência entre marcas eficazes. A nova teologia dita “progressista” se fortalece no Brasil, e acabara por adquirir o forte apoio de uma nova geração de bispos, sendo como expoente Dom Hélder Câmara, nomeado em 1952 bispo auxiliar do Rio de Janeiro e que, como Arcebispo de Recife, seria uma influência dominante na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) por mais de quarenta anos (BOFF, 2007, 81).

Segundo Machado (1980), o grupo de formadores da TFP é oriundo do movimento católico paulista, mais especificamente das Congregações Marianas. A expressão movimento católico designava o conjunto formado pelas diversas associações religiosas e de apostolado. Uma das associações que se destacavam eram as Congregações Marianas, que constituíam, no seu conjunto, o movimento mariano. Foi nas fileiras deste movimento que, por volta de 1925, formou-se o grupo que daria origem à TFP.

As raízes da TFP se encontram na genealogia dos Arautos do Evangelho, pois seus fundadores e doutrinas possuem laços históricos que precisam ser analisados no contexto do catolicismo brasileiro. Os elementos que são observados pela TFP e que revelam seu diferencial dentro da Igreja Católica são a defesa da família, da tradição e da propriedade, a TFP acredita que o verdadeiro progresso não é destruir, é somar. Ou seja, é a soma do passado com o presente. A família gera a tradição e a hierarquia social, o que demonstra sua importância para a TFP. A propriedade é um direito do homem, direito à liberdade e ao trabalho, e faz parte da essência humana.

O nascimento da TFP ocorre na década de 1960, em um contexto de regime militar, no qual a relação da Igreja com o Estado se diferencia entre os grupos católicos:

Há vários setores da Igreja que, de bom grado, cooperam com o regime, mesmo que a instituição mostre uma clara tendência a abandonar essa orientação. Um desses setores é a bem organizada Sociedade Brasileira para a Defesa da Tradição, Família e Propriedade, a TFP. Essa organização foi fundada em 1960 por Plínio Correia de Oliveira, advogado e antigo professor de história. A organização se inspira numa ideologia “integrata” que anima uma militância ativa em defesa do catolicismo tradicional (BRUNEAU, 1974, p. 395).

Segundo Bruneau este período de nascimento da TFP apresenta um antagonismo entre os objetivos da Igreja e do Estado.

1.2 Arautos do Evangelho: origem e caracterização.

1.2.1 – O Fundador - Biografia

O fundador da Associação Internacional Privada de Fiéis de Direito Pontifício Arautos do Evangelho, Mons. João Scognamiglio Clá Dias nasceu em S. Paulo, no dia 15 de agosto de 1939. Seus pais, António Clá Dias e Annitta Scognamiglio Clá Dias, constituíam uma família de imigrantes europeus (o pai era espanhol e a mãe, italiana), na qual a Fé católica, herdada de seus maiores, era ainda muito viva. Foi membro das Congregações Marianas e ingressou, em 23 de maio de 1956, na Ordem Terceira do Carmo, fato que marcou sua vida. Fez os seus estudos secundários no Colégio Estadual Roosevelt e cursou Direito na tradicional Faculdade do Largo de São Francisco, de São Paulo⁸.

João Clá viu que a música seria um eficaz meio de evangelização, aperfeiçoou seus conhecimentos com o renomado maestro Miguel Arqueróns, regente do Coral Paulistano do Teatro Municipal de São Paulo.

⁸ Informações obtidas no site oficial do líder fundador dos AE. Site: <http://www.joaocladias.org.br/curriculum.asp> acesso em 12 de abril de 2014.

Seu intenso desejo de dedicar a vida ao apostolado, para o que se tornava necessário um amplo conhecimento doutrinário, o levou a realizar estudos teológicos tomistas. Formou-se em Filosofia e, em Teologia pelo Centro Universitário Ítalo-Brasileiro de São Paulo; é licenciado em Humanidades pela Pontificia Universidad Católica Madre y Maestra, da República Dominicana, doutorou-se em Direito Canônico pela Pontificia Universidade S. Tomás de Aquino (Angelicum) de Roma e em Teologia pela Universidad Pontificia Bolivariana, de Medellin, Colômbia.

Um profundo anseio de perfeição o levou, em 1970, a iniciar uma experiência de vida comunitária, em um antigo imóvel beneditino, em São Paulo. Dos primeiros companheiros, ninguém perseverou. Porém, após numerosas dificuldades, aquela experiência adquiriu solidez, dando origem, depois, aos Arautos do Evangelho. Multiplicaram-se, a partir deste foco originário, casas de vida comunitária onde seus membros se dedicavam à oração e ao estudo como preparação para a ação evangelizadora.

1.2.2 – A participação na TFP e a dissidência.

A TFP foi constituída de homens, os militantes tinham por obrigação serem celibatários e viver a castidade. Sendo as mulheres uma ameaça ao celibato e a castidade, os militantes deveriam manter distancia do sexo feminino. Plínio Correia exigia dedicação exclusiva a TFP o que prejudicaria se o militante tivesse que dedicar parte de seu tempo à esposa e família.

José Antonio Pedriali (ex-membro da TFP) afirma que dentro da TFP os homens que se deixassem dominar pelas mulheres seriam considerados fracos:

[...] a distância em relação às mulheres era norma de conduta dos adeptos da Organização, e não poderia desrespeitá-la sob o risco de in correr numa grande falha. “Traidor”, “sabugo” – assim eram classificados os militantes que se envolveram com uma mulher, namoravam ou se haviam casado. Exceção apenas para os que eram casados quando conheceram a TFP. Os demais tinham de manter-se afastados o mais possível da companhia feminina. O casamento, respeitado enquanto instituição católica sagrada, jamais poderia ser

ambicionado por um membro do grupo: para nós, o celibato era condição a que atingíssemos a perfeição⁹.

Os Arautos do Evangelho rompem com essa aversão ao feminino presente na TFP, seus membros vivem o celibato e a castidade, porém a associação abriu espaço para participação feminina, criando uma ala separada dos homens só para as mulheres. No entanto a participação das mulheres é limitada, não assumem liderança e os cargos de direção são ocupados por homens. Mesmo admitindo mulheres os Arautos do Evangelho mantem o pensamento conservador: aceita as mulheres, mas não enfatizam a diferença entre gêneros.

João Clá Dias foi um dos membros da TFP que empreendeu uma grande dissidência na entidade. João Clá era muito próximo a Plínio Corrêa de Oliveira, já que era ele quem transportava o fundador da TFP numa cadeira de rodas, após este ter ficado com uma deficiência física em consequência de um acidente de carro.

Além disso, João Clá era um escravo¹⁰ do profeta por ter feito parte da “Sempre Viva” sendo chamado de “Plínio Fernando”. A força de João Clá dentro da TFP residia no fato de ser ele o responsável pela formação dos jovens militantes da entidade, que eram a maioria e que se constituíram como a maior parte dos dissidentes. Dissidentes estes que após a morte de Plínio Corrêa de Oliveira recorreram à Justiça para obter o espólio da organização.

1.2.3 – A fundação da Associação e as suas características institucionais.

De acordo com Altoé (2006, p.74)), os Arautos do Evangelho constituem-se em uma Associação Privada Internacional de Fiéis de Direito Pontifício. Seus integrantes são na maioria jovens que praticam o celibato vivendo em casas destinadas especificamente para rapazes e moças. Alternam a vida de recolhimento, estudo e oração com atividades de evangelização nas dioceses e paróquias, dando especial ênfase à formação da juventude.

⁹ Depoimento de José Antonio Pedriali (ex-membro da TFP). Hoje associado a Cavalaria de Maria. Informações obtidas no site: <http://cavalariademaria.org/> Último Acesso em 12/05/2014.

¹⁰ João Clá recebia o título de “escravo” de Plínio Correa dentro da TFP por viver em função dele e glorifica-lo. Informações obtidas no site: <http://www.montfort.org.br/nova-confirmacao-do-culto-delirante-prestado-a-plinio-correa-de-oliveira/> acesso em 11 de maio de 2014.

Logo após o surgimento da organização – fundada em São Paulo em 1997 – em 28 de fevereiro de 2001 o Papa João Paulo II conferiu aos Arautos do Evangelho o reconhecimento pontifício¹¹. A partir daquele momento a entidade transformava-se em uma Associação Internacional de Fiéis de Direito Pontifício, devidamente reconhecida e submetida à Santa Sé. É importante ressaltar que a obediência do grupo ao Vaticano é um instrumento constantemente utilizado pela associação para arrebanhar fiéis.

No dia 15 de junho de 2005, dom Lucio Renna, bispo de Avezzano na Itália¹² ordenou em São Paulo os 15 primeiros sacerdotes dos Arautos do Evangelho¹³, dentre eles o fundador, João Scognamiglio Clá Dias, líder da dissidência da TFP.

A sociedade foi inicialmente fundada, como Associação Cultural Nossa Senhora de Fátima¹⁴ (ACNSF). Sua proposta principal era difusão da mensagem mariana de Fátima com base na arrecadação de fundos por doação ou venda de livros e materiais.

Zanotto (2011) diz que tal Associação foi a entidade embrionária que deu origem a Associação Arautos do Evangelho no Brasil.

A Associação Cultural Nossa Senhora de Fátima (ACNSF) precedeu a Associação dos Arautos do Evangelho por dois anos, e foi reconhecida em 21 de setembro de 1999 pela hierarquia católica (ZANOTTO, 2011, p. 282).

A Associação Arautos do Evangelho do Brasil, que poderá designar-se também Arautos do Evangelho, ou ainda pela sigla AEB, é uma associação civil de caráter cultural, cívico, religioso, artístico, beneficente e filantrópico, de fins não lucrativos [...]. A Associação tem a finalidade de ser

¹¹ Os Estatutos Sociais dos Arautos do Evangelho em seu artigo 1º diz que: “A Associação Arautos do Evangelho do Brasil, que poderá designar-se também Arautos do Evangelho, ou ainda pela sigla AEB, é uma associação civil de caráter cultural, cívico, religioso, artístico, beneficente e filantrópico, de fins não lucrativos, regendo-se pelos presentes Estatutos. A Associação tem a finalidade de ser instrumento de santidade na Igreja Católica, para que seus membros participem ativa, consciente e responsavelmente na missão salvífica da Igreja através do apostolado, atuando em prol da evangelização, da santificação e da animação cristã das realidades temporais”.

¹² Além do bispo italiano concelebraram seis bispos brasileiros: dom Emílio Pignoli, bispo de Campo Limpo; dom Fernando Legal, bispo de São Miguel Paulista; dom Gil Antônio Moreira, bispo de Jundiá; dom Joseph Mahfouz, bispo Eparca dos Maronitas em São Paulo; dom Benedito Beni dos Santos, bispo auxiliar de São Paulo; dom Antônio Maria Mucciolo, bispo emérito de Botucatu e Presidente da Rede Vida de Televisão. Também participaram setenta e três sacerdotes, incluindo monsenhor Piero Amenta, da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos do Vaticano; monsenhor Ângelo Di Pasquale, reitor da Igreja de San Benedetto in Piscinula, em Roma e o Padre Romolo Mariani, conselheiro espiritual dos Arautos do Evangelho.

¹³ PADILLA, Ivan. “Catolicismo Medieval: a organização ultraconservadora Arautos do Evangelho ordena os primeiros sacerdotes, ganha influência na Igreja e visibilidade nas ruas”. Revista Época, nº370, 20-06-2005, p.66-B.

¹⁴ A Associação Cultural Nossa Senhora de Fátima, foi fundada pelo discípulo mais estimado do Dr.Plínio Correa de Oliveira, o fundador da TFP, João Scognamiglio Clá Dias.

instrumento de santidade na Igreja Católica, para que seus membros participem ativa, consciente e responsavelmente na missão salvífica da Igreja através do apostolado, atuando em prol da evangelização, da santificação e da animação cristã das realidades temporais (ALTOÉ apud ZANOTTO, 2011, p. 282).

Os Arautos do Evangelho, assim como a maioria dos novos movimentos religiosos e eclesiais da atualidade, têm como centro a figura agregadora do líder e fundador.

Ao líder e fundador é delegada a função da elaboração e consecução da proposta do grupo, sua organização, carisma, liderança e até mesmo identidade. Assim, a referida Associação e seu fundador Monsenhor João Scognamiglio Clá Dias têm a finalidade de se dedicar a um ideal de vida comunitária visando à santidade e a missão evangelizadora (ZANOTTO, 2011, p.5).

Juridicamente, o movimento formado por Mons. João Clá tomou a forma de uma Associação Privada de Fiéis, os Arautos do Evangelho, na diocese de Campo Limpo. E em decorrência de sua implantação em outros 20 países foi reconhecida pelo Pontifício Conselho dos Leigos, em 22 de fevereiro de 2001, como uma Associação Internacional Privada de Fiéis de Direito Pontifício, que hoje estende suas atividades a cerca de 70 países, nos cinco continentes. Mons. João Clá Dias é fundador e o atual Presidente-Geral dos Arautos do Evangelho¹⁵.

Organizou também um ramo feminino dos Arautos, o qual concretizou - de modo semelhante, mas separadamente do ramo masculino - o ideal de vida comunitária, como meio de alcançar a santidade e melhor se preparar para a missão evangelizadora. Do ramo feminino dos Arautos nasceu mais tarde a Sociedade de Vida Apostólica Regina Virginum¹⁶, reconhecida em 4 de Abril de 2009, pelo Papa Bento XVI.

¹⁵ <http://www.arautos.org/view/show/341-arautos-do-evangelho> Acesso em 22 de junho 2013.

¹⁶ A Sociedade Regina Virginum é formada por um grupo feminino de membros de Arautos do Evangelho, que vivem estavelmente em comunidade há mais de dez anos, a fim de melhor desenvolver a atividade de evangelização, tal como consta nos seus estatutos (artº 1): Embora a origem do grupo fosse muito anterior, foi em 1996 que algumas dezenas de moças deram os passos decisivos para a constituição de um instituto de perfeição, com a manifestação expressa de conservar a virgindade, por amor a Jesus, vivendo em comunidade. Informações obtidas no site: http://www.joaocladias.org.br/regina_virginum.asp Acesso em 28 de novembro de 2013.

O desejo de uma maior entrega ao Senhor e aos irmãos levou Mons. João Clá a se preparar para o ministério sacerdotal, junto com alguns de seus companheiros.

Sendo uma das origens remotas dos Arautos do Evangelho a Ordem Terceira do Carmo, foi um prelado carmelitano, D. Lucio Angelo Renna, à época bispo de Avezzano, na Itália, que acolheu os primeiros sacerdotes desta Associação.

Foram ordenados presbíteros, juntamente com Mons. João Clá, a 15 de junho de 2005, na mesma Basílica do Carmo onde quase 50 anos antes ele começara suas atividades a serviço da Igreja e dos irmãos. Honrou a cerimônia com sua presença o cardeal D. Cláudio Hummes, sendo concelebrantes mais sete bispos e setenta sacerdotes.

Mons. João Clá fundou juntamente com estes primeiros sacerdotes dos Arautos do Evangelho a Sociedade Clerical de Vida Apostólica Virgo Flos Carmeli¹⁷, aprovada em 04 de Abril de 2009, pelo Papa Bento XVI. Atualmente Mons. João Clá é seu Superior-Geral.

A fundação dos Arautos indica uma nova tendência no surgimento de novos grupos religiosos no âmbito da Igreja Católica. Grupos que surgem como meras entidades civis, com fins religiosos passam a ser considerados como movimentos e uma estrutura eclesial de base subordinada à hierarquia. (ZANOTTO, 2011, p.8)

Os Arautos do Evangelho congregam três Ordens. A Ordem Primeira é composta por homens consagrados que se dedicam inteiramente à Igreja Católica e à própria entidade. A Ordem Segunda é composta por mulheres consagradas, que se dedicam totalmente à Igreja Católica e a própria entidade. A Ordem Terceira reúne homens ou mulheres, que se dedicam aos ideais da entidade no emprego, na família e em seus círculos sociais.

¹⁷ A Sociedade Clerical Virgo Flos Carmeli é constituída por membros dos Arautos do Evangelho que receberam o chamado ao sacerdócio, após dezenas de anos de vida comunitária, com o fim de melhor empreender a atividade evangelizadora, como se pode ler no art. 3º de seus estatutos: “A Sociedade nasce como expressão do carisma da Associação Arautos do Evangelho, com a especificidade da vocação sacerdotal, manifestando a vontade de atuar em comunhão de métodos e metas com a mencionada associação, e empenhando-se particularmente em que os fiéis que se sentem atraídos por este carisma tenham uma assistência ministerial, sobretudo, os que vivem em comunidade (PC 10)”. Fazem parte dela, também, alguns membros que, sem abraçar a vocação sacerdotal, colaboram há anos com o seu carisma e missão nas várias atividades da vida apostólica e comunitária. Disponível no site: http://www.joaocladias.org.br/Virgo_Flos_Carmeli.asp Acesso em 28 de novembro de 2014.

Segundo, Carranza (2005, p.48) o nome oficial dos Arautos é Flos Carmeli e é constituída por membros que receberam o chamado de Deus para o exercício do sacerdócio.

A ordenação sacerdotal ocorre após dezenas de anos de vida comunitária, estudos e dedicação, com o fim de melhor empreender a atividade evangelizadora. É o que diz o art. 3º de seus estatutos:

A Sociedade nasce como expressão do carisma da Associação Arautos do Evangelho, com a especificidade da vocação sacerdotal, manifestando a vontade de atuar em comunhão de métodos e metas com a mencionada associação, e empenhando-se particularmente em que os fiéis que se sentem atraídos por este carisma tenham uma assistência ministerial, sobretudo, os que vivem em comunidade (CARRANZA, 2005, p. 46).

1.2.4 – O carisma dos Arautos do Evangelho

Para Calvani (2010), estes religiosos são chamados a buscar a perfeição não somente no que se refere aos atos interiores, mas devem exteriorizar esse modelo para serem reflexo da perfeição divina na sociedade.

O autor esclarece que os referidos religiosos devem ritualizar a própria vivência tanto em público quanto no íntimo de sua vida pessoal, o que significa que devem ser “cerimoniosos” em suas ações cotidianas, na obra evangelizadora, na participação na Liturgia e em outras circunstâncias.

Esta vivência pode significar para eles um compromisso perpétuo com a verdade e com prática da virtude, mas tudo deve ser realizado com beleza, que se torna importante elemento de santificação (CALVANI, 2010).

Rivera (2003, p.437) afirma que os Arautos são consagrados a Jesus Cristo por meio de Nossa Senhora. No medalhão da sociedade estão contidos os três principais símbolos: as chaves de São Pedro, simbolizando o Papa, a imagem de Maria Santíssima e a Santíssima Eucaristia. Os Arautos levam à cintura, uma corrente de ferro que representa a fortíssima ligação de cada Arauto com Maria Santíssima, justificando a denominação destes religiosos como escravos de Jesus através de Maria.

Vale ilustrar



Figura 1. Imagem obtida no site oficial dos Arautos do Evangelho.

Pendente desta corrente está o Rosário, frequentemente recomendado por Maria em suas aparições. O hábito dos Arautos é uma túnica branca, ornada de um escapulário marrom que ostenta a Cruz de Santiago, em vermelho e branco.

Neste sentido, a existência dos Arautos do Evangelho se situa no pluralismo religioso contemporâneo, apresentando-se principalmente como uma proposta a mais no amplo mercado de bens simbólicos ofertados, aos fiéis e possíveis conversos (DIAS, 2010, p.30).

Portella (2010, p.1) afirma que o carisma é a expressão da alma. Quando a alma fala, sua essência espiritual e divina se manifesta, e o indivíduo brilha e conquista. É no carisma que reside sua força e poder.

Carranza (2005, p.46) explicita que, em se tratando do carisma dos Arautos do Evangelho, eles assemelham-se aos franciscanos como seguidores do Cristo pobre, e se aproximam dos dominicanos na busca do Cristo mestre.

O Cristo dos Arautos é o mesmo Cristo e Senhor, porém, visto e amado com maior ênfase a partir de ângulos diversos. Tal é a riqueza da santidade e da perfeição de

Jesus Cristo que, pela infusão do Espírito Santo, ele tem inspirado a Igreja, com os mais diversos carismas (RIVERA, 2003, p.442).

Vale ilustrar



Figura 2. Imagem obtida no site oficial dos Arautos do Evangelho.

Segundo a autora Juliana Munhoz (2012) os Arautos do Evangelho possuem alguns carismas¹⁸ e formas de espiritualidade, que são evidenciados pelo grupo para alcançar a santidade: valorização do belo, vida de oração contemplativa, meditação, obediência, cumprimento dos sacramentos da Igreja Católica, disciplina, ordem, devoção à eucaristia, a Maria Santíssima e ao Papa – (à Cátedra de Pedro).

Logo a valorização do belo para os Arautos está ligada à beleza de Deus: “Nesse mundo em que o homem perdeu até o senso do belo, os Arautos do Evangelho podem ajudar os homens a redescobrir a Deus, restaurando neles esse senso de pulcritude que foi deformado pelo pecado.” (D. GIOVANNI, 2001, p. 16 apud MUNHOZ, 2012, p.14). Redescobrir a beleza do universo criado e da redenção significa para os Arautos a possibilidade de salvação: “A beleza salvará o mundo” (MUNHOZ, 2012, p.14).

O anseio de perfeição e a busca pela salvação estão diretamente ligados a natureza do belo, o homem precisa dessa beleza de Deus. Por isso, os Arautos do Evangelho necessitam refletir em seus atos o mandamento deixado por Jesus Cristo. “Sede perfeitos, assim como vosso Pai Celeste é perfeito (Mt 5, 48).” Daí procurarem em suas cerimônias o belo e a perfeição.

¹⁸ Cada carisma na Igreja representa uma forma peculiar de seguir Jesus Cristo. Os Arautos do Evangelho, por sua vez, procuram imitá-Lo na sua luminosa perfeição, fazendo da beleza Encarnada no Filho de Deus o caminho para o Céu. Disponível em: <http://www.arautos.org/especial/37074/O-carisma-dos-Arautos-a-luz-da-Idquo-Sequela-Christi-rdquo-.html>

Da consideração admirativa dos esplendores da arte católica, nasce para os Arautos do Evangelho um ideal: fazer surgir de entre as luzes matizadas e sublimes dos vitrais medievais uma aurora de novo brilho e fulgor dentro da Santa Igreja. Levar o belo a pobres e ricos, a todos os carentes o maravilhoso, é a alta missão evangelizadora decorrente deste novo carisma, recentemente reconhecido pelo Papa (D. GIOVANNI, 2001, p. 17 apud MUNHOZ, 2012, p.16).

Cada um deles brilha com uma centelha própria e única, e o conjunto de todos eles reflete o desdobramento na história do resplendor de Jesus. (RIVERA, 2003)

Como consequência da devoção eucarística e da entrega a Jesus, grande parte dos Arautos do Evangelho, antes mesmo da concretização de sua proposta de vida através da forma canônica por meio de uma Sociedade de Vida Apostólica, já praticava os conselhos evangélicos (CARRANZA, 2005, p.61).

Ao optar pela vida comunitária sob obediência a um superior, praticando a castidade e entregando seus bens pessoais, procuram eles o perfeito cumprimento da Sequela Christi.

Deste modo, para Portella (2010, p.9) o segredo da evangelização dos Arautos advém da certeza de que tudo é Graça, ou seja, nada é possível sem a Graça.

Portella (2010, p.9) assevera que Deus se utiliza de diversos meios para transmiti-la. E os Arautos, baseados no Magistério pontifício, procuram incentivar um importante instrumento para o êxito da nova evangelização, tal como a transmissão da fé e evangelização por meio de incentivos à cultura e à arte.

O carisma dos Arautos do Evangelho parte de uma visão simbólica de Deus e da ordem do universo, incluindo as coisas materiais e espirituais, discernindo em tudo o reflexo do Criador, a beleza. (PORTELLA, 2010, p.10)

Os Arautos do Evangelho, em consequência, na vida cotidiana, procuram a perfeição através da gentileza e da beleza cumprindo assim os mandamentos e respondendo ao chamado à perfeição (PORTELLA, 2010, p.10).

Entretanto, de acordo com Carranza (2005), os Arautos do Evangelho não restringem este chamamento aos atos interiores, procuram manifestá-lo em todas as suas atividades, que se tornam reflexo de Deus.

Os Arautos em cumprimento do próprio carisma devem focar as atividades evangelizadoras, no relacionamento com os irmãos, na participação da Liturgia, ou em qualquer outra circunstância. (CARRIKER, 2008, p.81)

Nesta busca pela perfeição, integram o carisma dos Arautos do Evangelho não só a compreensão da verdade e a prática da virtude, mas verdade e virtude devem se revestir de pulcritude, importante elemento de santificação e de evangelização (PORTELLA, 2010, p.21).

Segue ilustração



Figura 3. Imagem obtida no site oficial dos Arautos do Evangelho.

Na contramão dessa postura, Aguiló (2006) aponta que alguns estudiosos consideram essa ênfase na beleza como obsoleto na contemporaneidade e esses gestos dos Arautos defasados nos dias de hoje em virtude das técnicas e do como um todo (AGUILÓ, 2006, p.98).

Aguiló (2006, p.98) não concorda com esta leitura. Para este autor, atrair a juventude para Cristo é um dos maiores desafios da Igreja. A resposta consiste em apresentar, na evangelização, Cristo com o seu verdadeiro rosto. Assim, os jovens reconhecem-no como resposta convincente e podem aceitar a sua mensagem.

Aos Arautos do Evangelho cabe a função de desvendar a totalidade e o segredo de uma autêntica evangelização. Tal método deveria ser seguido pelos evangelizadores em qualquer campo de apostolado, sobretudo com os jovens (AGUILÓ, 2006, p.99).

O carisma dos Arautos do Evangelho versa ainda na proposição dos ensinamentos do Papa João Paulo II, que buscava apresentar o verdadeiro rosto de Jesus Cristo como o mais acertado instrumento para o êxito apostólico (AGUILÓ, 2006, p.99).

Segundo Portella (2010, p.56), o carisma dos Arautos do Evangelho pode ser caracterizado como um seguimento de Cristo enquanto imagem da glória do Pai, e, portanto, como comunhão do discípulo com o Mestre pela via da beleza.

A partir de tal constatação, Portella (2010, p.57) diz que pode-se verificar a autenticidade moral e prática do carisma junto aos Arautos do Evangelho, uma vez que a vida de cada um de seus membros buscar ser uma realização radical do ideal de vida de todo cristão, tal como era entendido já nos primórdios originais da Igreja.

Dentro deste contexto, Portella (2010, p.57) acrescenta que definir o seguimento a Cristo é como tornar-se um *alter Christus*, pelo compromisso de vida, ajustando a própria maneira de ser e de se relacionar com o Pai, auxiliando também o próximo nesse projeto.

Rivera (2003, p.437) esclarece que existem algumas perspectivas fundamentais no carisma dos Arautos do Evangelho. A primeira é interior e mística, puramente contemplativa, e consiste na procura, no universo criado, tanto material quanto imaterial, do absoluto, da majestade, da glória e da bondade de Deus.

Deste modo, Jesus Cristo, Verbo encarnado, é o revelador do mistério em que o Pai manifesta sua glória, e o Pai é o próprio Arauto do Evangelho por excelência (RIVERA, 2003, p.437).

Esta concepção contemplativa não é estática, pois, através da contemplação, ocorre uma real transformação interior, levando o indivíduo a pensar, querer e sentir a presença do Verbo de Deus no coração do ser humano (RIVERA, 2003, p.461).

Outra perspectiva, segundo Rivera (2003, p.461) é a atitude exterior, prática e ascética, pela qual os Arauto do Evangelho procuram tornar sua vida de simbolismo e sua atitude contemplativa percebida e acolhida pelos receptores da missão.

As vestimentas representam para os Arautos a expressão externa do belo.

Vale ilustrar



Figura 4. Imagem obtida no site oficial dos Arautos do Evangelho.

Desse modo, o ambiente natural desses evangelizadores é um mundo sacral, de cerimônias e de ritos, cheio de significado, no qual desempenham importante papel a disciplina, o bom trato, a conversação elevada (RIVERA, 2003, p.463).

Segundo Rivera, os Arautos do Evangelho se apresentam como colaboradores para que as pessoas sejam conscientizadas em profundidade e suas almas se impregnem do suave odor de Cristo, supremo modelo inspirador desse modo de viver (RIVERA, 2003, p.463).

Neste sentido, a Liturgia ocupa lugar substancial na vida dos membros desse Movimento, como segmento de transmissão do carisma dos Arautos do Evangelho (RIVERA, 2003, 464).

Na Liturgia, é manifestada a ideia de que Cristo passou pelas sombras da morte, mas brilhou em sua plenitude na glória da Ressurreição. Deste modo, todas as realidades do carisma têm profunda relação com essa fundamentação cristológica (CARRANZA, 2005, p.62).

Silveira (2004, p.153) insiste que o prisma pelo qual se define propriamente a identidade do carisma é a temática do *pulchrum*. Assim, o belo torna possível aos corações prepararem-se para o encontro com a fonte da beleza, com aquele mesmo que se definiu como luz do mundo.

O mesmo autor observa ainda que essa beleza possui também uma dimensão moral, pois gera nas pessoas um sentido sublime, ou seja, o sentido leva a viver no segmento e na imitação de Cristo, já que só ele pode realizar nas almas o verdadeiro ideal de perfeição proposto pela fé, mediante suas divinas inspirações (SILVEIRA, 2004, p.153).

Em paralelo, Carranza (2005, p.58) assegura que o fundador do Carisma se tornou um homem de certa forma providencial capaz de discernir a oportunidade de um serviço necessário para a caminhada do povo de Deus.

A mesma autora elucida que para os Arautos o suporte da missão é a Providência divina, sendo ela quem aglutina almas em torno do Carisma (CARRANZA, 2005, p. 58).

Providencial também foi a figura de Monsenhor João Scognamiglio Clá Dias, que teve sempre seus olhos voltados para aqueles que o precederam com o sinal da Fé, almejaram a realização do cumprimento de sua vocação (CARRANZA, 2005, p.58).

Segundo Rivera (2003, p.460), os Arautos do Evangelho consideram que a Providência Divina colocou na alma de Monsenhor João Scognamiglio Clá Dias a semente geradora de fundador e o perfil de seu carisma.

Destarte, conhecendo a vocação, dos Arautos do Evangelho, Monsenhor João o considerou como crucial mesmo em ocasiões difíceis. Consagrou-os a Nossa Senhora e advogou a urgência da realização deles para a maior glória dela (PORTELLA, 2010, p.8).

Reconhecendo a relevância desse carisma, o Papa João Paulo II proclamou os Arautos do Evangelho como Associação Internacional de Fiéis de Direito Pontifício em 22 de fevereiro de 2001, data em que se comemora a Cátedra de Pedro (RIVERA, 2003, p.442).

Com a realização do sonho de Monsenhor João Scognomiglio, os Arautos do Evangelho passaram a se reconhecer como “braço do Papa”. Com este vínculo íntimo e particular e sob a orientação de seu Fundador, a obra dos Arautos passou a se expandir por dezenas de países. A compreensão cada vez maior do próprio carisma favoreceu novos desdobramentos dentro da sua família religiosa global (CARRANZA, 2005, p.60).

Sintetizando este item, ficou patente que a fidelidade à sagrada imagem do Cristo, a beleza e esplendor sagrado das igrejas, que frequentam, colorido e beleza das vestimentas, o estilo de linguagem e a sublimidade musical dos cultos religiosos, constituem parte integrante do carisma e das estratégias de ação dos Arautos do Evangelho.

As abordagens no tocante especificamente à missão cristã dos Arautos do Evangelho, e sua caracterização pelo belo e pelo sublime, serão objeto do capítulo terceiro.

1.3 – A presença e expansão dos Arautos do Evangelho no espectro do catolicismo contemporâneo.

O campo religioso contemporâneo está cada vez mais fluido, plural, dinâmico e compósito. Para Bourdieu, a noção de campo, extremamente dinâmica, fluida e articulatória, designaria:

[...] um espaço no interior do qual há uma luta pela imposição de uma definição do jogo e dos trunfos necessários para dominar este jogo (BOURDIEU, 1990, p.119).

Para o autor, tal categoria nos possibilita efetivar metodologicamente algumas divisões visando a análise pormenorizada como a do campo político, econômico, educacional, intelectual, religioso, sem nunca perdermos a dimensão dialética entre o campo pesquisado e os demais em suas relações de composição, troca, integração ou mesmo de rechaço.

De acordo com Zanotto (2011), campo religioso, em especial, apresenta um expressivo crescimento e diversidade de grupos, doutrinas, filosofias, religiões, religiosidades, novos movimentos religiosos, enfim, apresenta-se como um fenômeno extremamente significativo, como reforça Deis Siqueira (In: SIQUEIRA. LIMA, 2003, p. 25). Nesta mesma perspectiva Pierre Sanchis destaca há muito que o Brasil parece ter sido sempre declinado ao plural em sua formação histórica visto que apresenta uma combinação tríplice de lógicas em suas manifestações religiosas que articula as mentalidades pré-moderna, moderna e pós-moderna (In: ORO. STEIL, 1997, p. 104s apud ZANOTTO, 2011, p. 281). Em suas considerações sobre o campo religioso contemporâneo no país, o autor afirma:

Parecia haver uma relativa homogeneidade religiosa dentro do território nacional. Aceleradamente as diferenças – e cruzamentos – se manifestam. Diversificação ativa, que multiplica, até no interior da mesma complexa instituição, como a Igreja Católica, as instâncias de referência identitária, os sistemas de atribuição de sentido, as famílias de espírito reagrupadas em torno de visões de mundo e ethos institucionalizados, as etiquetas religiosas coletivas, os produtos investidos de poder espiritual consensual – por um lado -, e, por outro – talvez até, sobretudo – as maneiras de aderir a estes consensos, de pertencer a estes coletivos, de compartilhar estas visões de mundo e de adotar a orientação estes ethos; as modalidades da crença nestes sentidos e nestes poderes; os modos, exclusivos ou múltiplos, de afirmar e/ou combinar estas identidades, seja em assumindo uma posição estável, seja em tateando num itinerário só ou ainda, simplesmente, em procurando, através de mil caminhos, um horizonte... (ZANOTO, 2011, p.281).

Em vista a toda essa diversificação, como apresenta Sanchis, o catolicismo não permaneceu incólume. Uma miríade de grupos, quase grupos, ordens, congregações, movimentos, constituíram-se nas últimas décadas tornando ainda mais plural este

universo confessional já multifacetado.¹⁹ Neste sentido, a gênese dos Arautos do Evangelho situar-se no contexto amplo de pluralização crescente no espectro religioso contemporâneo e apresenta-se como mais uma das propostas em voga no amplo mercado de bens simbólicos ofertados cotidianamente aos fiéis e possíveis conversos potenciais.

Reverendo os passos deste capítulo já podemos tirar algumas conclusões. Nascida no berço da TFP, a Associação Arautos do Evangelho, sob o comando do seu fundador João Scognamiglio Clá Dias, rompe com a matriz e se constitui em nova agremiação no seio da Igreja Católica. Uma verdadeira Ruptura? Tudo indica que se trata mais de uma dissidência estratégica do que uma total ruptura. O fundador Clá Dias que sempre se manteve reverente a seu mestre, Plínio Correa de Oliveira, institui que o momento que a Igreja Católica se encontrava era propício para um distanciamento da TFP, cujas posições de estremo conservadorismo incomodavam a maioria das autoridades eclesiais. O momento era de esvaziamento do Concílio Vaticano II e de distanciamento das suas posições mais avançadas e de uma volta a grande disciplina, consolidada por João Paulo II e continuada por Bento XVI, aliado a um empenho vigoroso em recompor o rebanho católico. Nesse espectro das conjunturas católicas proliferavam e prosperavam instituições como a Renovação Carismática Católica e a Opus Dei, que praticavam um conservadorismo aliado a práticas religiosas mais atraentes para o povo do que os discursos raciais das Comunidades de Base e da Teologia da Libertação. Neste contexto cabia, pois, a fundação de uma agremiação de estilo militarizante, com seus cavaleiros totalmente devotados ao comando do Papa e dos Bispos, não mais portando couraços nem empunhando espadas, mas revestidos de uma beleza pomposa, fulgurante, medievalesca, dispostos a ir à luta em todos os cantos da terra para reconquistar para a Igreja as almas desgarradas. Cabe, então, a pergunta: que beleza é esta que se transforma em estratégia de conquista a serviço da restauração da Igreja? É a questão que motiva a elaboração do próximo capítulo.

¹⁹ Coutinho apresentou uma proposta de localização dos diversos grupos existentes no espectro católico agrupando as identidades consolidadas nos anos 1950 – e que ainda mantêm-se como fortes referenciais para os fiéis – às novas posições desenvolvidas na segunda metade do século XX: identidade egemônica-política do catolicismo tradicional romanizado, identidade contra-hegemônica alternativa do catolicismo social, identidade contra-hegemônica de caráter residual do catolicismo popular tradicional, posição de identificação, posição de adaptação cultural, posição de gueto, posição de cruzada e posição de restauração. Ver COUTINHO, 2004, p. 100ss.

CAPITULO II

A ESTÉTICA, O BELO, O SUBLIME. A POLISSEMIA DOS CONCEITOS, AS CONCEPÇÕES AO LONGO DA HISTÓRIA E A PERCEPÇÃO DOS ARAUTOS DO EVANGELHO.

Este capítulo objetiva apresentar resumidamente os principais enfoques sobre estética, belo e sublime como preâmbulo para focalizar a concepção que os Arautos do Evangelho manifestam a respeito destes conceitos. Emprestado difícil dado a polissemia que os envolve, mas necessária para uma compreensão mais adequada do ponto fulcral da missão dos Arautos, a evangelização pela beleza.

2.1 – A polissemia dos conceitos

Considerando a beleza não como um dado absoluto, mas antes como um juízo inconstante, variável geográfica, histórica e culturalmente, Umberto Eco propõe passar em revista os critérios adotados para definir o belo ao longo da história da arte no Ocidente, da Antiguidade Clássica grega à sociedade do consumo do final do século XX.

Umberto Eco (2010) em seu estudo sobre a história da beleza (Eco, 2010), expõe, logo no início do livro, um conjunto de centenas de fotografias que ele divide em dez partes, chamados por ele de “quadros comparativos”. As fotos vão da Vênus de Millus até Lady Diana, passando por obras de arte as mais diversas (Ticiano, Goya, Picasso), atores (Garbo, Brando) e até políticos como Keneddy. A intenção é mostrar que “aquilo que é considerado belo depende da época e da cultura”. Diz ele, logo nas primeiras páginas: “Este livro parte do princípio de que a beleza jamais foi algo de absoluto ou imutável, mas assumiu faces diversas segundo o período histórico e o país [...]” (ECO, 2010, p.14).

Se a imagem é bem elaborada, bem construída ou pintada ou ainda bem esculpida, não representaria essa imagem um conceito estético de beleza? Consideramos que aqui se apresenta um relativismo na estrutura dos conceitos canônicos do que é belo e do que é feio.

Aceitar, pois, a beleza é também a aceitação do que não é belo, é também aceitar a feiura, cuja história Eco (2010) narra com propriedade, cercando-se de autores que nesta última encontraram o prazer contemplativo, a que refere Kant.

Queiroz e Lima (2009) ressaltam que ao longo dos séculos a ideia de belo foi destacada sob diferentes perspectivas e olhares, por artistas, filósofos, pintores. Desde a Grécia antiga até os dias atuais a ideia de belo é um referente imaginário, uma produção. Enquanto para uns a beleza era a mais perfeita harmonia e simetria, para outros a beleza estava na desordem. Cada época problematizou o conceito de belo à sua maneira e a definição de beleza passou por várias transformações.

Na Antiguidade clássica, por exemplo, a ideia de proporção e harmonia revelou-se um dos traços marcantes da beleza. Eco (2010) cita que, na Grécia antiga, a representação visual de uma bela donzela seguia as regras da justa proporção e harmonia, ou seja, o artista tinha o zelo de, no seu trabalho, criar todas as partes do corpo de maneira harmoniosa, desenvolvendo-o de maneira que seus membros mantivessem uma justa relação harmônica, regulando-o conforme as leis matemáticas.

As autoras LÓDE e OLIVEIRA (2012, p.2) esclarecem que a preocupação com esses conceitos é derivada da premissa de que as especificidades da arte são decorrentes dos diferentes contextos sociais. Portanto, como alerta Francastel,

[...] a investigação sobre os aspectos significativos e sociais da arte se apresenta como infinitamente mais delicada. Para ser exato, cada época deve ser abordada com um método diferente. É certamente permitido, entretanto, propor algumas direções gerais e alguns objetos precisos à pesquisa (FRANCASTELL, 1993, p.42 apud LODE e OLIVEIRA, p. 2).

2.2 – Na antiguidade grega

Embora o conceito de beleza exista desde sempre, foram os gregos quem primeiro tentaram defini-la, primeiro associando-a a justiça: “O mais justo é o mais belo”, responde o Oráculo de Delfos. Contudo, conforme Umberto Eco (2010, p.37) “a beleza para os gregos encontra-se sempre associada a outras qualidades, tais como a “medida” e a “conveniência” e posteriormente o conceito amplia-se e inclui “o que é sempre desejável e eventualmente “aquilo que agrada”. Por fim, os gregos passam a associar a beleza com proporção e harmonia, certamente devido à influência da

matemática. Esta concepção segue presente na ideia de beleza do período medieval renascentista, e até no período moderno. Nota-se que nas estátuas gregas o cabelo tem grande importância, que funciona como parte da composição do rosto. O mesmo ocorre com a pintura do período medieval renascentista. Como as obras de arte costumam ser testemunho de seu período histórico, é correto supor que as mulheres e homens da época cultivavam seu cabelo como parte importante da composição corporal, visando especialmente a beleza (MOURA, 2007, p. 15).

É na Arte Grega que podemos perceber que a beleza é discutida como visão subjetiva do ser que a contempla e, assim, antecipam-se as posições Kantiana que queremos adiante. É na Grécia que encontramos três características estéticas, de acordo com Eco (2010): a beleza ideal, que representa a natureza humana de forma idealizada e não realística; a beleza espiritual, em que o escultor Praxíteles, por exemplo, buscava a expressão da alma no olhar de suas esculturas e a beleza funcional ou beleza útil, que interpretamos na eliminação de ornamentos supérfluos nas muitas representações em mármore produzidas pelos escultores gregos (RAHDE, 2012, p.52-53).

A relação de beleza com as coisas boas e puras, também surgiu na antiguidade. Rahde (2012) esclarece que foi o filósofo grego chamado Kalos kai Agathos quem primeiro associou a beleza como um indicador de virtude e de bondade. Tempos depois com o Neoclassicismo os valores de simetria e harmonia retornaram e nessa época, o ideal de beleza eram as estátuas de Canova²⁰.

De acordo com Pinheiros (2010, p.1), um dos traços centrais da religião grega é a beleza de seus deuses. Lembremos a *Ilíada* e a *Odisséia*. A beleza física e espiritual (as virtudes e excelências, *aretaí*) são elementos tão centrais para a divindade grega que não podemos pensar o deus grego sem levar em conta o fascínio imediato que a sua presença aterradora provoca em seus contempladores. O estupor frente a uma realidade descomunalmente bela, que atrai irresistivelmente, é um traço indissociável da experiência do divino na Grécia. Um dos cernes da experiência da epifania grega é ser irresistivelmente belo. Deve-se ampliar essa característica para descrever até mesmo outros traços dos deuses: sua força e poder, por exemplo, podem ser compreendidos como aspectos irresistíveis: quando um deus quer, o homem termina por ser seduzido.

²⁰ Antônio Canova (1757 – 1822), foi um desenhista, pintor, antiquário e arquiteto italiano, mas é mais lembrado como escultor, desenvolvendo uma carreira longa e produtiva, famoso pelas suas esculturas em mármore.

O mesmo autor esclarece que é sempre necessário lembrar que a noção de beleza na Grécia, *tó kallós*, está intimamente conectada com diversas outras noções que remetem à excelência: há quase que uma sinonímia entre *kalós*, belo e *agathós*, bom; e o superlativo desta última, *aristós*, está ligada à própria palavra *areté*, virtude. Assim, esta beleza grega, essencial em seus deuses, convoca e exige de seus admiradores também a procurarem ser o mais belo que lhes for possível. A beleza exige. No respeito apaixonado a essa exigência, o herói grego se lança na aventura de vir a ser o que é, sempre ameaçado pelas mais diversas forças. O motor da busca da excelência, a *areté* de um herói grego é seu enamoramento pelo superlativo do belo divino. Suas ações são orientadas especialmente pelo interesse em assemelhar-se aos deuses em sua máxima força e realização de si mesmos. Assim, se pode falar de um imperativo estético provocado pela religião da Grécia (PINHEIROS, 2010, p. 1).

Na Antiguidade grega (e, como veremos, na Idade Média) as reflexões sobre arte (atividade do artífice) e sobre o belo eram realizadas em instancias distintas. Platão em *A Republica, Livro X*, apresenta seu conceito sobre o artista como aquele que imita a natureza e distancia da verdade. Para o filósofo:

A imitação está, portanto, longe do verdadeiro. Ela modela todos os objetos, e, segundo parece, toca apenas uma pequena parte de cada um, a qual não é, aliás, senão uma sombra. O pintor, diremos nós, por exemplo, nos representará um sapateiro, um carpinteiro ou outro artesão qualquer sem ter nenhum conhecimento do ofício deles; entretanto, se for bom pintor, tendo representado um carpinteiro e mostrando-o de longe, enganará as crianças e os homens privados de razão, porque terá dado à sua pintura a aparência de um autêntico carpinteiro (PLATÃO apud LÓDE e OLIVEIRA, 2012, p. 4).

Assim como qualquer artesão, o poeta também é compreendido por Platão como causador do distanciamento da verdade. Por isso não pode viver na cidade que ele idealiza. Dessa forma, na cidade justa de Platão, não há lugar para os imitadores, como podemos verificar na seguinte passagem:

— Podemos, pois, com justiça censurá-lo e considerá-lo como o par do pintor; assemelha-se-lhe, por produzir apenas obras sem valor do ponto de vista da verdade, e assemelha-se-lhe ainda, por ter comércio com o elemento inferior da alma, e não com o melhor. Assim, eis-nos bem fundamentados para não 'recebê-lo em um Estado que deve ser regido por leis sábias, já que acorda, nutre e fortalece o mau elemento da alma, e arruína, destarte, o elemento razoável, como acontece numa cidade que é entregue aos malvados, ao se lhes permitir que fiquem

fortes e ao fazer que pereçam os homens mais estimáveis; do mesmo modo, do poeta imitador, diremos que introduz mau governo na alma de cada indivíduo, lisonjeando o que há nela de irrazoável, que é incapaz de distinguir o maior do menor, que, ao contrário, encara os mesmos objetos, ora como grandes ora como pequenos, que produz apenas fantasmas, e está a uma infinita distância do verdadeiro (PLATÃO, Apud LÓDE NUNES e OLIVEIRA, 2012, p. 4-5).

Diferentemente de Platão, Aristóteles não entendia a imitação, ou mimese, como mera cópia do real. No início do capítulo II da Poética, Aristóteles afirma que o objeto da imitação é o homem em ação, o qual é bom ou ruim “[...] daí resulta que as personagens são representadas melhores, piores ou iguais a todos nós” (ARISTÓTELES, Poéticas, c. II, § 1 apud CAUQUELIN, 2005, p. 61). Essa noção de mimese é a noção capital da Poética, entretanto, muitos autores não consideraram conveniente traduzir mimese por imitação quando se trata de Aristóteles pela diferente compreensão que esse filósofo tem em relação a Platão. Essa imitação presente na Poética refere-se a uma ação:

[...] fabricante, afirmativa, autônoma. Se ela repete ou imita, o que repete não é o objeto, mas um processo: a mimesis produz do mesmo modo como a natureza produz, com meios análogos, com vista a dar existência a um objeto ou a um ser; a diferença se deve ao fato de que esse objeto será um artefato, que esse será um ser de ficção (CAUQUELIN, 2005, p. 61).

O ser de ficção não se compromete com a verdade, com o que realmente aconteceu, mas com o verossímil, o possível. Na tentativa de entender essa questão, considera-se esta passagem da Poética.

O historiador e o poeta não se distinguem um do outro, pelo fato de o primeiro escrever em prosa e o segundo em verso (pois, se a obra de Heródoto fora composta em verso, nem por isso deixaria de ser obra de história, figurando ou não o metro nela). Diferem entre si, porque um escreveu o que aconteceu e o outro o que poderia ter acontecido (ARISTÓTELES, Apud LÓDE e OLIVEIRA, 2012, p. 5).

Entretanto ‘o que poderia ter acontecido’ deve ser verossímil para que os espectadores acreditem na imitação. O verossímil é explicado por CAUQUELIN (2005) como algo que “[...] está submetido ao conjunto de nossas crenças; os limites do acreditável são os limites dessas crenças. Mas essas são as crenças da opinião comum: a

doxa”. Em suma podemos entender que é a doxa que possibilita o verossímil, que por sua vez é o cerne do prazer da imitação (CAUQUELIN, 2005, p. 64).

Assim, como os conceitos sobre a imitação são diferentes em Platão e Aristóteles, também são quando a questão é o belo, ou beleza. Bayer explica que para Platão,

[...] a beleza suprema está ligada à Ideia do verdadeiro e do bem. Mesmo nos seus diálogos, onde o belo é o esplendor do verdadeiro e do bem, há esplendor, isto é, qualquer coisa de, não abstrato, de não racional, de sensível e sensual. Se a beleza tem um pouco do rigor de um e da pureza do outro, o belo age reciprocamente sobre as Ideias. A justiça não é só um acordo, uma identidade entre dois elementos, mas uma harmonia que tudo une. (BAYER, 1993, p. 42).

Sendo assim é possível entender que em Platão a realidade é uma cópia imperfeita, importante é conhecer as ideias, na qual se encontra o bem, a verdade e o belo. Para Aristóteles, o que importa é a realidade, a qual só pode ser conhecida por meio das causas²¹, ou seja, quando se conhece a causa final. Aristóteles separa a arte e o belo. Sua conclusão é de que:

[...] a arte é técnica, o belo é metafísico. Na sua Metafísica, toma a enteléquia, a realização do fim como princípio essencial. A principal questão da estética é para Aristóteles, como para Sócrates, a questão das relações do belo com o bem ou com o útil. Os dois conceitos não são de modo algum idênticos, enquanto que em Platão continuam a ser possíveis as confusões (BAYER 1993, p. 48).

A estética aristotélica é muito importante para nós porque, a partir de meados do século XII. Aristóteles influenciará o pensamento dos doutores desse período, especialmente de Tomás de Aquino, no século seguinte. Em meio a estas reflexões podemos concluir que a estética de Aristóteles é segundo Bayer uma estética lógica, portanto, deve ser louvada.

²¹ Aristóteles representou a pesquisa causal nos seus quatro elementos: a causa material (aquilo de que feito o objeto); a causa motora ou eficiente (o que deu lugar a esse objeto); a causa formal (o que deu a forma do objeto); a causa final ou teológica (aquilo em vista de que, aquilo que um objeto visa): por aqui poderia introduzir-se a estética (BAYER, 1993, p. 47).

2.3 – Na Idade Média

Durante a Idade Média outros aspectos na arte grega como os princípios da Harmonia, da Proporção e do Equilíbrio dos corpos perduraram.

Para a tradição pitagórica... a alma e o corpo do homem estão sujeitos às mesmas leis...[e] proporções que se encontram na harmonia do cosmo de modo que o micro e o macrocosmo (o mundo em que vivemos e o universo inteiro) aparecem ligados por uma única regra matemática e estética, ao mesmo tempo (ECO, 2010, p. 82).

No entanto, a Idade Média introduziu variações nesses conceitos, prossegue o autor, seguindo a filosofia agostiniana de que Deus organizou a natureza com ordem e medida e “a mediadora dessa obra será a Natureza... e o ornamento do mundo, isto é, a Beleza, é a obra de acabamento da Natureza” (ECO, 2010, p.83).

Para se entender as manifestações estéticas nas diversas culturas, faz-se necessário compreender a produção de imagens visto que as mesmas fazem parte do processo de comunicação, os centauros, as sereias, o minotauro, a esfinge, os diversos deuses egípcios e assírios, os grifos e as gárgulas, entre outras representações aparentemente monstruosas, representam contrastes nos cânones instituídos de Beleza estética pelas suas concepções imagísticas, quando apresentam uma dignidade estética nas suas manifestações iconográficas.

Rahde (2012, p.5) ressalta que na Idade Média as gárgulas serviam como escoadouro das águas pluviais e eram esculturas consideradas como ornamento das casas ou catedrais, dispostas a uma certa distância das paredes altas dos prédios. Apesar da sua visualidade representar características monstruosas, imagens híbridas entre o humano e o animal, a estética dessas esculturas poderia estar associada à mútua colaboração que Tomás de Aquino refere como possível beleza, isto é as muitas pedras que se unem para construir uma casa, numa interação das partes para o estabelecimento do todo.

Portanto, esses seres mitológicos apresentaram riqueza estética na visualidade de suas:

[...] figuras tais como faunos, ciclopes, quimeras e minotauros, ou de divindades como Príapo, consideradas monstruosas e estranhas para os cânones de beleza expressos pela estatuária de Policlete ou de

Praxíteles, embora a atitude para com essas entidades, nem sempre fosse de repugnância (ECO, 2010, p. 132-133).

Assim cabe ressaltar que:

[...] já havia sido enfrentado por Santo Agostinho em um parágrafo de sua Cidade de Deus: também os monstros são criaturas divinas e de algum modo pertencem, eles também, à ordem providencial da natureza. Caberá aos muitos místicos, teólogos e filósofos medievais demonstrar de que maneira, no grande concerto sinfônico da harmonia cósmica, mesmo os monstros contribuem, nem que seja por contraste...para a Beleza do conjunto (ECO, 2010, p. 147).

Anselmo de Cantuária (1033-1109) é figura imprescindível na evolução da teologia e do pensamento medieval. Suas obras refletem a penetração do aristotelismo na filosofia da época e ele é considerado o primeiro escolástico, precursor das posições de Tomás de Aquino. Sua obra principal, o *Proslogium seu Alloquium de Dei existentia* ficou celebre por introduzir a chamada “prova antológica” para demonstrar a existência de Deus. Nesta mesma obra tem, no capítulo XVII, uma belíssima passagem, ao referir-se à beleza divina. Diz ele:

“Que de modo inefável, que é o seu, existe em Deus a harmonia, o perfume, o sabor, a suavidade e a beleza. De todos os olhares ela (a alma) olha e não vê a tua beleza. Escuta e não ouve a tua harmonia. Aspira e não cheira o teu perfume. Saboreia e não conhece o teu sabor. Tateia e não sente a tua suavidade. Na verdade, Senhor Deus, tens estas coisas em ti segundo o teu modo inefável, tu que as dás às criaturas segundo o modo sensível”²².

2.4 – Na modernidade

Nosso estudo na modernidade sobre estética belo e sublime na modernidade vai se restringir numa exposição de Kant e seus comentadores.

²² Anselmo de Cantuária. *Proslogium seu Alloquium de Dei existentia*. Trad. José Rosa, cap. XVII. Informações obtidas no site: www.lusosofia.net/textos/Anselmo_cantuaria_proslogium.pdf. Acesso em 23/06/2014.

2.4.1 - Kant

Este filósofo que viveu entre 1724 – 1804 é o pioneiro na filosofia moderna ao tratar do belo, da beleza, do sublime. Veremos em primeiro lugar, estes conceitos diretamente na obra que trata deles diretamente, a saber, a *Crítica da faculdade do juízo* e depois em alguns comentadores.

Na *Crítica da Razão Pura*, publicada em primeira edição em 1781, Kant usa o termo “Estética Transcendental” mas por estética não entende uma teoria do belo, mas uma teoria da sensibilidade da qual investiga os princípios apriorístico. Só mais tarde, em 1790, ao escrever a *Crítica da Faculdade de Julgar*, (*Kritik der Urteilskraft*) que também é traduzido como “*Crítica da Faculdade do Juízo*” que é o que consta na tradução que usamos, publicada pela Forense Universitária, 1995.

2.4.2 – Os conceitos na faculdade do juízo

Na obra, Kant distingue dois tipos na faculdade do juízo: o juízo “determinante” que se refere a representação de um conceito; e o juízo “reflexionante” que se refere a representação de um objeto; refere-se as exigências e estados subjetivos do homem. Fonte do juízo reflexionante são o sentimento de prazer e desprazer. Este juízo concilia a faculdade do conhecer e a de desejar ao subordinar um conteúdo representativo a um fim. Os juízos reflexionantes, assim, podem ser teleológicos e estéticos. O teleológico refere-se a um objeto considerado segundo as exigências da razão; os estéticos tem relação a um objeto de maneira subjetiva, isto é, com um sentimento de eficiência que o homem sente perante este objeto.

Feitas estas distinções e outros esclarecimento na Introdução, Kant estabelece na primeira seção do livro a analítica de faculdade do juízo estético e no primeiro livro passa a dissertar sobre a analítica do belo sendo que o primeiro momento desta analítica é o juízo de gosto. “O juízo de gosto é estético” (KANT, 1995, p. 47).

“O juízo de gosto não é nenhum juízo de conhecimento” (KANT, 1995, p.48). Definir se algo é belo ou não, não se faz pelo entendimento mas pela imaginação que produz no sujeito um sentimento de prazer ou desprazer. Kant é categórico em afirmar “que o juízo de gosto não é nenhum juízo de conhecimento e por consequente não é

lógico e nem estético, pelo que se entende que o seu fundamento e determinação não pode ser senão subjetivo” (KANT, 1995, p. 48 – grifo do autor).

Essa subjetividade é reforçada mais adiante quando Kant disserta sobre “o ideal da beleza” (KANT, 1995, p. 77 e 55). Diz ele que “não pode haver nenhuma regra de gosto objetivo que determine através de conceitos o que seja belo. Pois todo juízo proveniente desta fonte é estético, isto é, o sentimento do sujeito e não o conceito de um objeto é seu fundamento determinante.”

Kant se mostra absolutamente avesso a tentativa de procurar um princípio do gosto que forneça o critério universal do belo através de conceitos determinados. Para ele isso seria uma façanha infrutífera “porque o que é procurado é em si mesmo impossível e contraditório” (KANT, 1995, p. 77).

No segundo livro da Crítica da Faculdade do Juízo, Kant passa a tratar da analítica do sublime. Começa apontando a passagem de ajuizamento do belo à do ajuizamento do sublime. Segundo ele “o belo concorda com o sublime no fato que ambos aprazem por si próprio, ulteriormente, no fato de que ambos não pressupõem nenhum juízo dos sentidos nem um juízo lógico – determinante, mas um juízo de reflexão (ou reflexionante)” (KANT, 1995, p. 89). A consequência que Kant deduz dessa afirmação é que “a complacência (no sentido de comprazer) não se prende a uma sensação como a do agradável, nem a um conceito determinado, como é a complacência no bom, e, contudo é referido o conceito, se bem que sem determinar quais.”

Mas Kant aponta também as diferenças entre ambos “que saltam aos olhos.” “Enquanto o belo comporta diretamente um sentimento de promoção da vida e por isso é vinculável a atrativos e a uma faculdade de imaginação lúdica, o sentimento do sublime é um prazer que surge só indiretamente, ou seja, ele é produzido por um sentimento de uma momentânea inibição das forças vitais e pela efusão imediatamente consecutiva e tanto mais forte das mesmas, enquanto convocação não parece ser nenhum jogo, mas ocupação da faculdade da imaginação” (KANT, 1995, p.90).

Mas o que seria então do sublime? Kant assim expressa a sua definição nominal: “denominamos sublime o que é grande acima de toda comparação” (KANT, 1995, p.93 – grifo do autor) Em seguida Kant passa a fazer uma avaliação das grandezas das coisas da natureza, a tratar dinamismo do sublime na natureza ou de natureza como um poder. Para Kant, o sublime tanto quanto o belo é fonte de sentimento de prazer universal.

Visto estas considerações da estética, do belo e do sublime diretamente na obra Kantiana, vamos passar as reflexões e explicações de alguns comentadores.

2.4.3 – Alguns comentadores

De acordo com Almeida (2010, p.4) Kant refere-se ao sublime como um objeto (da natureza) cuja representação determina o ânimo a imaginar a inacessibilidade da natureza como apresentação de ideias.

A mesma autora salienta que, em termos muito gerais, podemos dizer que há coisas sobre as quais nos é possível pensar, porém, não nos é possível traduzir por imagens. São, conforme em Kant, "ideias de razão"; ideias respeitantes a uma faculdade humana que concebe, cria, dá nome às coisas, articula ideias, podendo, neste movimento, projetar-se para além de qualquer linha ou divisa, para além dos limites de toda experiência possível. Todavia, devido à nossa natureza corpórea, limitada no espaço e no tempo não nos é possível, igualmente, transcender os limites de toda experiência e, de fato, "experimentar" certas ideias ou, em outras palavras, pô-las diante de nós como imagens, como coisas espaço-temporalmente também limitadas. Instaura-se aí uma tensão (ALMEIDA, 2010, p. 4).

Trata-se aqui de algo que transcende os limites da própria imagem, bem como a nossa capacidade imaginativa, afirmando a impossibilidade de oferecer um contraponto sensível, articulado no mesmo espaço-tempo que nos conforma.

As duas experiências que constituem o juízo reflexionante são o belo e o sublime, que podem se consumir frente a um fenômeno natural ou artístico; são, respectivamente, um prazer e um desprazer superiores, pois são desinteressados nos seus princípios. Tanto no belo como no sublime, o objeto representado importa apenas enquanto o simples efeito de uma representação sobre o sujeito e não como a sua existência concreta (KANT, 1993, 42-43 Apud ALMEIDA, 2010, p. 4). O objeto, portanto, não é consumido materialmente mas contemplado enquanto uma forma que se doa (KANT, apud, PASCAL, 1990, p.160). O julgamento estético belo exprime um acordo das faculdades que apraz. Esta qualidade subjetiva subtrai desse juízo qualquer adesão ao objeto, como define Kant: “aquilo que é puramente subjetivo na representação de um objeto, isto é, o que constitui a sua relação ao sujeito, e não ao objeto, é a sua qualidade, estética” (KANT, 1993, p. 49-53 Apud ALMEIDA, 2010, p. 6). Nesta sentença, Kant diferencia o juízo de gosto, de belo, do agradável e do bom. No belo não se trata de saber se o objeto é deleitável ou se é bom, pois o agrado produzido pelo belo independe de todo interesse sensível ou racional ligado ao objeto. Kant

associa o agradável ao estritamente sensorial, em que o sujeito se satisfaz no próprio ato do consumo, pois é deleitável aquilo que apraz aos sentidos na sensação, gerando no sujeito uma dependência e um interesse para com o objeto. Tampouco o que é bom pode ser objeto de um juízo estético, já que é bom aquilo que, através da razão, agrada por simples conceito. O interesse, aqui, é de ordem racional; quer se trate de útil, ou do bom em si, pois ambas as noções implicam o conhecimento do objeto, ocasionando-lhe a busca, ditada por algum interesse posterior (KANT, 1993, p. 52-53 Apud ALMEIDA, 2010, p. 6).

O belo, ao contrário do agradável e do bom, independe de um conceito determinado; a satisfação que proporciona é inteiramente livre. Dado que a satisfação provocada pelo belo é isenta de todo interesse, independente de toda inclinação e de todo conceito determinado, ela deve ser sentida igualmente por todos nós. Tem-se então as duas faces do juízo de gosto: ele é universal e subjetivo, pois o belo aspira a uma concordância geral dos judicantes. Esta universalidade se determina no acordo livre e indeterminado entre a imaginação e o entendimento, pois a universal comunicabilidade subjetiva das representações num juízo de gosto, devendo produzir-se sem supor um conceito determinado, outra coisa não pode ser senão o estado de alma resultante do livre jogo da imaginação e do entendimento. (KANT, 1993, p. 58 e 59 Apud ALMEIDA, 2010, p. 8) A base dessa possibilidade universal é o compartilhamento entre todos os sujeitos das mesmas faculdades implicadas no juízo de gosto, que não se sustenta sobre conceitos, desincumbindo assim de qualquer objetividade. Deste modo, o objeto não é a causa do prazer, pois a representação não se refere ao objeto, mas unicamente ao sujeito, e o prazer não pode ser senão a conformidade deste objeto com as faculdades cognitivas que entram em jogo no juízo reflexionante. A concordância universal, pressuposta num juízo de gosto, ascende a uma necessidade que se funda num princípio subjetivo, denominado por Kant como o senso comum estético, que determina só pelo sentimento e não por conceitos, e, contudo de forma universalmente válida, o que agrada ou desagrade (KANT, 1993, p. 61 e 62 Apud ALMEIDA, 2010, p. 8).

De acordo com Azevedo (2013) o belo só pode ser considerado como tal na medida em que é desinteressado, ou seja, quando não tem finalidade alguma, sob o ponto de vista cognitivo. Como foi dito acima, o entendimento reflete sobre afecções, caracterizando intelectualmente tal juízo, contudo tal julgamento não tem a pretensão de conhecer o que me afeta, mas apenas julgar tal reflexão como se aquele objeto realmente tivesse uma conformidade a fins. Desse modo, uma coisa é bela quando

parece ter uma finalidade moral. Aqui há algo estranho. Não pareceria um tanto contraditório aceitar o argumento de que algo que não tem finalidade deva ser julgado sob a égide de uma finalidade moral? Não, não há contradição alguma aqui, apenas estranheza, se nos atentarmos para os usos da razão e o modo transcendental de pensar de Kant. De fato, a analogia com os conceitos do entendimento é um expediente usado para regular, ou seja, é possível saber que há a beleza, pois é um sentimento presente na mente humana, mas não é possível ajuizá-la como conhecimento. Parece aqui haver certo pavor em não se poder determinar um juízo como absolutamente certo e universal, coisa que a razão em toda sua história fez sem o menor constrangimento. Para Kant, este último expediente conceitual não era mais possível por conta dos limites estabelecidos. Assim, Kant expõe o prazer do belo, de forma negativa:

O prazer não é nem um prazer do gozo, nem duma atividade legal, tampouco da contemplação raciocinante segundo ideias; mas um prazer da simples reflexão. Sem ter por guia qualquer fim ou princípio, este prazer acompanha a apreensão comum de um objeto pela faculdade da imaginação enquanto faculdade da intuição, em relação com o entendimento enquanto faculdade dos conceitos, mediante um procedimento da faculdade do juízo, o qual tem de exercê-la também em vista da experiência mais comum; só que aqui ela é obrigada a fazê-lo para perceber um conceito objetivo empírico; lá, porém (no ajuizamento estético), simplesmente para perceber a conveniência da representação harmônica (subjetivamente conforme a fins) de ambas as faculdades de conhecimento em sua liberdade, isto é, ter a sensação de prazer do estado da representação (KANT, 2008, p. 138 apud AZEVEDO, 2013, p.38).

Azevedo esclarece que de fato, tal terror revela que a razão não tem interesse empírico algum, mas sim um interesse moral a priori subjetivo. Esse terror ocorre apenas inicialmente, pois após o contentamento, ou a complacência na terminologia kantiana, há uma serenidade na alma, uma espécie de calma conspícua, que permite o relaxamento do ânimo. Tal interesse se expressa na diferenciação proposta por Kant entre o belo natural e o belo artístico (AZEVEDO, 2013, p.38).

O mesmo autor diz que para entendermos propriamente a causa de tal diferenciação devemos ter em mente que a faculdade da imaginação, sob a tarefa de representar objetos, traz à tona intuições sob duas modalidades diferentes: por meio de esquemas ou por meio de símbolos. O primeiro procedimento se apresenta sob o ponto de vista teórico, pois, “a intuição correspondente a um conceito que o entendimento capta é dada a priori” (KANT, 2008, p.196); isso ocorre devido o entendimento se

portar de modo espontâneo. O segundo procedimento se dá analogicamente ao primeiro, contudo a representação é submetida a um conceito que “somente a razão pode pensar e ao qual nenhuma intuição sensível pode ser adequada” (KANT, 2008, p.196 apud AZEVEDO, 2013, p.39). Para o juízo do belo usa-se o segundo procedimento (AZEVEDO, 2013, p.39).

Azevedo ressalta que com isso, o belo natural parece simbolizar imagens de algo adequado perfeitamente a minha faculdade de julgar, ou seja, parece haver uma semiótica perfeita na imaginação, enquanto faculdade da apresentação de símbolos. Estes últimos são juizados como se realmente contivessem fins morais inerentes, pois tais belezas naturais seriam evidências de que realmente há um Deus criador bom de toda esta beleza gratuita; se ele é bom comporta o belo e o verdadeiro em si (AZEVEDO, 2013, p.39).

Lóde e Oliveira (2012, p.3) constata que a palavra estética tem sua origem na palavra grega *aisthesis* que significa ‘faculdade de sentir’ ou ‘compreensão pelos sentidos’, a qual tem a mesma origem de *aistheticon* que significa ‘o que sensibiliza’. Diante desses conceitos podemos inferir que seu emprego está relacionado a qualquer sensação proveniente dos órgãos dos sentidos. É sob essa influência etimológica que o termo estética é usado pela primeira vez como substantivo, como nos informa Bayer (1993, p. 13): “A palavra «estética» só apareceu no século XVIII, sob a pena de Baumgarten (1714-1762), e ainda assim, nessa altura, significava apenas teoria da sensibilidade, de acordo com a etimologia da palavra grega: *aisthesis*”. Propondo uma teoria da sensibilidade, Baumgarten apresenta a estética como substantivo, uma área que pudesse acolher as pesquisas, reflexões e estudos que tivessem como objeto a sensibilidade.

Nascimento (2014, p. 1) ressalta que é importante salientar que a noção de belo para Kant se dá a partir da contemplação que o sujeito faz de uma determinada coisa. E através da contemplação o sujeito pode intuir e refletir acerca daquilo que é contemplado. Por outro lado, o juízo de gosto não é, pois, um juízo vinculado ao conhecimento, mas à estética, pois seu fundamento é subjetivo. Já as representações e as sensações podem ser objetivas. “O sujeito sente-se a si próprio do modo como ele é afetado pela sensação.” (DUARTE, 1997, p. 119). À medida que o sujeito contempla o belo, ele é afetado por meio da sensação provocando nele os sentimentos de prazer ou desprazer.

No entanto, segundo a doutrina kantiana, podemos compreender a representação como algo que está intimamente ligado ao sujeito e aos seus sentimentos de vida, tais como o prazer e o desprazer. A representação do objeto se dá por meio da complacência que determina o juízo de gosto. Gosto pode ser definido por “faculdade de ajuizamento de um objeto ou de um modo de representação mediante uma complacência ou descomplacência independente de todo interesse. O objeto de uma tal complacência chama-se belo.” (DUARTE, 1997, p. 123). Assim, a acepção de complacência, consequentemente, está intimamente ligada ao prazer que se tem em harmonia com os sentidos. O sujeito que age com complacência faz tudo com o intuito de agradar o outro. “Agradável é o que apraz aos sentidos na sensação.” (KANT, 1995, p. 50). Toda complacência corresponde ao desejo de agradar, refere-se à própria sensação de um prazer. Tudo aquilo que apraz ao sujeito é agradável. Tudo que o gracioso, encantador e deleitável apraz ao sujeito; é lhe agradável (NASCIMENTO, 2014, p.3).

Nascimento (2014, p.3) ressalta que quando determinamos que os sentimentos de prazer e o desprazer podem ser chamados de sensação, observa-se que esta expressão tem como significado representar uma determinada coisa através dos sentidos, como receptividade à faculdade do conhecimento. A palavra sensação pode ser compreendida como a representação objetiva dos sentidos como Kant nos apresenta:

A cor verde [...] pertence à sensação objetiva, como percepção de um objeto do sentido; o seu agrado, porém, pertence à sensação subjetiva, pela qual nenhum objeto é representado: isto é, ao sentimento pelo qual o objeto é considerado como objeto da complacência (a qual não é nenhum conhecimento do mesmo) (KANT, 1995, p. 51 Apud NASCIMENTO, 2004, p.3).

Sendo assim, podemos dizer que o agradável diz respeito àquilo que é apazível. Em outras palavras, significa fazer juízo de alguma coisa, como nos diz Kant: o vinho espumante [...] é agradável, um outro corrige-lhe a expressão e recorda-lhe que deve dizer ‘ele me é agradável’; e assim não somente no gosto da língua, do céu da boca e da garganta, mas também no que possa ser agradável aos olhos e ouvidos de cada um.” (KANT, 1995, p. 57). Dessa forma, cada sujeito possui um determinado gosto para um determinado tipo de coisa. Desse modo, não existem gostos iguais, apenas um juízo estético. “Os juízos na verdade reivindicam, [...] validade para qualquer um. Todavia, o bom é representado somente por um conceito como objeto de uma complacência universal, o que não é o caso nem do agradável nem do belo.” (DUARTE, 1997, p.

125). O juízo de gosto traz uma quantidade estética universal e anuncia a expressão de beleza (NASCIMENTO, 2014, p.4).

A rosa, que contemplo, declaro-a bela mediante um juízo de gosto. [...] o juízo que surge por comparação de vários singulares: as rosas, em geral, são belas não é desde então enunciado simplesmente como estético, mas como um juízo lógico fundado sobre um juízo estético. (KANT, 1995, p. 59, apud NASCIMENTO, p.4).

Segundo Nascimento (2014, p.4), se julgarmos os objetos somente através dos conceitos, estes perderão toda a representação de beleza. Ora, o juízo, a rosa, é, por meio do olfato, agradável. É um juízo estético e singular, porém não um juízo de gosto, mas um juízo de sentidos. O sujeito quer submeter ao objeto de acordo com sua própria percepção, através da maneira como ele é afetado pela sensação. Todavia, a complacência se torna independente da sensação. Já a finalidade do juízo de gosto anuncia, através da expressão, a beleza. A universal capacidade de comunicação do estado de ânimo na representação, como condição subjetiva do juízo de gosto, tem como fundamento e consequência o prazer na contemplação do objeto.

O mesmo autor esclarece, esta particular determinação da universalidade de um juízo estético, que pode ser encontrada em um juízo de gosto, é na verdade uma curiosidade não para o lógico, mas sim para o filósofo transcendental; [...] pelo juízo de gosto (sobre o belo) imputa-se a qualquer um a complacência no objeto, sem contudo se fundar sobre um conceito (pois então se trataria do bom); e que esta reivindicação de validade universal pertence tão essencialmente a um juízo pelo qual declaramos algo belo. (KANT, 1995, p. 58 apud NASCIMENTO, 2014, p.4).

O que fundamenta e, simultaneamente, determina o juízo de gosto é a complacência. “Beleza é a forma da conformidade a fins de um objeto, na medida em que ela é percebida nele sem representação de um fim.” (KANT, 1995, p. 82 apud NASCIMENTO, 2014, p.4). Ao contemplar o belo, o sujeito só pode dizer se algo é belo se ele sentir por meio da percepção a complacência, isto é, a harmonia dos sentidos manifestados no objeto.

De acordo com a teoria kantiana, o belo está em conformidade com o sublime. “O belo concorda com o sublime no fato de que ambos aprazem por si próprios; [...] não pressupõe nenhum juízo dos sentidos, nem um juízo lógico-determinante, mas um juízo de reflexão.” (KANT, 1995, p. 89 apud JIMENEZ, 1999, p. 136). Assim sendo, o sublime remete ao que é grande. Porém, existe peculiaridade entre os distintivos: grande

e grandeza, pois se dizemos que o sujeito é belo estamos referindo que ele é grande, mas se dissermos que o sujeito é grande estamos fazendo referência à grandeza do mesmo. O sublime não deve ser procurado nas coisas da natureza, mas em nossas próprias ideias. Deste modo, “o sublime distingue-se do belo pelo fato de provocar perturbações filosóficas ligadas a uma mistura de dor e prazer” (JIMENEZ, 1999, p. 136).

Nascimento (2014, p.5) enfatiza que o sublime não é um objeto, mas a disposição de espírito através de certa representação que ocupa a faculdade de seu juízo reflexivo. Além disso, o sublime também pode ser considerado como uma faculdade de ânimo que ultrapassa a medida dos sentidos. Em outras palavras, podemos acrescentar que “sublime é o que somente pelo fato de poder também pensá-lo prova uma faculdade do ânimo que ultrapassa todo padrão de medida dos sentidos.” (KANT, 1995, p. 96). Todavia, os sentidos correspondem a faculdade da imaginação, uma vez que estão ligados a percepção daquilo que se apresenta ao sujeito por meio de duas vias, a saber: a apreensão e compreensão.

O mesmo autor faz outra aceção importante sobre o sublime é “aquilo em comparação com o qual tudo o mais é pequeno. [...] na natureza nada pode ser dado, por grande sem que ele também seja ajuizado por nós.”

Portanto o sublime não só se encontra no interior do sujeito, como também está presente na natureza e principalmente na faculdade do juízo. Por isso não podemos julgar como sublime qualquer objeto que existe na natureza, uma vez que o sublime eleva o espírito humano à faculdade da imaginação, que é capaz de avaliar a grandeza do objeto. Porém a avaliação estética da grandeza ultrapassa essa faculdade. Sendo assim, a natureza é considerada sublime, pois seus fenômenos comportam a ideia de infinito.

Lyotard (1997), na sua obra *O inumano: considerações sobre o tempo* tece também reflexões e comentários acerca da Analítica do sublime em Kant.

Lyotard (1997) coloca o sublime como revelador de potencialidades, melhor, das virtualidades próprias às formas de produção estética. Segundo o autor, o que outorga ao sublime um lugar de proximidade às manifestações estéticas contemporâneas é o seu elemento ameaçador, sobre o qual não se tem garantias de controle. Conforme veremos parágrafos adiante, aquele algo que irrompe, sem que a inteligência ou o conceito o regule ou domine: uma ocorrência, um acontecimento.

O que é sublime é que exista esse quadro, em vez do nada. O desapossar da inteligência que comove, o seu desarmamento, a confissão de que isso, essa ocorrência da pintura, não era necessária, nem mesmo previsível a privação diante do que ocorrerá? A espera da ocorrência "antes" de qualquer defesa, ilustração ou comentário, a espera "antes" de se ter cuidado, e de olhar, sob a égide do no, eis o rigor da vanguarda (LYOTARD, 1997, p. 98-99).

Lyotard (1997) coloca diante da linearidade do tempo costumeiro, do tempo oficial dado pelas regras, o desafio de pensarmos a impossibilidade do acontecer: "[...] que a frase seja a última, que o pão não seja o de cada dia. Esta miséria é a miséria com a qual o pintor é confrontado, diante da superfície plástica, o músico diante da superfície sonora, o pensador diante da página branca [...]"(LYOTARD, 1997, p. 98-99). E não só no início da obra, mas a cada instante, a cada vez que algo demora a acontecer, a cada "e agora".

A esse estado de suspensão, o da ameaça e da angústia de que nada aconteça, soma-se o prazer da abertura em acolher o desconhecido. Entre os séculos XVII e XVIII europeus, essa totalidade, ao mesmo tempo, prene e vazia, esse sentimento contraditório, de dor e prazer, angústia e satisfação, foi muitas vezes nomeado por sublime.

Lyotard faz referência à Burke, e seu pensamento, nesta bela passagem:

O delight, este prazer negativo que caracteriza, contraditória e, quase neuroticamente, o sentimento sublime, advém da suspensão de uma dor ameaçadora. A esta ameaça de que estão carregados determinados "objetos" e situações, e que pesa sobre a autoconservação, Burke chama "terror"; as trevas, a solidão, o silêncio, a proximidade da morte podem ser "terríveis" no sentido em que o olhar, um outro, a linguagem, a vida vão faltar? Sente-se como muito provável que dentro em pouco nada mais aconteça. O que é sublime é que no âmago desta iminência do nada, alguma coisa aconteça, apesar de tudo, um 'ter lugar' que anuncia: tudo não terminou (LYOTARD, 1987, p. 89)

É interessante observar que, em Burke, é na escritura que se sustenta a relação com o sublime. Para ele, a literatura é livre para, na linguagem, combinar e recombina palavras, mas também revelar a fraqueza do verbo, originando ou acolhendo a ocorrência de uma frase inaudita. Em sua concepção, a pintura, submetida aos limites da representação figurativa, é insuficiente ao ofício deste sentimento.

A estética pode ser usada com sentido de adjetivo ou de substantivo. Seu uso como adjetivo relaciona-se com os atributos artísticos, como:

[...] a harmonia, a gratuidade, o prazer, o desprendimento: uma atitude, um gesto estéticos podem ser considerados obras de arte. Esse emprego, cujo manejo é bastante vago, refere-se a certa ideia do que seja arte, ou do que deva ser, ensejando uma definição latente que todo mundo supostamente compartilha (CAUQUELIN, 2005, p. 13).

Esse sentido adjetivo que confere qualidades à um substantivo é o mais frequente no cotidiano, mas ao examinarmos a etimologia desta palavra percebemos o que possibilita seu uso como substantivo.

Entretanto, o surgimento do substantivo estética não possibilitou uma clareza acerca da abrangência e delimitações desses estudos. Cauquelin afirma que mesmo que,

[...] Baumgarten tenha tentado construir uma espécie de órganon do pensamento sensível com sua Aestetica (termo utilizado então pela primeira vez como ‘ciência do sensível’) e o de Kant com a Critique Du Jugement de goût (uma teoria) tenha conferido uma base a esse conjunto fluido, o termo ‘estética’ mantém ainda um uso confuso (CAUQUELIN, 2005, p.14).

2.5 – Estética, belo e sublime na concepção dos Arautos do Evangelho

Antes de procedermos ao estudo anunciado neste item, faz-se necessário um olhar retrospectivo sobre o que foi exposto até aqui neste capítulo, o objetivo é de tentar uma ligação entre os principais legados deste itinerário histórico para poder tornar mais claro o que os Arautos acolhem e em que se distanciam das principais concepções que surgiram no itinerário histórico que realizamos.

2.5.1 – Ligando os fragmentos

O primeiro legado da antiguidade grega é a estreita ligação entre o belo, o bom, o justo, e a virtude, notando uma concepção normal da beleza. Incisiva também é a ênfase da harmonia presente no belo, que persiste até a modernidade. Há também uma aproximação com a religião quando os gregos contemplam a beleza irresistível dos deuses, o que leva também os mortais a busca da excelência. Platão tem uma visão

transcendental ou metafísica da beleza, eis que esta, assim como o bem e a verdade encontram sua perfeição no mundo das ideias. Já a visão aristotélica da estética é mais lógica e racional. Nos olhares da Idade Média, Agostinho, influenciado pelo neoplatonismo considera que a beleza está na natureza como um acabamento ou ornamento criado por Deus. Anselmo de Cantuária, embora mais propenso ao aristotelismo, tem uma visão metafísica quase platônica da beleza, considerando-a como um atributo divino a espelhar-se na natureza.

Kant, ao ligar o belo aos juízos reflexionantes (ou de reflexão) e a cognição criativa, reforça os aspectos subjetivos do belo e do sublime. O juízo de gosto não é um juízo de conhecimento e não é objeto. O belo e o sublime aprazem, ou “comprazem” por si mesmos e são totalmente desinteressados, sem nenhuma finalidade. Kant também separa o juízo estético, ou de gosto, dos juízos do bom, que fundamentam a moral.

Embora sejam subjetivos, Kant vê uma comunicação universal dos juízos de gosto. Assim, belo é o que compraz ou agrada a todos, feio é o que desagrade ou causa repulsa nos sujeitos.

Embora os juízos estéticos e os juízos do bom ou morais sejam em esferas distintas, Kant vê a possibilidade de uma intercomunicação entre eles. A experiência da estética, do belo, permite estabelecer uma comunicação entre o mundo fenomenológico ou natural e o mundo numênico ou supra sensível. Mas essa experiência não chega a postular a religião, ou existência do divino como acontece com os juízes da razão prática ou dos juízos morais. A atitude estética não depende de interesses, nem de necessidades, não é subordinada a princípios objetivos morais, entretanto, Kant admite o belo como “símbolo” da moralidade. Há analogias entre a experiência estética e a moral. A moralidade consiste num sentimento de puro e simples respeito pela lei racional (a lei moral) ou seja, em agir de forma pura e desinteressada; a experiência de beleza é um sentimento puro e desinteressado de prazer. O bem moral e o belo valem pela sua forma, isto é, enquanto rejeitam qualquer conhecimento empírico. Estão totalmente centrados no sujeito, embora salientando as diferenças, Kant considera que, pela sua pureza e desinteresse, a vivência da beleza podem constituir uma preparação para o desenvolvimento da atitude moral, uma mediação que permite pensar na existência de uma harmonia entre o homem como ser moral e inteligível e o homem como ser fenomênico ou sensível e natural.

Na atualidade há autores que seguem e avançam nesta visão Kantiana e afirmam que a experiência é empírica.

Até aqui, o legado das reflexões teóricas que abordamos neste capítulo. Agora a pergunta: por onde caminham as concepções de estética, belo e sublime dos Arautos? Até que ponto os legados expostos são acolhidos e até que ponto não o são? Qual a peculiaridade de reflexão dos Arautos sobre Estética, Beleza e Sublime?

2.5.2 – Estética, belo e sublime na concepção dos Arautos

A fonte principal deste item são as reflexões produzidas no site oficial dos Arautos do Evangelho, por teólogos e filósofos presbíteros da instituição²³.

Logo no primeiro trabalho, de José Vitoriano de Andrade, temos uma asserção que vai na direção contrária ao juízo estético ou de gosto de Kant. Ao escrever o texto “*A beleza da verdade e a verdade da beleza*”. Diz esse autor: “gostos se discutem, sim! Não é cada um com a sua verdade, pois da mesma forma que não convém à verdade ser natural, a beleza não deveria depender de preferencias ou tendências subjetivas. Se ambas fossem passíveis de volatilidade ou diversidade, não teria sentido falar em verdade ou em beleza, pois estas teriam como mediador os gostos e opiniões contraditórias de cada um. Submeter os critérios de verdade e de beleza a divergências de caráter pessoal ou cronológico é próprio a uma cultura relativista com repercussões no campo da ética e da estética. A beleza e a verdade são grandes demais para ficarem sujeitas ao individualismo e ao tempo”.²⁴

Temos aí uma concepção objetiva e metafísica de verdade e beleza que não leva em consideração a polissemia dos termos e as diversas concepções que historicamente as circundam ao longo dos tempos. De fato, continua o autor: “antes de haver o homem, as coisas já eram belas e verdadeiras, fruto daquela bondade criadora, luz da eterna formosura que tudo tirou do nada.”

Vê-se, portanto uma concepção de beleza e de verdade mais próxima ao neoplatonismo agostiniano e do pensamento medieval que vê a verdade e a beleza “sub espécie alternitates”. Diz pois o autor: “a verdade e a beleza não podem ser regidas pela história e pelo tempo, pelos homens e pelas ideias dominantes, mas estes é que são chamados a sujeitarem-se e a serem regidos por aquela verdade e beleza substantes.”

²³ Cf. <http://presbiteros.arautos.org/tag/beleza/> Acesso em 25 de junho de 2014. Item 2.5.2 construído com informação obtidas no referido site.

²⁴ Cf. <http://presbiteros.arautos.org/tag/beleza/> Acesso em 25 de junho de 2014.

Aparece, em seguida, uma visão teológica, ou mais especificamente cristológica da beleza: “a verdade da beleza e a beleza da verdade tem sua referencia em Cristo, ao mesmo tempo Verdade e Beleza que salva.”

O texto “*Da beleza à Beleza*” escrito por Dartgnan Alves de Oliveira Souza espalha uma visão cristã neo-platonica da beleza. Dis o autor: “As belezas contidas no universo nos falam de uma beleza maior, não mutável, mas da qual emanam todas as demais belezas (relativas), sujeitas a mudança. Em belezas mutáveis são apenas reflexos de uma beleza de onde se origina esse transcendental”.²⁵

A aproximação entre beleza transcendental, mutável e as belezas relativas e mutáveis refletem nitidamente o dualismo platônico. De fato, logo em seguida é citado um texto celebre do cristão neo-platonico Santo Agostinho, tirado se seus Sermões, que cita resumidamente: “interrogo a beleza da terra, do mar, do ar, do céu, dos astros, da lua, dos animais aquáticos, terrestre e voadores. Todas essas realidade responderão: olha-nos como somos belos. Sua beleza é um hino de louvor. Quem fez essas coisas belas, ainda que mutáveis, senão a própria Beleza mutável?”

E logo em seguida o próprio Platão é citado em seus diálogos Fédon e Banquete. Segundo o autor, para Platão “o principio de ascensão à ideia divina de beleza tem como ponto de partida o amor. É por meio do amor que o homem pode contemplar as criaturas corpóreas e dar um passo rumo à beleza moral”. Temos ai uma ligação entre o belo e a moral. Pois, logo em seguida o autor diz: “atingindo essa beleza posta nos costumes o homem poderá ascender aos belos ensinamentos – que outra coisa não é senão a beleza intelectual – para assim chegar à ideia da Beleza em si mesma – a Beleza enquanto tal – de qual as demais belezas particulares não são senão mera participações”. Esta ideia de beleza que participa da Beleza divina, o autor diz ser ensinada por Platão, no diálogo Fédon. Mais a frente, referindo-se ao Banquete, o autor afirma que Platão vincula a ideia de amor à de beleza, pois, “é por meio do amor que o filósofo chegará a uma ciência verdadeira (à contemplação da beleza em si mesma)”. E acredita que Platão atribui a ideia de beleza “atributos diversos”, E o próprio ser humano, ao entrar em contato com ela “poderá haurir essa ‘divinização’”. Segundo o autor, Platão chega a afirmar que toda participação de beleza contida no Universo tem como modelo essa Beleza mutável que não nasce nem perece.

²⁵ Ibid.

Temos, portanto, aí, uma leitura platônica da Beleza, que procura trazer Platão para uma concepção cristã de beleza que seria atributo de Deus, embora concede que “esse pensamento platônico é uma primeira ideia, ainda não nítida, a respeito da beleza por participação com a beleza subsistencial”.

José Vitorino Vicente de Andrade, ao escrever o texto “*Não é qualquer beleza que salva*” recorre a Tomás de Aquino, no seu comentário ao Capítulo XIII do *Livro da Sabedoria*, para extrair do texto tomista esta comparação: “quanto mais próximo alguém estiver do fogo mais se aquece. Assim também, com relação às coisas deste mundo, todas as coisas estão ordenadas conforme diversos graus de beleza e quanto mais próximos de Deus tanto melhores e mais belos”. A partir do diálogo Fedro de Platão o autor afirma que a beleza pode ser comparada a uma chama “que nos abrasa, arrebatada, alça-nos a considerações salutares, tira-nos da nossa condição do “eu”. E diz que para Santo Agostinho essa analogia não era estranha e que o então cardeal Ratzinger “aproveitou dos escritos de ambos para comparar o belo a uma flecha capaz de ferir o homem no seu íntimo para desse mundo lhe conferir asas e elevá-lo às alturas”. Faz aqui referência a uma mensagem de Bento XVI enviada ao *XXIII Encontro para Amizade entre os Povos*. Em seguida o autor passa a indagar: “não será esta uma solução para o mundo materialista e relativista em que vivemos? Não tem a Igreja no belo instrumento preciosíssimo sempre ao seu alcance, quer através da liturgia, quer através da arte sacra? E para reforçar cito uma frase de Luis Giussani: “Devemos lutar pela beleza pois sem ela não se vive. E esta luta envolver todos os pormenores: caso contrário, o que faremos um dia para encher a Praça de São Pedro?” É bom sublinhar neste texto o caráter instrumental e funcional da beleza: encher a praça de São Pedro, equivale a encher a Igreja de fiéis.

O autor cita também a primosa frase de Dostoiévski “a beleza salvará o mundo” e afirma que o próprio Papa João Paulo II a citou na sua carta aos artistas em 1999 e foi desenvolvida pelo Pontífice Conselho para a Cultura no documento *Via Pulchritudinis*. Mas o autor faz questão de frisar que não é de qualquer beleza que o documento fala. “Esse conceito não tem nenhuma força própria e redentora. Trata-se da beleza de Cristo, o mais belo dos filhos dos homens e aquele cuja força e glória de resplandece”.

Para uma concepção mais filosófica da beleza para os Arautos, vale consultar o texto de Felipe Ramos EP, “*Via Pulchritudinis: o caminho privilegiado*”. O texto começa com uma discursão da beleza em Tomás de Aquino. Diz que o famoso teólogo não tem um tratado sobre a beleza, mas ao falar dos transcendentais enumera o “*nobile*”

junto com o “*comum*” e o “*verum*” e parece identifica-lo com o “*pulcher*”, ao comentar a carta de Paulo aos gálatas. E daí o autor do texto deduz que a apreensão do belo é mais misteriosa e matizada do que parece. Com Gilson, considera a beleza com um “transcendental esquecido”, que não é apenas uma qualidade sensorial, ou que agrada aos sentidos, como diz Santo Tomás na primeira parte da Suma de Teologia, mas “uma verdadeira epifania do ser em que Deus manifesta a sua ação embelezadora”. Enquanto transcendental, “o belo possui propriedades fundamentais como a integridade ou perfeição, a proporção ou equilíbrio entre as partes e a clareza do objeto conhecido”. Diz que esse apelo aos filósofos não deve surpreender, pois “o belo, como também a verdade e o bom nos conduz a Deus, verdade primeira, supremo Bem e Beleza”. Daí que a Via Pulchritudinis se torna “o caminho régio para conduzir a Deus e talvez o único para chegar a Deus pelo homem hodierno”.

O site dos Arautos traz também um texto intitulado “*A estética moral*” extraído de Edgar de Brayne, no livro *A estética de Idade Média*, que distingue duas espécies de beleza. A beleza moral quando, por exemplo, dizemos que um ato heroico é belo. A beleza sensível quando julgamos belo algo sensível que agrada a vista. Também a beleza inteligível é uma forma espiritual que aparece como deleitável à nossa experiência intuem por que por sua natureza é algo considerado como anterior ao nosso prazer. Enfim todo o texto vai na direção de mostrar que as ações morais são intrinsecamente vinculadas a beleza, portanto são estéticas.

João S. Clá Dias, fundador dos Arautos do Evangelho, também postou um texto, no site, intitulado “o senso maravilhoso capaz de regenerar o homem”. O texto pretende demonstrar o maravilhoso que decorre da harmonia de todo ser humano. E há também um estado físico provocado pelo maravilhoso “que produz enorme bem estar e dispõe para o esforço e a dedicação o bem. Segundo o autor, o deleite produzido pelo senso do maravilhoso é insuperável, Uma “experiência do maravilhoso” está ao alcance do homem e produz efeitos extraordinários. Faz parte do bem viver o aproveitar tudo que possa ser obra de contemplação “o maravilhoso é o melhor da realidade e aponta para o Absoluto”. E cita o seu mestre Plínio Corrêa de Oliveira que diz “a alma maravilhável é uma alma maravilhosa, capaz de fazer maravilhas”. Clá Dias acredita que o homem de hoje “não perdeu a capacidade de admirar por mais que a sociedade lhe faça muitos contra convites”. Daí indicar um rumo para a ação: “por isso é preciso aos homens discernir nas coisas aquilo que eles têm de belo, de bom e verdadeiro, ou as ausências, e com isto poder voltar-se para o essencial: Deus”. O sublime aparece no texto de Felipe

Azevedo Ramos, com o título “Sublime, reflexo de Deus nas criaturas”. Em certo sentido, sublime aqui relembra a definição de Kant, vista anteriormente, quando neste capítulo, se abordou a obra *Crítica da Faculdade do Juízo*: “sublime é a grandeza absoluta ou a suma perfeição deveria ser comparada às grandezas menores das criaturas. Diz o autor: “o intuito de Deus, ao criar quantidade considerável de seres, foi para que estes seres não somente refletissem a sua perfeição infinita, mas também a reproduzissem em seus mais variados graus”.

O texto que mais aprofunda o sentido de beleza segundo os Arazos é o de Paulo Matos: “*Os transcendentais e a beleza*”. O texto busca estudar o belo como valor transcendental baseando-se especialmente em outros medievais.

Para definir o que é beleza, o autor começa colocando-a entre propriedades transcendentais do ser: *unum, bonum, verum, pulchrum*. E afirma, com Jaques Maritain que o *pulchrum* é o esplendor de todos os transcendentais reunidos”. Diz que as palavras beleza decoro e formosura têm sentidos semelhantes embora etimologicamente se distingam.

Recordo a posição do artista plástico Claudio Pasto para quem belezaderiva do sânscrito e significa a casa onde Deus brilha”.

Para Alencar as características de beleza. Segundo Santo Agostinho beleza é a congruência das partes que aponta para a proporção, a harmonia, a suavidade da cor, a luminosidade. Já para Alberto Magno, a beleza é “o esplendor da forma substancial”. Santo Tomás na *Suma de Teologia*, afirma que a beleza possui três características: luminosidade, pregação ou harmonia entre as partes, e integridade. Há uma beleza sensível e uma invisível. Toda beleza visível é imagem de beleza visível.

A beleza constitui também uma teofania porquanto a beleza da criatura revela a beleza infinita e indivisível. O conjunto de criação é uma autêntica teofania, como afirmaria Santo Agostinho no texto anteriormente citado: interage a beleza da terra, todas estas belezas te respondem: “somos criaturas da beleza incriada”.

O autor enfatiza também a relação intrínseca e inseparável entre a beleza, o belo e a verdade e cita Santo Alberto Magno que diz: “o belo é uma síntese do verdadeiro e do bom” o autor descarta o relativismo e o subjetivismo com relação a beleza; ela não depende de gosto de cada pessoa.

E conclui apresentando duas definições de beleza. A primeira é de Cícero tirado da obra de Bruyne: *L'Esthetique du Moyen Age*: “A beleza é o brilho objetivo da forma

indivisível, a superabundância da luz formal, a liberdade sem limites de ideia, impregnando todas as harmonias e dando-lhes sentido”.

A segunda, é de Adolfo Sanchez Vasquez em seu livro *Convite a Estética*, que inclui conceitos tirados de vários autores: “Ideia eterno, imperfeito e diversamente, as coisas empíricas, belas (Platão); resplendor de uma luz inteligível mais coisas sensíveis (Plotino), esplendor do supremo Bem nas coisas sensíveis (Maritain); modo de estar presente a verdade como desvelamento do ser (Heidegger).

Encerrando este capítulo, que fez uma trajetória pela estética, o belo e o sublime desde a antiguidade grega, passando pela Idade Média, até os modernos com Kant e seus comentadores e finalizou com uma definição estes busca destes conceitos na concepção dos Arautos, algumas conclusões são possíveis, atendo-nos ao que mais nos interessa nesta pesquisa, a preocupação dos Arautos acerca destes conceitos.

Dos vários textos que analisamos no site oficial dos presbíteros arautos ressaltamos os seguintes ponto. Primeiro, uma tendência à divinização da beleza, à contemplação do belo no divino, herança que vem da antiguidade grega. Segundo, uma tendência a considerar beleza sensível não em si mesma, mas como participação e espelho da beleza divina. Terceiro, o aspecto instrumental da beleza seja como via para ao divino, portanto à religião, seja como via de atração do ser humano para o desprendimento das coisas sensíveis e para contemplar a beleza divina, seja também como beleza útil para atrair os fiéis para o seio da Igreja Católica.

Nesta linha, é patente o retorno ao platonismo cristianizado na Idade Média por Santo Agostinho e outros escritores. A beleza dos deuses pagãos agora é a beleza suprema do Deus cristão e do seu filho Jesus Cristo.

A quarta conclusão, agora mas se aproximando da visão neo-aristotélica de Tomás de Aquino, é a conclusão da beleza na reflexão metafísica sobre os transcendentais. Entre as conotações transcendentais do ser, estão intimamente e inseparavelmente unidas a verdade, o bem e a beleza. Daí que a estética e o belo são inseparáveis não só da verdade mas também da moral.

Quinta conclusão possível aponta para as características da beleza que se distanciam da posição Kantiana. Embora se aproximando de Kant ao admitir a universalidade do belo, dele se distanciam pois não é possível, na concepção dos Arautos, falar em subjetividade do belo, nem dos aspectos relativistas de beleza. Impera portanto uma visão objetiva e metafísica desses conceitos: Não são regidos pela história

ou pelo tempo, o que contradiz também a posição de Umberto Eco e outros que enfatizam a historicidade e mutabilidade da estética e do belo, ao longo dos tempos.

Embora não tenhamos dados empíricos para confirmá-lo, parece obvio que todos os Arautos estejam empenhados desta visão, pois esta lhes é transmitida nos cursos de formação, nas palestras e nas leituras.

Munidos, pois, destas concepções da beleza, da estética e do sublime, (este, considerado como grandeza absoluta de divino), os Arautos vão a luta para cumprir sua missão evangelizadora. É o que veremos no capítulo seguinte.

CAPITULO III

A ESTÉTICA, A BELEZA E O SUBLIME NA AÇÃO EVANGELIZADORA DA IGREJA E DOS ARAUTOS DO EVANGELHO.

Neste capítulo pretende-se expor a ação evangelizadora da Igreja e dos Arautos do Evangelho como espelho das categorias de estética, belo e sublime apontadas no capítulo II.

Como primeiro passo, expressaremos o conceito de evangelização e missão na Igreja Católica; no segundo apontaremos a ação evangelizadora dos Arautos; no terceiro, a beleza na proposta de evangelização da Igreja Católica; no quarto a beleza nos símbolos e sua importância na teologia dos Arautos; no quinto, beleza, belo e sublime na ação evangelizadora dos Arautos; no sexto, a beleza como estratégia para reforçar o conservadorismo católico e restaurar o rebanho ante a crise demográfica da Igreja.

3.1 – Evangelização e missão na Igreja Católica

De acordo com Paz (2008) a evangelização cristã inicia-se com a pessoa de Jesus. Ele começou seu ministério público anunciando a Boa Nova da chegada do Reino de Deus (Mc 1.14-15). Esse anúncio é acompanhado por signos e práticas que manifestam a presença libertadora desse Reino. A sua Pessoa constitui o centro e a mediação mais poderosa dessa ação libertadora de Deus. Na interpretação cristã, em Jesus, revela-se a oferta gratuita de salvação e libertação para todos os seres humanos. Entrementes, a obra evangelizadora da igreja inicia-se propriamente com a primeira Páscoa-Pentecostes, com a experiência pascal das pessoas seguidoras de Jesus, quando o reconhecem como o Cristo e o confessam como tal. Essa experiência da comunidade apostólica, de caráter universal, é a fonte da evangelização que a igreja tem seguido ao longo de vinte séculos de história (PAZ, 2008, p.69).

Evangelização é definida teologicamente como a proclamação das boas novas da salvação em Jesus Cristo, visando levar a efeito a reconciliação entre o pecador e Deus pai, mediante o poder regenerador do Espírito Santo. A palavra deriva do substantivo

grego euangelion, (“boa nova”), e do verbo “euangelizomai”, (“anunciar, proclamar ou trazer boas novas”). “A evangelização baseia-se na iniciativa do próprio Deus. Porque Deus agiu, os crentes tem uma mensagem para compartilhar com os outros” (PAZ, 2008, p.69)²⁶.

Segundo Paz (2008) há autores que utilizam os termos evangelização e missão como sinônimos. Outros, por sua vez, os percebem diferentes, ainda que inter-relacionados²⁷. Seguindo essa segunda linha, evangelização, compreendida como parte integrante da missão, é o ato de tornar acessível o mistério do amor de Deus a todas as pessoas. Pode ser vista como uma dimensão essencial da atividade global da Igreja. Implica testemunhar o que Deus fez, está fazendo e fará. Representa sempre um convite e objetiva sempre uma resposta. Evangelização é sempre contextual e não pode ser divorciada da pregação e da prática da justiça. Evangelizar não é apenas proclamação verbal, e não é um mecanismo para apressar a volta de Cristo. A Igreja foi enviada ao mundo para amar, servir, pregar, ensinar, curar, libertar. Há outras terminologias para significar a missão, como o termo evangélico e evangelismo (PAZ, 2008, p.69-70).

O historiador Martin Dreher, apoiado em Antonio Gouvea de Mendonça, percebe duas vertentes para a utilização do conceito “evangélico” sempre que utilizado na América Latina. Segundo ele, uma delas teve sua origem na Reforma alemã, ao mesmo tempo em que a outra teve sua origem na Inglaterra. Na versão alemã, evangélico é tido como conceito normativo, querendo caracterizar a doutrina consoante com o Evangelho. Este seria o ponto de partida de Lutero para usar o conceito. Já a vertente inglesa, influenciada pelo movimento metodista e por setores católicos, dividiu-se em duas alas: Evangélicos e Movimento de Oxford. A primeira buscava um cristianismo preocupado com a conversão e santificação e se organizava em organismos com abrangência internacional. Daí surge o movimento evangélico, com forte característica anticatólica. A segunda preconizava a reaproximação com o catolicismo romano, em oposição à ala evangélica (DREHER, 1999, p. 59, apud PAZ, 2008, p. 70).

Roberto Zwetsch, missiologo luterano, ao fazer referência às diferenças terminológicas entre missão, evangelismo e evangelização, deixa clara sua opção por este último termo, afirmando que “evangelização é um conceito mais dinâmico e sua

²⁶ Cf. WEBER, Timothy P. Evangelização. In: ELWELL, Walter A. (ed.). *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã*. Vol. II, E-M. São Paulo: Vida Nova, 1992. p. 121-124.

²⁷ Para uma maior compreensão desta distinção, entre uns e outros autores, com relação aos conceitos de missão e evangelização, cf. BOSCH, David J. *Missão transformadora: Mudanças de paradigma na teologia da missão*. Tradução: Geraldo Korndörfer; Luís Marcos Sander. São Leopoldo: Sinodal, 2002. p. 481-493.

amplitude remete à integralidade do evangelho e não apenas a uma demonstração de sua pertinência para a vida espiritual das pessoas a quem se anuncia a mensagem de Cristo”. Ele define evangelização como “a ação do anúncio do evangelho, que engloba toda a ação pela qual a comunidade cristã dá testemunho do evangelho em palavra e ação” (ZWETSCH, 2007, p. 14, apud, PAZ, 2008, p.71).

A evangelização, concordam alguns autores, poderia ser catalogada de explícita ou implícita. Evangelização Explícita ocorre através do anúncio, da explicação verbal, da celebração etc. Evangelização Implícita, por sua vez, acontece através do testemunho da vida profundamente transformada pelo evangelho. Evangelizar, portanto, e segundo esses autores, significa proclamar a Boa Nova com palavras e fatos, viver esse anúncio de maneira que todas as pessoas que tenham “boa vontade” possam receber a mensagem, aprofundá-la e acolhê-la. A evangelização, sob essa apreciação, pode ser concretizada de múltiplas maneiras, dentre elas: Evangelizar por proclamação (Mc 1.14-15); Evangelizar por convocação (Mt 22.9); Evangelizar por atração (At. 5.16); Evangelizar por irradiação (Mt. 5.16); Evangelizar por contágio (1Pe. 3.1-2); Evangelizar por fermentação (Mt. 13.33) (PAZ, 2008, p.70).

Paz (2008, p.70) destaca que a Igreja Católica Romana, com o intuito de debater e estabelecer diretrizes a respeito da evangelização, tem celebrado, ao longo das últimas décadas, varias Conferências do Conselho Episcopal Latino-Americano-CELAM²⁸. A primeira foi realizada em Aparecida, de 25 de julho a 4 de agosto de 1955. Foi convocada pelo Papa Pio XII, mas tanto a ideia quanto a realização foram obra da recém-formada Conferência Nacional dos Bispos do Brasil-CNBB.

Uma segunda conferência teve lugar em Medellín, Colômbia, entre os dias 26 de agosto a 6 de setembro de 1968. Foi convocada pelo Papa Paulo VI, especialmente para aplicar as novas diretrizes do Vaticano II. A conferência de Medellín é caracterizada como uma opção pela Teologia da Libertação, pois, a partir daí, começa-se a falar em “promoção humana” “desenvolvimento” e “libertação”. A terceira foi convocada também pelo Papa Paulo VI no dia 12 de dezembro de 1977. Ocorreu entre 27 de janeiro a 13 de fevereiro de 1979 em Puebla, México. Esta terceira Conferência tinha como tema “Evangelização no presente e no futuro de América Latina” e foi inaugurada pessoalmente pelo Papa. A tônica da conferência reafirmou os posicionamentos de Medellín. A quarta foi convocada pelo Papa João Paulo II, sendo celebrada de 12 a 28

²⁸ Para uma explicação mais detalhada sobre o Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM) e o trabalho que realiza, cf. <http://www.celam.org>. Acesso em: 15/05/2014.

de outubro de 1992 em Santo Domingo, República Dominicana. A quinta, inaugurada pelo Papa Bento XVI, teve lugar em Aparecida, Brasil, e foi realizada de 13 a 31 de maio de 2007²⁹ (PAZ, 2008, p.71).

3.2 – A ação Evangelizadora dos Arautos do Evangelho

Ouve-se de repente uma música e surge na esquina uma bela imagem de Nossa Senhora, conduzida de casa em casa pelos Arautos do Evangelho. É a Cavalaria de Maria! Mais de 250 cidades brasileiras já presenciaram essa cena³⁰.

Vale ilustrar



Figura 5. Imagem obtida no site oficial dos Arautos do Evangelho³¹

De acordo com Geraldo (2014, p.18), cada época histórica apresenta desafios ao zelo e à criatividade do apóstolo, com novas possibilidades de atuação e novas dificuldades a enfrentar. E um dos grandes desafios para a Igreja, no Brasil atual, é o de reaproximar o enorme número de católicos que se afastaram da prática religiosa, deixando vazias tantas igrejas.

O mesmo autor ressalta que foi com esse objetivo, que inspirou a Divina Providência a criação, no seio da Associação Privada de Fiéis de Direito Pontifício

²⁹ Cf. <http://www.paroquiasaofrancisco.com/CELAM/celam.htm>. Acesso em: 15/05/2014.

³⁰ Informações obtidas na página oficial dos Arautos do Evangelho: <http://www.arautos.org/especial/57321/Cavalaria-de-Maria--Uma-comunidade-religiosa-em-missao-permanente.html> acesso em 23 de março de 2014.

³¹ Ibid

Arautos do Evangelho, de uma unidade itinerante que sai à procura das ovelhas dispersas: a Cavalaria de Maria, instituída em 2002 por Mons. João Scognamiglio Clá Dias. Trata-se de um conjunto de missionários que percorrem o Brasil de norte a sul, não em fogosos corcéis, como os cavaleiros de outrora, mas utilizando modernos meios de locomoção (GERALDO, 2014, p.18).

Os Arautos conduzem a imagem do Imaculado Coração de Maria de casa em casa - literalmente por vales e montes, com chuva ou bom tempo - e transmitem a todos uma mensagem de alento e de esperança no auxílio da graça divina para a solução de todos os problemas espirituais e materiais.

Vale ilustrar



Figura 6. Missão em Paulo Afonso (BA)³².

Algumas características marcam as atividades desses missionários itinerantes. Primeiro a missão sempre acontece a pedido do pároco e seu sucesso depende do entusiasmo deste sacerdote que acaba influenciando os fiéis. Entretanto, por muito intensas que sejam suas atividades evangelizadoras, os integrantes da Cavalaria de Maria jamais abandonam a vida comunitária, adaptada, é claro, às circunstâncias. De manhã assistem à Santa Missa, celebrada por um sacerdote arauto, e recitam em conjunto, ante o Santíssimo Sacramento exposto, a Liturgia das Horas e o Rosário.

Vale ilustrar

³² Imagem obtida no site oficial dos Arautos do Evangelho: <http://www.arautos.org/especial/57321/Cavalaria-de-Maria--Uma-comunidade-religiosa-em-missao-permanente.html> acesso em 23 de março de 2014.



Figura 7. Momento comunitário dos Arautos do Evangelho, em Recife (PE)³³.

As missões ocorrem, geralmente, em uma semana. O início é sempre impactante. A imagem de Nossa Senhora entra na cidade precedida por uma animada carreata, com rojões e música. Essa recepção festiva atrai os paroquianos para a matriz, onde é celebrada a Eucaristia de abertura da missão e se anuncia que todos serão visitados ao longo da semana. Nos dias subsequentes, os missionários percorrem as ruas da paróquia, de casa em casa. Quem queira receber de portas e coração abertos a imagem da Mãe de Deus, é atendido.

Vale ilustrar:

³³ Imagem obtida no blog dos Arautos. Blog: <http://recife.blog.arautos.org/tag/adoracao-ao-santissimo/>
Acesso em 23/05/2014



Figura 8. Missão em Aguai (SP), chegada da imagem de Nossa Senhora de Fátima³⁴.

As visitas começam de manhã e se prolongam até a noite. Em cada residência, a família se reúne para alguns minutos de oração diante da imagem da Virgem Maria. Muitas pessoas aproveitam a ocasião para expor à Mãe de Deus e nossa os problemas que as afligem no momento. Se há na casa anciãos ou doentes, a imagem é levada até eles. Os missionários fazem um levantamento dos moradores que querem receber algum Sacramento, e dos que desejam ser dizimistas. No fim da Missão, os formulários são

³⁴ Imagens obtidas no site oficial dos Arautos do Evangelho: <http://www.arautos.org/especial/57321/Cavalaria-de-Maria--Uma-comunidade-religiosa-em-missao-permanente.html> Acesso em 23 mar. 2014.

entregues ao pároco para que este possa providenciar o atendimento de todos os pedidos³⁵.

Desde sua fundação, os Cavaleiros de Maria visitaram 298.313 residências, além de 33.292 repartições públicas, escolas e estabelecimentos comerciais, em 258 cidades brasileiras. Durante essas visitas, 25.430 pessoas pediram para receber o Batismo, 47.091 a Primeira Comunhão, 57.856 a Crisma e 16.924 a Unção dos Enfermos. E 22.064 pessoas se alistaram como dizimista para a respectiva paróquia³⁶.

Em 2013 a Cavalaria de Maria realizou missões no Distrito Federal e em 13 Estados brasileiros: do Rio Grande do Sul até o Pará, passando por Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Goiás, Piauí, Ceará, Espírito Santo, Bahia e Maranhão³⁷.

Nas missões os Arautos também realizam palestras para promover as aparições de Nossa Senhora em Fátima e propagam o uso do escapulário de Nossa Senhora do Carmo. Ao conhecerem a história desta devoção e os privilégios a ela ligados, todos manifestam o desejo recebê-lo. Apenas nos dois últimos anos, foram impostos escapulários do Carmo em 72 mil pessoas. Em Quintana (SP), por exemplo, 2.200 mil pessoas o receberam numa só noite, cifra muita expressiva numa cidade de 6.500 habitantes. Em Teresina (PI), tiveram o mesmo privilégio cerca de 3 mil fiéis da Igreja da Santíssima Trindade³⁸.

Um momento especial na Missão Mariana é aquele em que os novos Oratórios do Imaculado Coração de Maria são bentos pelo pároco e entregues aos respectivos Coordenadores. Graças, em boa medida, à ação da Cavalaria de Maria, cerca de 18 mil oratórios visitam todo mês 540 mil lares brasileiros³⁹.

Vale ilustrar

³⁵ Informações obtidas no site oficial dos Arautos do Evangelho: <http://www.arautos.org/especial/57321/Cavalaria-de-Maria--Uma-comunidade-religiosa-em-missao-permanente.html> Acesso em 23 mar. 2014.

³⁶ Ibid

³⁷ Ibid

³⁸ Ibid

³⁹ Informações obtidas no site oficial dos Arautos do Evangelho: <http://www.arautos.org/especial/57321/Cavalaria-de-Maria--Uma-comunidade-religiosa-em-missao-permanente.html> Acesso em 23 mar. 2014.



Figura 9. Visita da Imagem aos Lares⁴⁰.

As visitas da Imagem Peregrina aos lares, as Missas diárias, a Adoração matutina, da qual um crescente número de paroquianos participa, aumentam nos fiéis o fervor e os fazem sentir a necessidade de manifestar publicamente sua fé. Desse modo,

⁴⁰ Imagem obtida no site oficial dos Arautos do Evangelho: <http://www.arautos.org/especial/57321/Cavalaria-de-Maria--Uma-comunidade-religiosa-em-missao-permanente.html> Acesso em 23 mar. 2014

foi o próprio entusiasmo popular que levou os missionários arautos a promoverem a procissão luminosa, que percorre as ruas da cidade à noite, da qual participa grande multidão de paroquianos portando tochas acesas, rezando o Santo Rosário e cantando hinos de louvor a Jesus e a Maria.

Uma missão que marcou a história

Na memória dos Cavaleiros de Maria a missão realizada em Paraibuna (SP) marcou a história dos Arautos. Estavam nos primeiros anos da instituição e, portanto, sua atuação era muito menos conhecida do que hoje. Dificuldades surgidas no início da missão pareciam condená-la a um estrepitoso fracasso. Mas a ação de alguns dos fiéis, em combinação com o pároco, reverteu à situação. De tal forma os paroquianos se empenharam pela visita dos missionários, que estes ficaram impressionados por verem, durante a carreata inicial, todas as janelas enfeitadas com balões coloridos e bandeirinhas em homenagem à Virgem Santíssima. Em cada casa visitada encontravam um pequeno altar, recoberto com uma linda toalha e velas acesas, à espera da celestial Visitante⁴¹. Vale ilustrar

⁴¹ Informações obtidas no site oficial dos Arautos do Evangelho: <http://www.arautos.org/especial/57321/Cavalaria-de-Maria--Uma-comunidade-religiosa-em-missao-permanente.html> Acesso em 23 mar. 2014.



Figura 10. Dom José Benedito Simão, Bispo de Assis (SP); Dom Angelo Pignoli, Bispo de Quixadá (CE) e Dom Sérgio da Rocha, Arcebispo de Brasília, entre outros pastores, têm participado das Missões Marianas da Cavalaria de Maria⁴².

Os moradores aguardavam do lado de fora da casa a chegada dos missionários. E quando estes se deslocavam para um quarteirão mais distante, eram seguidos por crianças em bicicleta, incumbidas de comunicar aos pais o endereço para onde fora levada a Imagem. O resultado foi que a missão, iniciada pela manhã, se prolongava todo dia até às 23 horas. No final, paroquianos que haviam colaborado mais de perto com os missionários, lamentavam-se comovidos: "Agora que a Cavalaria de Maria parte para outras cidades, o que será de nossas vidas?". E um deles resumiu nesta curta frase o efeito produzido nas almas por aquela semana de Missão: "A história de nossa paróquia pode ser dividida entre antes e depois desta visita!"⁴³.

⁴² Idem

⁴³ Informações obtidas no site oficial dos Arautos do Evangelho: <http://www.arautos.org/especial/57321/Cavalaria-de-Maria--Uma-comunidade-religiosa-em-missao-permanente.html> Acesso em 23 mar. 2014.

3.3 – A beleza na proposta de evangelização da Igreja Católica.

A Igreja não fez senão continuar a missão que Jesus lhe confiou, ainda que arrostando incompreensões e perseguições:

"Ide, pois, e ensinai a todas as nações; batizai-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo" (Mt 28, 19).

Seu primeiro ímpeto dentro dos limites do Império tinha a força da novidade de sua doutrina sublime. Mas sua potência encontrava-se em sua suavidade. Em várias passagens, Santo Agostinho comenta esse aspecto, dirigindo-se à Igreja Católica:

Tu conduzes e instruis as crianças com ternura, os jovens com força, os velhos com calma, como o comporta a idade não somente do corpo, mas ainda da alma. Sujeitas as mulheres aos maridos por uma casta e fiel obediência, não para cevar a paixão, mas para propagar a espécie e constituir a sociedade da família. Dás autoridade aos maridos sobre as mulheres, não para zombarem do sexo, mas para seguirem as leis de um sincero amor. Subordinas os filhos aos pais por uma espécie de servidão livre e prepões os pais aos filhos por uma espécie de terna autoridade. Unes não só em sociedade, mas numa espécie de fraternidade, os cidadãos aos cidadãos, as nações às nações e os homens entre si pela lembrança dos primeiros pais. Ensinas os reis a velar sobre os povos, e prescreves aos povos submeter-se aos reis. Ensinas com cuidado a quem é que é devida a honra, a quem a afeição, a quem o respeito, a quem o temor, a quem a consolação, a quem a advertência, a quem o incentivo, a quem a correção, a quem a reprimenda, a quem o castigo; e fazes saber como, se nem todas essas coisas são devidas a todos, a todos é devida a caridade, e a ninguém a injustiça (AUGUSTINUS apud DIAS, 2009, p. 5)⁴⁴.

Eis uma parte preciosa da novidade oferecida pela Igreja ao mundo pagão, no qual os cristãos se multiplicavam; faziam prosélitos, não apenas pregando, mas evangelizando pelo bom exemplo. "Assim foi nas primeiras idades da Igreja", afirma Leão XIII, ao descrever o ambiente no qual transcorreu o primeiro desenvolvimento do Cristianismo no Império Romano, não só corrompido, mas inteiramente pagão. E "nada estava mais distanciado das máximas e costumes do Evangelho do que as máximas e costumes dos pagãos" (LEONIS XIII apud DIAS, 2009, p.5)⁴⁵.

⁴⁴ Informações obtidas em artigo publicado no site oficial da Faculdade dos Arautos do Evangelho. Disponível no site: <http://faculdade.arautos.com.br/artigo/28877/Beleza-e-Nova-Evangelizacao> Acesso em 23/05/2014

⁴⁵ Ibid

O pontífice sublinha o louvável comportamento dos seguidores da doutrina de Cristo naquele meio:

Viam-se, todavia, os cristãos, incorruptíveis em plena superstição e sempre semelhantes a si mesmos, entrarem corajosamente em toda parte onde se abria um acesso. De uma fidelidade exemplar para com os príncipes e de uma obediência às leis do Estado tão perfeita como lhes era lícito, eles lançavam de toda parte um maravilhoso brilho de santidade, esforçavam-se por ser úteis a seus irmãos e por atrair os outros a seguir Nosso Senhor, dispostos, entretanto, a ceder o lugar e a morrer corajosamente se não pudessem, sem vulnerar a sua consciência, conservar as honras, as magistraturas e os cargos militares (LEONIS XIII apud DIAS, 2009, p.5)⁴⁶.

Atuando assim com essa convicção, que é apanágio dos que têm uma fé profunda, foram capazes de introduzir os costumes e as instituições cristãs, de modo célere, por toda parte, tanto nos lares como nos meios militares, tanto nas instâncias do Estado como no próprio palácio imperial, fenômeno que ficou imortalizado pela exclamação de Tertuliano:

Somos apenas de ontem, e já enchemos todos os lugares no meio de vós, vossas cidades, vossas ilhas, vossas fortalezas, vossos municípios, vossos conciliábulos, vossos próprios acampamentos, as tribos, as decúrias, o palácio, o senado, o fórum. Não vos deixamos nada, a não ser os templos de vossos deuses (TERTULIANO apud DIAS, 2009, p. 6)⁴⁷.

Porém, a Igreja teve, muito cedo, de enfrentar sanguinárias perseguições, mas a fúria de seus adversários contra a religião do verdadeiro Deus não a impediu de continuar sua expansão. Dizia o Papa Leão XIII:

A Santa Igreja de Cristo teve que combater e sofrer, em todos os tempos, contradições e perseguições pela verdade e pela justiça. Instituída por Ele próprio a fim de estender ao mundo o reino de Deus, e por meio da luminosa lei evangélica conduzir a Humanidade decaída a um destino sobrenatural, isto é, à aquisição dos bens imortais por Deus prometidos, mas superiores às nossas forças, lutou necessariamente contra as paixões que pulularam aos pés da antiga decadência e corrupção, isto é, contra o orgulho, a cupidez e o amor desenfreado dos gozos terrenos, e contra os vícios e desordens que daí

⁴⁶ Ibid

⁴⁷ Informações obtidas em artigo publicado no site oficial da Faculdade dos Arautos do Evangelho. Disponível no site: <http://faculdade.arautos.com.br/artigo/28877/Beleza-e-Nova-Evangelizacao> Acesso em 23/05/2014

procederam, os quais sempre encontraram na Igreja a mais poderosa barreira (LEONIS XIII apud DIAS, 2009, p. 7)⁴⁸.

Para destacar a perenidade da Igreja Católica Apostólica Romana, Santo Agostinho deixou esta sábia reflexão: "A Igreja vacilará, se vacilar seu fundamento. Mas pode Cristo vacilar? Visto que Cristo não vacila, a Igreja permanecerá intacta até o fim dos tempos" (AUGUSTINUS apud DIAS, 2009, p.7)⁴⁹.

A beleza da liturgia é característica de uma liturgia celebrada conforme as normas litúrgicas estabelecidas pela Igreja, e cuja beleza dos sinais sensíveis pode levar a assembleia a perceber outra beleza que não é mais sensível, mas divina e por ela chegar também à comunhão com Deus. A beleza da liturgia "é expressão excelsa da glória de Deus e, de certa forma, constitui o céu que desce a terra" (BENTO XVI, 2007, 35).

Vale ilustrar



Figura 11. Simbolismo em um altar preparado liturgicamente para o missa católica⁵⁰.

⁴⁸ Ibid

⁴⁹ Ibid

⁵⁰ Imagem obtida no site: http://folhaatual.com.br/capa.php?page=shmt&ma_id=287 Acesso em 14/06/2014.

A liturgia é bela porque é divina e resulta da Beleza por excelência que é Deus e sem o qual ela não teria sentido. Com efeito, ao ser percebida, a Beleza é admirada, contemplada, adorada e leva ao louvor, à celebração. Daí nasce a liturgia que já é bela. Podemos afirmar que a beleza faz parte da sua natureza. É no mesmo sentido que o Papa Bento XVI, na exortação apostólica *Sacramentum Caritatis* afirma que “a beleza não é um fator decorativo da ação litúrgica, mas seu elemento constitutivo, enquanto atributo do próprio Deus e da sua revelação”(BENTO XVI, 2007, 35).

O fato de a beleza ser elemento constitutivo da ação litúrgica significa que a busca por ela não pode ser dispensada. Com efeito, Deus não precisa da beleza como meio para ir ao encontro do homem na liturgia. Mas os homens, por causa das suas imperfeições e limitações precisam da beleza como estímulo, como meio.

Vale ilustrar



Figura 12. Momento litúrgico do culto da missa⁵¹.

É normal transparecer nos sinais litúrgicos as realidades divinas que representam e a beleza divina que refletem. Tudo isso justifica a preocupação de embelezar por sinais sensíveis uma ação que já é bela por natureza.

⁵¹ Imagem obtida no site: http://redemptionis-sacramentum.blogspot.com.br/2011/03/serie-mitos-liturgicos-comentados-mito_7789.html Acesso em 14/06/2014.

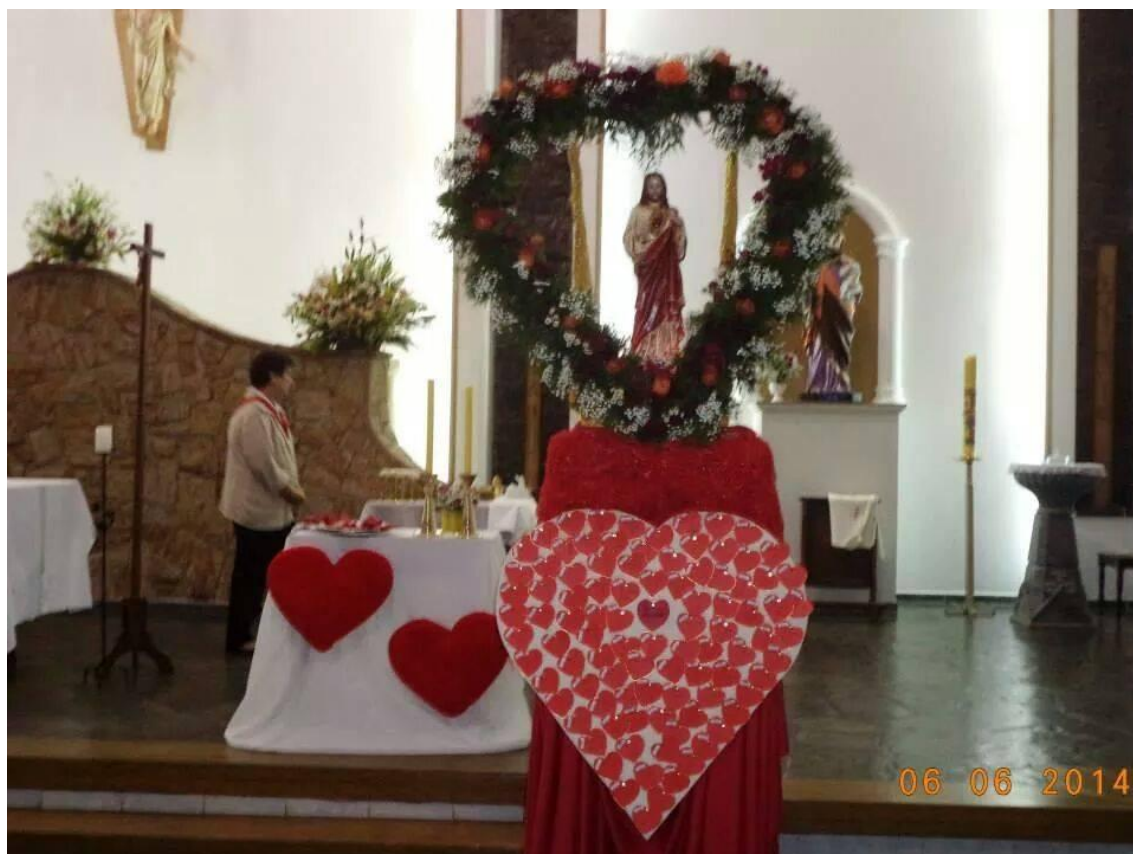


Figura 13. Simbolismo na ação litúrgica⁵².

Mas a beleza da liturgia não significa esteticismo litúrgico que leva a assembleia a preocupar-se unicamente com a beleza dos sinais e dos ritos, sem olhar mais para a meta que deve ser alcançada, que é a comunhão com Deus.

Os paramentos são símbolos e revivem no tempo litúrgico as ações vividas por Cristo. Na Igreja Católica, o ofício da missa, ação litúrgica mais importante, as vestes sagradas são as partes mais visíveis.

Vale ilustrar

⁵² Imagem obtida na página virtual (Facebook) da Paróquia Santa Maria Goretti: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1474817739421869&set=pcb.1474818266088483&type=1&theater> Acesso em 14/06/2014.



Figura 14. Casula⁵³ usado pelos sacerdotes católicos, a cor varia de acordo com o tempo litúrgico⁵⁴.

A beleza no culto litúrgico leva a Deus e empenha o coração humano a dialogar com Ele, daí a preocupação com a harmonia, qualidade, beleza e dignidade das vestes e objetos do culto. Ao longo dos séculos, a fé do povo cristão na presença de Cristo na Eucaristia com seu corpo, sangue, alma e divindade é comprovada e expressa pelo cultivo da arte sacra, e o catecismo – ou ensinamentos – da igreja católica expressa isso. A arte sacra é verdadeira e bela quando corresponde, pela forma, a evocar e glorificar, na fé e na adoração, o mistério transcendente de Deus, beleza invisível de verdade e de amor, manifesta em Cristo esplendor da sua glória e imagem da sua substância. Para os católicos, a verdadeira arte sacra leva o homem à adoração, à ação e ao amor de Deus Criador e Salvador, Santo e Santificador.

⁵³ Casula: É a última veste que o sacerdote usa, por cima de todas as outras. Tem, geralmente, atrás, uma grande Cruz. Os antigos a usavam como uma capa, nas estações chuvosas. Casula, em latim, significa "pequena casa". Recorda a túnica inconsútil de Nosso Senhor, tecida, segundo a tradição, por Nossa Senhora. No Calvário, os soldados não quiseram retalhá-la, mas sortearam-na entre si. Simboliza o suave jugo da Lei de Deus que devemos levar, e que se torna leve para as almas generosas. Ao vesti-la, o sacerdote reza: "Ó Senhor, que dissestes: 'o meu jugo é suave e o meu fardo é leve' (Mt 11, 30); fazei que eu possa levar a minha cruz de tal modo que possa merecer a vossa graça" Informações obtidas no site: <http://pequeninosdorosario.blogspot.com.br/2014/05/vestes-e-cores-liturgicas.html> Acesso em 14/06/2014

⁵⁴ Imagem obtida no site: <http://pequeninosdorosario.blogspot.com.br/2014/05/vestes-e-cores-liturgicas.html> Acesso em 14/06/2014

3.4 - A beleza nos símbolos e sua importância na teologia dos Arautos.

De acordo com Dias (2009), fundador dos Arautos do Evangelho, a mente divina é infinitamente rica de seres possíveis e, embora Deus os possa criar todos, somente alguns Ele torna realidade. Assim, cada um de nós existiu como um possível na consideração de Deus, desde toda a eternidade. Apesar d'Ele não ter querido criar todos os seres possíveis, é enorme a quantidade de criaturas vindas à existência pelo seu poder. Essa superabundância, como ocorre com todos os atos de Deus, foi intencional; entre outras razões, procedeu Ele dessa forma para espelhar uma maior quantidade de perfeições, ou mesmo evitar a sensação de monotonia que poderia facilmente se produzir na alma humana. Nessa imensa obra que o levou a descansar no sétimo dia, o Criador quis colocar uma nota de altíssima beleza: o simbolismo. Sobre isso, ensina-nos o Catecismo da Igreja Católica:

Na vida humana, sinais e símbolos ocupam um lugar importante. Sendo o homem um ser ao mesmo tempo corporal e espiritual, exprime e percebe as realidades espirituais por meio de sinais e símbolos materiais. Como ser social, o homem precisa de sinais para se comunicar com os outros, pela linguagem, por gestos, por ações. Vale o mesmo para sua relação com Deus (n. 1146) (DIAS, 2009, p.16).

O mesmo autor ressalta que nesta terra de exílio, um dos melhores modos de nos comunicarmos com Deus e termos, assim, algum antegoço da visão beatífica é contemplar os símbolos do Criador postos no universo, pois "as perfeições invisíveis de Deus, o Seu sempiterno poder e divindade, tornam-se visíveis à inteligência, por suas obras" (Rm 1, 20). Ou seja, desde que queiramos, é-nos dado discernir o Invisível no visível, o Infinito no finito, o Criador nas criaturas (DIAS, 2009).

Para o citado autor, não há dúvida que a beleza estética pura e simples tem grande valor, mas a inteligência desse valor não atingirá sua plenitude enquanto não remeta, de alguma forma, através de seu simbolismo, para o próprio Deus. Daí que a beleza simbólica tenha uma categoria muito superior à estritamente física.

Dias (2009) esclarece que há em nós uma inata tendência para Deus, a qual nos leva a fazer correlações, transcendendo da escala natural à sobrenatural. Nesse sentido, ensina São Tomás: "permanece no homem, ao conhecer o efeito, o desejo de saber que este efeito tem uma causa e de saber o que é a causa. Esse desejo é de admiração e causa

a inquirição"⁵⁵. Ora, como tudo quanto há no universo espelha em alguma medida o Criador, o movimento ordenado da alma é deixar-se atrair pelos reflexos de verdade, beleza e bem presentes nas criaturas. Assim, todos devemos procurar tornar nossa alma muito propensa à admiração, de forma a, deparando-nos com algo que é elevado, santo, nobre ou simplesmente reto, nos encantarmos e remontarmos à Causa suprema.

O mesmo autor aponta que a inteligência considera na criatura o ser, e se volta para o transcendental do maravilhoso: o *pulchrum*, ao qual corresponde o instinto humano para a contemplação da beleza do universo. Esta tendência do ser humano - a procura da beleza desde os primeiros contatos com as coisas na infância - é uma constante, uma atração, e, para usar uma metáfora, é semelhante a uma matéria com propriedades magnéticas. Por isso a criança, tem um agudo sentido do maravilhoso, através do qual olha com indiferença tudo o que não satisfaz o seu desejo nessa direção.

De acordo com Dias (2009) sua experiência, como fundador dos Arautos do Evangelho, tem-lhe dado o ensejo de constatar a atração e o impacto causados sobre as multidões pela beleza dos símbolos. Os depoimentos que colheu entre o público não lhe deixam margem a dúvida: seja em cerimônias litúrgicas, com a apresentação do *pulchrum* próprio das orações da Igreja (em particular da celebração da Santa Missa), seja em outros eventos solenes, religiosos ou não, revela-se uma "nostalgia de beleza" - assim como há uma "nostalgia da verdade", na expressão da *Fides et Ratio*. No fundo, percebe-se a manifestação da imensa "sede de Deus" (Sl 62, 2), que conduz as pessoas a considerarem natural e digno que esse Deus - alvo dessa nostalgia muitas vezes apenas implícita - seja louvado com a beleza e o esplendor da Liturgia. Conforme ressaltou Bento XVI, nas Vésperas celebradas na Catedral de Notre Dame, por ocasião de sua visita à França, em 2008:

A beleza dos ritos nunca será, certamente, suficientemente procurada, nem cuidada nem elaborada, porque nada é demasiado belo para Deus, que é a Beleza infinita. Nossas liturgias na terra não poderão ser senão um pálido reflexo da liturgia celeste, que se celebra na Jerusalém do alto, ponto de chegada de nossa peregrinação sobre a terra. Possam, portanto, nossas celebrações, aproximar-se o mais possível dela, e fazer com que a antegozemos (Bento XVI apud DIAS, 2009)⁵⁶

⁵⁵ Informações obtidas em artigo publicado no site oficial da Faculdade dos Arautos do Evangelho. Disponível no site: <http://faculdade.arautos.com.br/artigo/28877/Beleza-e-Nova-Evangelizacao> Acesso em 23/05/2014

⁵⁶ Informações obtidas em artigo publicado no site oficial da Faculdade dos Arautos do Evangelho. Disponível no site: <http://faculdade.arautos.com.br/artigo/28877/Beleza-e-Nova-Evangelizacao> Acesso em 23/05/2014

O mesmo autor destaca que devemos ainda assinalar o quanto tal nostalgia contradiz uma impressão equivocada, causada por certos ventos, no sentido de que o pulchrum está ultrapassado e até mesmo desarraigado. O descompasso entre aquilo que se quer fazer crer e a realidade facilmente verificável chega a ser grotesco.

Na teologia e missiologia dos Arautos não se pode pensar em Nova Evangelização sem se ter em linha de conta essa realidade que vai se difundindo pelo mundo. Assim, nada mais indispensável no momento do que ser capaz de descobrir essa nostalgia, ter senso apostólico para apalpá-la, habilidade para senti-la e interpretá-la, prodigalizando o pulchrum autêntico àqueles que por ele esperam.

3.5 – A beleza, o belo e o sublime na ação evangelizadora dos Arautos do Evangelho.

A ação evangelizadora dos Arautos do Evangelho tem como base o carisma que os leva a agir com perfeição em busca da beleza em todos os atos da vida diária, mesmo estando na intimidade. Assim eles se propõem a seguir o sublime mandamento de Jesus Cristo: "Sede perfeitos como vosso Pai Celeste é perfeito" (Mt 5, 48).

Vale ilustrar



Figura 15. A imagem a cima expressa o belo presente na cerimonia de ordenação dos novos sacerdotes Arautos do Evangelho⁵⁷.

Os Arautos procuram mostrar uma Igreja alegre, a qual, em linguagem metafórica, se poderia dizer que vive à sombra da luz. É o testemunho da luz de Deus que ilumina, aquece, enche todos os lugares e cria um ambiente de paz e de tranquilidade. A Igreja vai pelo mundo espargindo a luz da salvação, não condenando quem vive nas trevas - voluntariamente ou por ignorância -, mas iluminando o percurso para que caminhem à sombra da luz aqueles que estão nas sombras da morte. Vale ilustrar.

⁵⁷ Imagem obtida no site oficial dos Arautos do Evangelho: <http://diretodasacristia.com/home/tags/arautos-do-evangelho/> Acesso em 23 de maio de 2014



Figura 16. "Estar sempre com a Virgem Maria é característica dos Arautos. Eles A tomam como Mãe solícita à qual confiam suas aflições e que acompanha toda ação evangelizadora."⁵⁸

Para os Arautos caminhar à sombra da luz é ir, como os israelitas, acompanhados pela nuvem que protege e ilumina, iluminados e iluminadores. Empregando uma imagem do pensador contemporâneo Heidegger, os Arautos querem ser como o grupo alegre dos homens "últimos" - que ele chama "os futuros" -, os quais avançam pelo deserto escuro, com tochas acesas, para indicar aos outros o lugar onde Deus Se manifesta. Enquanto alguns se queixam de não haver monges nem mosteiros

⁵⁸ Imagens obtidas no site oficial dos Arautos do Evangelho: <http://www.arautos.org/especial/36944/Um-carisma-encantador-.html>http://presbiteros.arautos.org/tag/beleza/#_ftnref1 Acesso em 23/05/2014

no mundo contemporâneo, os Arautos procuram restaurar essas figuras e mostrar que há, quem possa ser um farol de luz que ilumina, de luz que acolhe e de luz que redime⁵⁹.

De acordo com Pe. Carlos Alberto Mora ⁶⁰, “Quem expressa através de sua vida a beleza de Deus, bem pode ser chamado - portador da beleza de Deus”.

Para Pe Carlos, atrai a atenção, na Associação Arautos do Evangelho, o arranjo dos seus templos: o esplendor do gótico. Este estilo arquitetônico teria a vantagem de ser um método místico que eleva da beleza do material para a beleza fonte do imaterial. As igrejas dos Arautos são construídas numa explosão de cores e de luz, que busca elevar a alma às coisas divinas onde se encontra a fonte inexaurível da Verdade, da Bondade e da Beleza.

Segue ilustração



Figura 17. Basílica de Nossa Senhora do Rosário - situada junto á principal casa de formação dos Arautos do Evangelho. Com estilo peculiar, foi concebida para levar e elevar os corações dos fiéis a Deus⁶¹.

Esses templos exprimem o estado da vida futura, como disse São Tomás de Aquino. Uma igreja gótica simboliza a Jerusalém Celestial, não como fortaleza, mas como Céu e Paraíso através da lux, claritas et splendor. Quem celebra uma Eucaristia nesses templos, voltaria à vida cotidiana e continua sendo um templo gótico para os demais:

⁵⁹ Cf. Site oficial. http://www.arautos.org/especial/36944/Um-carisma-encantador-.htmlhttp://presbiteros.arautos.org/tag/beleza/#_ftnref1 último acesso 23 de março de 2014.

⁶⁰ Informações obtidas no site: http://www.arautos.org/especial/36944/Um-carisma-encantador-.htmlhttp://presbiteros.arautos.org/tag/beleza/#_ftnref1 último acesso 21 de maio de 2014

⁶¹ Imagens obtidas no site: <http://basilica.arautos.org/#sthash.TTHLaZLL.dpuf> Acesso em 23/05/2014.

tanto mais luminosos quanto mais divinos. Ser e manifestar a beleza de Deus é a grande tarefa para os Arautos, pois debilidade humana pode sempre estar à espreita⁶².

Uma das características dos Arautos relaciona-se ao grau de fidelidade ao papa. Preocupam-se bastante com isso e afirmam esta fidelidade sempre quando podem, ainda mais que foram erigidos como "Associação Internacional de Fiéis de Direito Pontifício" em fevereiro de 2001.

Outro traço que representa de forma mais clara os Arautos é sua missão, carisma e evangelização, voltados para a prática da beleza. A importância da beleza enquanto meio de atrair as almas para as verdades cristãs e mesmo para fixá-las e fazê-las progredir na fé.

Os Arautos do Evangelho anunciam que foi a beleza, traduzida na liturgia, nos paramentos, na música, na arquitetura, nos trajes, nos costumes, que constituiu uma das principais forças propulsoras de maravilhosas mudanças, sopradas pelo Espírito Santo. Um dos resultados desse movimento foi o surgimento, pouco mais tarde, das grandes catedrais em estilo gótico, ousadas, esguias, rendilhadas, banhadas pela extasiante luminosidade de vitrais multicoloridos, e marcadas pela acolhedora fisionomia de belos afrescos e imagens.

Brandão (2006) questiona: Por que aquilo que é belo tem essa força de atração para o bem e para a verdade? Uma das razões é muito simples: para mover a alma humana, não é suficiente a mera abstração, não bastam arrazoados doutrinários e demonstrações teóricas; é preciso tocar o coração. E a beleza é um dos modos mais efetivos de impulsioná-lo em direção à verdade e ao bem.

O Cardeal Poupard, afirma: “A via pulchritudinis é uma longa tradição na Igreja. Ela pede hoje para ser redescoberta, porque ela foi muitas vezes esquecida e até combatida, porque mal compreendida” (BRANDÃO, 2006, p. 12).

Brandão relata que em agradecimento aos Arautos pela prática e uso da beleza para atrair novos adeptos na missão de evangelizar o Cardeal Poupard escreveu ao fundador dos Arautos do Evangelho, Mons. João S. Clá Dias:

“Sua rica contribuição evidencia a experiência neste campo da evangelização, que não utiliza a expressão bela como eventos periódicos, mas como linguagem habitual e própria da Boa Nova de Jesus Cristo. Colocar a questão sobre Deus em um mundo secularizado supõe despertar o desejo de Deus na consciência de

⁶² Cf. Revista Arautos do Evangelho, Março/2010, n. 99, p. 34 – 37.

muitos homens e mulheres, narcotizados por uma mentalidade niilista. A via para redescobrir a Verdade como caminho de vida eterna é despertar o desejo de viver o encontro n'Aquele que é a Beleza” (BRANDÃO, 2006, p. 12).

Como meio de evangelização, a beleza na liturgia tem sido ao longo dos séculos a causa de incontáveis conversões. Não são raros os homens de letras que deixaram consignada em alguma de suas obras a influência exercida pelo pulchrum litúrgico no processo de seu retorno à Igreja. Um desses é Joris Karl Huysmans, autor das célebres obras “En route” e “La Cathédrale”⁶³.

De acordo com Dias (2007) estes homens de letras mencionam a atração irresistível que exerce a vista dos celebrantes vestindo belos paramentos, movendo-se por entre a névoa do incenso e o tilintar das campainhas, do resplandecer dos vitrais colorindo as paredes e o chão, dos acordes do órgão fazendo solo ou acompanhando o canto gregoriano e o polifônico, enchendo de sonoras harmonias os espaços entre os arcos góticos das catedrais.

Na Liturgia, o pulchrum não é um elemento secundário, com o qual se deve ou não contar, segundo circunstâncias e conveniências, mas ele tem um papel essencial. É o que Bento XVI afirma de modo claro, e por suas palavras vemos como é preciso proporcionar à beleza um lugar de honra nas celebrações:

A verdadeira beleza é o amor de Deus que nos foi definitivamente revelado no mistério pascal. A beleza da Liturgia pertence a este mistério; é expressão excelsa da glória de Deus e, de certa forma, constitui o céu que desce à terra. O memorial do sacrifício redentor traz em si mesmo os traços daquela beleza de Jesus testemunhada por Pedro, Tiago e João, quando o Mestre, a caminho de Jerusalém, quis transfigurar-Se diante deles (Mc 9, 2). Concluindo, a beleza não é um fator decorativo da ação litúrgica, mas seu elemento constitutivo, enquanto atributo do próprio Deus e da sua revelação. Tudo isto nos há de tornar conscientes da atenção que se deve prestar à ação litúrgica para que brilhe segundo a sua própria natureza⁶⁴.

Por fim, cumpre lembrar que para os Arautos o papel da beleza na evangelização, a via pulchritudinis deve ser percebida e vivida como uma via privilegiada e eficaz de evangelização, de transmissão da fé cristã e de diálogo com todos os homens e mulheres de boa vontade, mesmo que não crentes.

⁶³ Informações obtidas no site: <http://presbiteros.arautos.org/tag/pulchrum/> Acesso em 13/06/2014

⁶⁴ Exortação Apostólica pós-Sinodal “Sacramentum Caritatis”, n. 35. Informações obtidas no site: <http://presbiteros.arautos.org/tag/pulchrum/> Acesso em 13/06/2014

Os Arautos vão buscar o fundamento da “Via Pulchitudinis” no livro do Gênesis. No primeiro capítulo do Gênesis, contemplamos Deus criando as maravilhas do universo ao longo de seis dias, e a cada entardecer, antes da noite, exclama o narrador: “E viu Deus que isso era bom” (Gn 1, 25). Ao concluir todas as maravilhas, “viu Deus tudo o que tinha feito, e tudo era muito bom” (Gn 1, 31). E o Livro dos Salmos canta: “Como são magníficas tuas obras, Senhor!” (Sl 91, 6). “Fizeste-as todas com sabedoria!” (Sl 103, 24).

Para eles, esta formosura de todo o universo criado é particularmente atraente para o homem. A beleza atrai o homem. “Em virtude do próprio fato da criação, todas as coisas possuem consistência, verdade, bondade e leis próprias” (DIAS, 2007, p.89) Os Arautos do Evangelho são chamados a degustar, apreciar e admirar essa maravilha que a ordem da criação apresenta.

3.6 – A beleza como estratégia para reforçar o conservadorismo católico e restaurar o rebanho ante a crise demográfica da Igreja.

A partir dos anos 1980 o catolicismo conservador consolidou-se como hegemônico na Igreja Universal, resultado prático do esforço empreendido pelos seus defensores que, desde a década anterior, empenhavam-se pela retomada das posições decisórias dos organismos regionais, nacionais, continentais e mundiais da Igreja. Simbolicamente, esta hegemonia foi representada como tendo seu grande marco na eleição do papa polonês ao trono de Pedro, que escolheu chamar-se João Paulo II. Neste contexto, o catolicismo conservador se concretizou com um novo comportamento que simultaneamente acolheu e/ou rejeitou os elementos do mundo pós-moderno, conforme sua eficácia para a expansão da fé e consolidação da Igreja na sociedade (ZANOTTO, 2011, p.16).

O Sínodo Extraordinário dos Bispos⁶⁵ realizado em 1985, realçou que a Igreja efetivamente se encontrava diante de uma crise que só poderia ser superada pelo reforço do centralismo. Também primou pela admissão de uma política inclusiva e valorativa de

⁶⁵ “Sínodo dos Bispos é uma reunião de vários dias, convocada pelo Papa, com Bispos convidados do mundo todo, para tratar de determinado assunto da Igreja, de doutrina ou de pastoral (família, Eucaristia, sacerdotes, etc). Há os Sínodos ordinários a cada quatro anos e os extraordinários que o Papa convoca a qualquer tempo. Após o Sínodo o Papa emite um documento chamado Exortação Apostólica onde resume e aprova as principais conclusões que os Bispos chegaram no Sínodo”. Informações obtidas no site: <http://cleofas.com.br/o-que-um-sinodo-dos-bispos/> Acesso em 16/06/2014.

elementos regionais nas Igrejas locais, que tornou mais expressiva a convivência de grupos heterogêneos e até mesmo antagônicos em uma instituição que, sofrendo com a perda crescente de influência, poder e fiéis, implementou uma estratégia de manutenção e ampliação de seu público através da “tolerância” às inúmeras organizações religiosas e/ou leigas surgidas no pós-guerra, ressaltando a “variedade e a pluriformidade na unidade” (COMUNICADO MENSAL DA CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 1985. p. 1679). Assim, optou-se pela legitimação de uma pluralidade de formas religiosas nas quais o mínimo de reconhecimento identitário relacionava-se com a aceitação do núcleo dogmático das chamadas “devoções brancas”: infalibilidade papal, Imaculada Conceição de Maria e transubstanciação eucarística (ZANOTTO, 2011, p.17).

Zanotto (2011) esclarece que ante tal diversificação ativa, as medidas adotadas pelo novo pontífice foram pontuadas pela promoção da centralização, o estímulo de movimentos ligados ao Vaticano, a criação de institutos leigos com estatutos, a censura à produção teológica, a política conservadora de nomeação de bispos, o retorno à moral e, a utilização midiática expressiva para difusão e consolidação do catolicismo no mundo (SILVEIRA, 2004, p. 166s). Em vista disso, podemos articular com alguma coerência histórica a rápida aceitação e legitimação dos AE no campo católico brasileiro num contexto de expansão prosélita pautada num catolicismo multifacetado e conservador – quando não reacionário – tal como este grupo ativamente faz vivenciar e difundir.

Para o historiador Rodrigo Coppe Caldeira⁶⁶ o conservadorismo católico no Brasil teve influencia de nomes como: Plínio Corrêa de Oliveira, fundador da Associação para a Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP), Orlando Fedeli, que constitui a Associação Cultural Montfort, e Clá Dias, fundador dos Arautos do Evangelho.

Quando se fala da Associação para Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP), famosa pelo ultraconservadorismo e pelas manifestações contra o divórcio e o comunismo, a imagem que vem à mente é a de uma instituição conservadora, defensora de posições políticas à direita, com um viés religioso e avesso a mudanças, sob as

⁶⁶ Rodrigo Coppe Caldeira é graduado em História pela PUC-Minas com mestrado e doutorado em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora. É autor de **Os baluartes da tradição: O conservadorismo católico brasileiro no Concílio Vaticano II** (Ed. CRV, 2011). Trecho de entrevista concedida ao site: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/45840-tradicionalismo-e-conservadorismo-catolicos-as-ideologias-em-jogo-entrevista-especial-com-rodrigo-coppe-caldeira> Acesso em 13/06/2014

orientações de seu fundador, o advogado paulistano Plínio Corrêa de Oliveira. Essa sociedade manifestava publicamente, com estardalhaço, suas opiniões reacionárias e tomava as ruas empunhando megafones e seu estandarte, no qual reluzia um leão dourado, em marchas contra a reforma agrária, o divórcio, o aborto e o comunismo, entre outros temas. Com a morte do fundador, Plínio C. de Oliveira, em 1995, a TFP passou por uma verdadeira revolução interna que acabou por redefinir seu perfil de atuação. Hoje, os Arautos, ala dissidente da TFP, está voltada apenas para a religião e o belo como elemento unificador entre o homem e Deus⁶⁷. Vale ilustrar



Figura 18 - Membros da TFP em marcha por causas conservadoras⁶⁸.

⁶⁷ Informações obtidas no site da Revista Istoé
http://www.istoe.com.br/reportagens/337199_A+NOVA+TFP Acesso em 16/06/2014

Independente:

⁶⁸ Imagem obtida no site da Revista Istoé
http://www.istoe.com.br/reportagens/337199_A+NOVA+TFP Acesso em 16/06/2014.

Independente:



Figura 19 - Arautos do Evangelho, sob o comando de monsenhor Clá Dias, com a missão de espalhar o belo onde quer que estejam⁶⁹.

Para entender a revolução que deu origem à nova TFP é preciso voltar a 1995, ano da morte de Plínio C. de Oliveira. Desde a sua fundação, a TFP funcionou sob o comando de oito senhores chamados de fundadores. Com direito a voto, eles determinavam, sozinhos, os rumos da organização e nunca encontraram resistência. No entanto, com a expansão da TFP e a efervescência política no País a partir de 1989, um grupo crescente de membros começou a manifestar desconforto com a concentração de poder dos fundadores. O pleito dos reformistas era por uma mudança no estatuto, que poderia vir a dar direito de voto a mais membros e fazer da instituição um lugar mais democrático. Mas, embora presente em meados dos anos 1990, a causa pela democratização da TFP ainda era pouco popular. A impressão geral era de que, enquanto Oliveira estivesse vivo, pouco mudaria, mas quando o Dr. Plínio morreu, os dissidentes passaram a se articular melhor e mostraram ter um líder, monsenhor João Scognamiglio Clá Dias⁷⁰.

João Clá foi, na TFP, o braço direito do Dr. Plínio. Carismático, ele destoava da maioria dos membros da TFP por ser religioso, e não leigo, e chamava a atenção pelo

⁶⁹ Ibid

⁷⁰ Informações obtidas no site da Revista Istoé Independente: http://www.istoe.com.br/reportagens/337199_A+NOVA+TFP Acesso em 16/06/2014

traquejo que tinha com jovens, além de uma confiança cega do idealizador da TFP, como já foi visto no primeiro capítulo desta dissertação⁷¹.

Em 1997 monsenhor João Clá comandou os reformistas, conhecidos como dissidentes e levaram a disputa pelo controle da TFP à Justiça. Alegando que uma sociedade civil não pode ser administrada sem a consulta de seus membros, eles pediram a mudança no estatuto da sociedade para ter direito a voto. Perderam em primeira instância, em 1998, e conquistaram a posse da sigla TFP em 2004, além de bens e de sua diretoria. Membros, contrários às ideias de Clá Dias, saíram da sociedade e criaram a Associação dos Fundadores, em 2004⁷².

Após os dissidentes assumirem a TFP o que se viu foi, na prática, uma refundação da sociedade sob um projeto novo e, aparentemente, sem grandes ambições expansionistas. As atividades classificadas como “temporais”, ou não religiosas, do grupo foram sendo reduzidas gradualmente, o que era de atuação pública em defesa de suas crenças, deu lugar à oração e à vivência da fé pura e de forma exclusivamente meditativa. Como o comunismo, a reforma agrária e até o divórcio se tornaram temas de certa forma superados, era natural que o foco mudasse os Arautos, voltassem para a religiosidade⁷³.

Arautos do Evangelho, uma associação privada de fiéis de direito pontifício – ligada, portanto, diretamente ao papa, assim se diferencia da TFP mantendo o seu tradicionalismo, enquanto na TFP original a tríade era tradição, família e propriedade, e nunca se buscou reconhecimento do Vaticano, nos Arautos as máximas são o Papa, Maria e a Eucaristia. Eles querem ser um novo serviço a Igreja conservadora, um movimento tradicionalista com um discurso moralizador, doutrinário e autoritário. Tem uma postura rígida, que lembra aspectos militares e usam vestimentas com símbolos medievais. Assim são um dos movimentos mais conservadores da Igreja Católica. Por ano, realizam mais de mil apresentações em todo o mundo. Por trás deste sucesso, jovens abandonam tudo para seguir uma doutrina que exige nada menos do que a perfeição. Dizem estar a serviço da Igreja visando expandir o belo. “O belo é o hífen que liga o homem a Deus” (DIAS, 2007, p.23), explica João Clá, fundador dos Arautos do Evangelho⁷⁴.

⁷¹ Idem

⁷² Idem

⁷³ Informações obtidas no site da Revista Istoé Independente: http://www.istoe.com.br/reportagens/337199_A+NOVA+TFP Acesso em 16/06/2014

⁷⁴ Ibid

Poderíamos indagar que motivos levaram o Papa a conferir reconhecimento pontifício a um movimento de leigos de somente dois anos. Uma das respostas a essa indagação encontra-se no fato de o Vaticano acreditar que esses movimentos de leigos são um caminho para a formação de sacerdotes (ALTOÉ, 2006, p.75).

Segundo Beozzo, não é um caso excepcional o fato de os Arautos do Evangelho, logo após sua fundação, obterem reconhecimento pontifício, já que outras organizações também o conseguiram. Bastava ter o apoio do bispo local e a partir daí pleitear o reconhecimento de Roma. No entanto, o crescimento rápido da organização é decorrente da aposta do Vaticano de que esses movimentos salvarão a Igreja, aposta presente em João Paulo II e no cardeal Ratzinger, atual Bento XVI (BEOZZO apud ALTOÉ, 2006, p.75).

No entanto, a justificativa para o apoio do Vaticano aos Arautos do Evangelho, da-se em virtude dos benefício que essa associação traz para a Santa Sé.

Altoé (2006) diz que a questão do reconhecimento pontifício é um fator importante a diferenciar a TFP e Arautos do Evangelho. Enquanto a TFP mantém sua recusa em se submeter à hierarquia eclesiástica para agir livremente sem sofrer qualquer tipo de coerção da Igreja, os Arautos do Evangelho explicitam sua fidelidade ao papa. Não podemos dizer que os Arautos do Evangelho aderiram à ala progressista da Igreja. Não encontramos nesta associação referências à libertação dos pobres via teologia cristã. No entanto, também não podemos rotulá-los de integristas, pois são plenamente reconhecidos por Roma e não fazem oposição explícita aos valores conciliares aderindo a alguns.

Para Altoé (2006) os Arautos do Evangelho ao fazerem formalmente parte da Igreja não só aceitam a missa renovada como participam animando-a através de sua banda sinfônica. Nesse sentido, a entidade parece ter deixado no passado – pelo menos em algumas questões como o ritual da missa - a leitura da tradição como imutável que foi característica da TFP, adequando-se aos novos tempos da Igreja Católica. Ao aceitarem essa modificação da Igreja os Arautos do Evangelho obtiveram livre circulação em muitas dioceses, o que, sem dúvida alguma, facilita a conquista de mais membros e simpatizantes.

João Clá, inspirado no conservadorismo, aos 18 anos, depois de 11 meses de serviço militar, se encantou com o regulamento disciplinar do Exército e suas regras. E nos moldes deste regimento criou o regulamento dos Arautos:

Andar, ficar parado, sentar, para tudo é preciso consultar o manual de conduta da entidade. São 124 páginas com regras do começo ao fim. Para o escravo atingir a perfeição é preciso reaprender a fazer as coisas mais simples do dia-a-dia como, por exemplo, lavar as mãos: molhar as mãos, impregnar de sabão as palmas das mãos, friccionar as palmas e depois os dorsos. Primeiro a mão direita sobre a esquerda. Pentear-se: umedecer os cabelos e aplicar fixador se precisar. Engraxar os calçados: passar a escova nos calçados para limpá-los. Primeiro o pé direito⁷⁵. João Clá Dias, explica: “Não se consegue nada de verdadeiramente valioso sem disciplina” (DIAS, 2007, p.23).

Os Arautos do Evangelho não gostam de falar sobre as polêmicas que nos últimos anos mancharam a reputação do alto escalão da Igreja Católica. Também evitam assuntos que têm incomodado o Vaticano, como as discussões sobre a legalização do aborto, o casamento gay ou o sacerdócio feminino. Para estes religiosos, a questão é simples: a tradição deve ser preservada dentro da maior instituição religiosa do mundo, que agrega cerca de 1,2 bilhão de fiéis. Os Arautos do Evangelho são apontados como a Associação Brasileira de Direito Pontifício mais influente dentro da Cúria Romana. Essa influência tem dois motivos. O primeiro é a capacidade vocacional da associação, que conta com cerca de 650 seminaristas espalhados pelo mundo. O segundo motivo é mais mundano: com seus quase 30 mil associados, espalhados por 78 países, a organização tem um poder financeiro que não pode ser negligenciado⁷⁶.

Os Arautos se comparam aos cavaleiros que saíam da Europa rumo a Jerusalém, durante a Idade Média. A exemplo desses guerreiros que tomaram parte da África do Norte e do Oriente Médio há quase mil anos, os Arautos acreditam que sua missão é evangelizar o mundo. "Nós temos missionários em diversos países", explica o Padre Carlos⁷⁷.

A comparação não para por aí. Na indumentária dos Arautos do Evangelho, as referências aos cavaleiros medievais está em diversos detalhes. Eles usam botas em homenagem a estes cavaleiros. Além das botas de cano alto, os membros da associação vestem-se com um longo hábito marrom, estampado com uma cruz de Santiago vermelha e branca, estilizada com pontas que lembram flores de lis. A cintura dos

⁷⁵ Ibid

⁷⁶ Trecho de entrevista concedida ao site: <http://noticias.terra.com.br/mundo/europa/renuncia-do-papa/organizacao-que-se-inspira-na-idade-media-espera-papa-mais-comunicativo,95b7aa83c2e5d310VgnVCM5000009ccceb0aRCRD.html> pelo Pe. Carlos, membro dos Arautos do Evangelho, em 9 de set. de 2013. Último acesso em 13/06/2014

⁷⁷ Trecho de entrevista concedida ao site: <http://noticias.terra.com.br/mundo/europa/renuncia-do-papa/organizacao-que-se-inspira-na-idade-media-espera-papa-mais-comunicativo,95b7aa83c2e5d310VgnVCM5000009ccceb0aRCRD.html> pelo Pe. Carlos, membro dos Arautos do Evangelho, em 9 de set. de 2013. Último acesso em 13/06/2014

Arautos é ornada com uma corrente de ferro, símbolo de sua condição de escravos da virgem Maria, assim como um rosário, que, segundo eles, é a “arma espiritual” de cada Arauto⁷⁸.

Os costumes medievais dos Arautos lembram muito a TFP (Tradição, Família e Propriedade), que ao longo de décadas, ganhou a antipatia até mesmo da Igreja por causa da violência e moralismo radical.

Para os Arautos um dos objetivos desse zelo com a vestimenta é atrair a atenção dos fiéis. Segundo estes religiosos a beleza do hábito, dos seus templos e casas religiosas chamam a atenção dos fiéis por onde passam. O que causa nas pessoas a curiosidade de saber de onde eles são e de admirar a beleza que seus trajes e templos transmitem.

Os Arautos do Evangelho respeitam a hierarquia da Igreja Católica e tem o Papa como a cabeça da Igreja.

Para Costa (2006), do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, esta instituição é “conservadora”. O tom conservador, quando não reacionário, deste movimento parece ser uma reação à modernidade. A ascensão deste movimento até à cúpula do Vaticano não aconteceu por razões meramente religiosas, mas também políticas, como contra-ataque à Teologia da Libertação, que denuncia a pobreza e exclusão social, na América Latina⁷⁹.

Com apoio do Papa João Paulo II e logo depois o apoio de Bento XVI, os Arautos do Evangelho propõem um recomeço, uma mudança do catolicismo cultural para um catolicismo confessante, tendo como prioridade a conversão dos fiéis.

De acordo com Barbara Wong⁸⁰ durante a visita papal, em Lisboa, os Arautos do Evangelho, uma associação de direito canónico, de origem brasileira, reconhecida pelo atual Papa trajados com fatos de inspiração militar, botas incluídas, foram a orquestra que acompanhou a cerimónia no Terreiro do Paço, em Lisboa, e a celebração das vésperas em Fátima⁸¹.

Em síntese, este capítulo demonstrou que a Igreja Católica é uma comunidade evangelizadora, com vistas a semear entre os homens a palavra de Deus que salva. Os

⁷⁸ Ibid

⁷⁹ Informações obtidas no site: http://static.publico.pt/papaemportugal/Noticia/catolicos-conservadores-na-linha-da-frente-do-apoio-ao-papa_1435613 Acesso em 23/06/2014

⁸⁰ Barbara Wong é editora online do site: <http://www.publico.pt/autor/barbara-wong> Acesso em 13/06/2014

⁸¹ Informações obtidas no site: http://static.publico.pt/papaemportugal/Noticia/catolicos-conservadores-na-linha-da-frente-do-apoio-ao-papa_1435613 Acesso em 23/06/2014

Arautos do Evangelho integram e participam oficialmente desta missão e a exercem no mundo inteiro por um mandato direto do Sumo Pontífice. Tanto a Igreja Católica como os Arautos integram evangelização e beleza. Entretanto, nos Arautos, a beleza assume um aspecto peculiar, a evangelização pelo caminho do belo, isto é, assumem o belo como instrumento de evangelização. O belo e o sublime, no entanto, que eles lhe atribuem no carisma e na teologia dos Arautos e perpassam todos os passos da sua ação evangelizadora. Entretanto, não é uma beleza desinteressada, isto tem caráter funcional e prático, e até “político”, integrando, ao lado de outros movimentos recentes, o esforço restaurador da Igreja numa linha conservadora.

CONCLUSÃO

Ao concluir esta dissertação cumpre lançar um olhar retrospectivo e crítico do trabalho realizado. Nesta visão retrospectiva, a, impressão é que nosso objeto foi suficientemente trabalhado. De fato no primeiro capítulo nos propusemos a responder as seguintes indagações: Quais as raízes de onde surgiram os Arautos e a que vieram? Qual é o carisma da Instituição e qual a presença deles no espectro do catolicismo contemporâneo, e como se expandiu a Instituição.

Sintetizando o capítulo demonstramos que os Arautos se originaram no seio da TFP brasileira, uma associação civil de inspiração católica, composta de leigos. Seu fundador Plínio Corrêa de Oliveira nasceu em São Paulo, em 1908.

Os Arautos do Evangelho, como ficou demonstrado no capítulo primeiro, nasceram no seio da TFP da qual constituem uma dissidência. A TFP, fundada por Plínio C. de Oliveira, se constituiu numa Instituição radicalmente conservadora e contrária às posições do Concílio Vaticano II reforçando assim uma ala da Igreja que se posicionava a favor de um retorno a uma moral rígida e a uma visão intimista da religião desprendida dos grandes desafios sociais provocados pela opressão dos mais pobres. Nesse clima de conservadorismo nasceram os Arautos do Evangelho, Liderados por João S. Clá Dias rompera com a matriz e constituíram uma nova família religiosa.

Fundaram uma Associação de Fiéis de Direito Pontifício, isto é, submetida diretamente ao Sumo Pontífice. Fundada em 1991 hoje está presente em mais de 70 países. Esta expansão se deve ao momento histórico em que surgiu a Instituição, ao lado de outras Associações que foram aparecendo no espectro do catolicismo da época. Propuseram-se os Arautos a uma evangelização restauradora buscando atrair para Igreja os fiéis que se afastaram. Ao contrário da TFP que não se ligava a hierarquia da Igreja e assumiam posições que incomodavam as autoridades eclesásticas, Clá Dias instituiu uma entidade de leigos consagrados que praticam os votos de castidade, de pobreza e obediência.

Esses religiosos devem por vocação não só buscar a perfeição em atos interiores mas exteriorizar a sua espiritualidade em meio a sociedade. Assumem um compromisso perpetuo com a verdade e a prática da virtude, tudo realizado com a prática da beleza que se torna elemento de santificação.

Os Arautos possuem seus carismas ou suas características próprias. A espiritualidade evidenciada pelo grupo consiste na valorização do belo, na vida de

oração contemplativa, na meditação, na obediência, na vivência dos preceitos da Igreja Católica, na disciplina, na ordem, na devoção a eucaristia, a Maria Santíssima e ao Papa, isto é, à Cátedra de Pedro.

A valorização do belo para os Arautos é profundamente teológica, pois está ligada a beleza de Deus, como veremos no segundo capítulo.

Constituíram-se pois numa agremiação de estilo militante devotados ao comando do Papa e dos Bispos, dispostos a ir a luta em todo canto da terra para reconquistar os fiéis desgarrados.

São estes os principais passos que percorremos no primeiro capítulo. Sendo a proposta desta dissertação focalizar a missão evangelizadora dos Arautos mediante sua peculiaridade ou carisma que é a estética, o belo e o sublime, encetamos um aprofundamento destes conceitos no capítulo segundo do nosso trabalho.

Começamos expondo a polissemia destes conceitos e a dinamicidade histórica que os envolve. Vimos como a Antiguidade Grega cultuava tanto a beleza a ponto de alçá-la no nível de um atributo divino.

Passamos a revista estes conceitos nas concepções Platônicas e Aristotélicas. Do Platonismo o belo situa-se no mundo ideal e transcendente onde estão a verdade, a bondade, a unidade. Vimos que Aristóteles já prenunciava uma concepção mais lógica e sensível de estética. Na idade Média dá-se uma cristianização do conceito de belo e de sublime eis que Deus e seu filho Jesus Cristo são a beleza por excelência da qual as belezas sensíveis são espelho e participação.

Na modernidade enfatizamos as posições pioneiras de Kant com relação a estética e o belo, sua concepção universalista da beleza aliada, porém, a uma visão subjetivista e relativista.

Colocados os conceitos de estética, belo e sublime nessa evolução histórica, perguntamos qual seria a concepção dos Arautos do Evangelho com relação a estes conceitos. Vimos que os Arautos tem profundas reflexões sobre estética, belo e sublime que fundamentam o cerne de sua missão que é a evangelização pela via pulchritudinis.

Eles apresentam uma forte tendência à divinização da beleza e uma visão contemplativa do belo vendo-o como atributo da própria divindade e assim retornam e cristianizam o antigo conceito pagão de beleza. Eles veem a beleza como participação e espelho do belo divino que reside em Deus e Jesus Cristo. Beleza para eles tem uma forte conotação moral, também caracteriza a beleza uma perspectiva funcional e

utilitarista: o belo é uma profunda atração para Deus, para Jesus Cristo e para a Igreja, no caso, Igreja Católica que é a morado por excelência do belo divino.

Munidos desta visão profundamente teológica e contemplativa da beleza os Arautos vão à luta.

Para compreender a missão evangelizadora dos Arautos, estando eles inseridos no seio da Igreja Católica dissertamos sobre a missão evangelizadora que a ela foi confiada por Cristo.

Preocupou-nos mostrar as peculiaridades da missão evangelizadora dos Arautos. As ilustrações que aparecem no terceiro capítulo mostram como tanto a Igreja Católica como os Arautos buscam propagar a verdade do cristianismo, mediante o esplendor e a arte de maneira colorida e fulgurante.

A evangelização dos Arautos é feita mediante símbolos todos eles impregnados de beleza, uma beleza que tem conotações góticas e medievais e busca através do esplendor atrair os fiéis e a convocar os egressos a retomarem o redil de Cristo. Trata-se de uma missão que vive profundamente a beleza, impregna a verdade evangélica de beleza e busca fazê-la espelhar na espiritualidade e na vida dos fiéis. Entretanto trata-se também de um belo que tem uma função de utilitarismo e funcionalidade, pois um dos seus objetivos próprios é também “lotar a Praça de São Pedro” isto é, recompor o rebanho da Igreja ante a sua crise demográfica dos últimos tempos, trata-se também de uma beleza impregnada de aspectos moralizantes, pregando uma revivência das posições mais tradicionais do catolicismo.

Assim, nos parece termos respondido às questões que suscitaram a pesquisa e comprovado a hipótese que guiou o nosso percurso.

Entretanto limitações existem. Sente-se a falta de uma ida ao campo para captar como os fiéis percebem e acolhem esta evangelização pela beleza e esse esplendor litúrgico e devocional às vezes exagerado nas suas cores, nas vestimentas e nos gestos.

Também não nos foi possível captar como os seguimentos mais avançados da Igreja estariam reagindo a este modelo de evangelização.

Embora haja críticas possíveis a este modelo, resta a certeza de que a beleza é algo fundamental para o ser humano para a elevação das criaturas ao divino e, para a Igreja, uma condição indispensável para vivenciar o esplendor da divindade.

REFERÊNCIAS

AGUILÓ, Alfonso. **É razoável crer?** São Paulo: Quadrante, 2006.

ALMEIDA, Alexandre de. **A noção de sublime em Kant e a questão da comoção na arte**, 2010. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - PUC/RJ.

ALTOÉ, André Pizetta. **Tradição Família e Propriedade (TFP): Uma instituição em movimento**, 2006. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Universidade Federal Fluminense.

BAYER, R. **História da estética**. São Paulo: Estampa, 1993.

BENTO XVI. **Sacramentum caritatis: Exortação apostólica pós-sinodal do Sumo Pontífice ao episcopado, ao clero, às pessoas consagradas e aos fieis leigos sobre a eucaristia, fonte e ápice da vida e da missão da Igreja**. São Paulo: Paulinas, 2007, p.35.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BRUNEAU, Thomas. **Catolicismo Brasileiro em Época de Transição**. São Paulo: Loyola, 1974.

CAUQUELIN, Anne. **Teorias da arte**. São Paulo. Martins Fontes: 2005, p. 61 e 62.

CALVANI, Carlos. **Evangelismo: A estratégia da Sedução entre o púlpito e a universidade**, 2010. Artigo Disponível em: <<http://reflexosteologicos.blogspot.com.br/2010/05/evangelismo-estrategia-da-seducacao.html>> Acesso em 4 de setembro de 2012.

CARRIKER, Charles Timothy. **O Evangelho e a Cultura. Leituras para a antropologia Missionária**. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 2008.

COSTA, Fernanda Oliveira da. **Beleza, Caminho para a Evangelização**. 2006. Artigo Disponível em: <http://comunidadesenhordavida.org.br/formacaoTexto.asp?IDArea=45&IDTexto=26> Acesso em 06 de setembro de 2012.

CHESNUT, R. Andrew. **O Boom Pentecostal e os patógenos da Pobreza**. Londres: Rutgers University Press, 1997.

DIAS, João S. Clá Dias. **Beleza e Nova Evangelização**. Faculdade Arautos, 2009. Disponível em: <http://faculdade.arautos.com.br/artigo/28877/Beleza-e-Nova-Evangelizacao> Último acesso em 23/05/2014.

_____; **Beleza e Sublimidade: clave teológica da nova evangelização**. 2010. Disponível em: <http://www.arautos.org.br/artigo/18143/Beleza-e-Sublimidade--Clave-teologica-da-Nova-Evangelizacao.html> Acesso em 05 de setembro de 2012.

_____; **Oportunidades para a Igreja no século XXI**. Elaboração do projeto de pesquisa: elementos constitutivos – 1ª. Parte. Centro Universitário Ítalo Brasileiro. São Paulo, 2007. p. 89-90. Disponível em: <http://presbiteros.arautos.org/tag/pulchrum/> Último acesso em 24/06/2014.

DIEHL, Rafael de Mesquita. **A função da beleza na religião**. <http://www.salvemaliturgia.com/2010/07/funcao-da-beleza-na-religiao.html> Acesso em 10 de setembro de 2012.

DUARTE, Rodrigo. **O belo autônomo: organização e seleção de textos**. Belo Horizonte: UFMG, 1997.

DUFFY, Eamon. Santos & Pecadores: **História dos Papas**. São Paulo: Cosac & Naify, 1998.

DUFRENNE, Mikel, **Estética e Filosofia**, São Paulo: Ed. Perspectiva, 1973.

ECO, Umberto (org). **História da Beleza**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

_____; **História da Feiura**. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2007.

INTROVIGNE, Massimo. **Uma Bataglia nella notte, Plinio Corrêa de Oliveira e la crise del secolo XX nella Chiesa**. Milano, Sugarco Edizioni, 2008.

JIMENEZ, Marc. **O que é estética?** Tradução Fulvia M. L. Moretto. São Leopoldo, Rio Grande do Sul: Unisinos, 1999.

KANT, Immanuel. **Crítica da Faculdade do Juízo**. 2 ed. Tradução de Valerio Rohden e Antônio Marques. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____; **Observações sobre o sentimento do belo e do sublime**. Ensaio sobre as doenças mentais. Campinas, SP: Papirus, 1993.

LEITE, Filipe de Faria Dias. **Atuação da Liga Eleitoral Católica na formação da Assembleia Nacional Constituinte de 1933**, 2010. Dissertação (Mestrado em História) -Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

LODE, Meire Aparecida Nunes e OLIVEIRA, Terezinha. **Um estudo sobre a estética medieval**. Universidade Estadual de Maringá, 2012. Artigo apresentado em Seminário de Pesquisa.

LYOTARD, Jean-François. **O inumano: considerações sobre o tempo**. 2 ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1997. p. 98-99.

MACHADO, Antonio Augusto Borelli (coord). **Meio Século de Epopéia Anticomunista**. São Paulo: Editora Vera Cruz, 1980.

MARTINA, Giacomo. **História da Igreja de Lutero aos Nossos Dias**. Vol III. São Paulo: Loyola, 1997.

MATTEI, Roberto de. **O Cruzado do Século XX**. Porto: Civilização, 1997.

MOURA, Juliana Martins de: Raízes da Beleza - **Cabelo como símbolo de identidade na sociedade de consumo**. Monografia (Bacharel em Comunicação Social) - Centro Universitário de Brasília.

MUNHOZ, Juliana Neri. Entre Estudos e Rezas: Alunos não confessionais no Colégio Arautos do Evangelho e Colégio Adventista de Cotia – SP, 2012. Dissertação em Ciências da Religião - apresentada na Pontifícia Universidade de São Paulo/PUC.

NASCIMENTO, Rosemberg. **A compreensão do belo e o sublime na estética transcendental de Kant**, 2014. Artigo disponível no site: <http://pensamentoextemporaneo.wordpress.com/2014/02/26/a-compreensao-do-belo-e-o-sublime-na-estetica-transcendental-de-kant/> Último acesso em 15/06/2014.

PAZ, Nivia Ivette Nunez de la. **Evangelização que comunica e comunicação que evangeliza**. Tese (Doutorado em Teologia) - Faculdades EST, Teologia prática, 2008.

PORTELLA, Rodrigo. **Em busca do Dossel Sagrado: Os novos movimentos religiosos católicos tradicionalistas no lastro do reencantamento do catolicismo e da sociedade**. 2010. Disponível em: <http://www.ufjf.br/virtu/files/2010/05/artigo-3a9.pdf> . Acesso em 25 de outubro de 2012.

QUEIROZ e LIMA. O mundo é dos belos? **O discurso do feio e do belo na reportagem televisiva do Bom Dia Brasil**. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), 2009, p.1-15.

RIVERA, Paulo Barrera. **Fragmentação do sagrado e crise das tradições na Pós-Modernidade**. In: TRASFERETTI, José (org.). Teologia na Pós-Modernidade. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 437-464.

SILVEIRA, Emerson José Sena da. **Pluralidade Católica: um esboço de novos e antigos estilos de crença e pertencimento**. Sacrilogens, Juiz de Fora, v.1, n.1, p. 153-174, 2004.

ZANOTTO, Gizele. **A TFP em foco na academia**, 2011. Artigo (PDF) publicado nos Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011.

REVISTAS

BOFF, Clodovis M. **Teologia da Libertação e Volta ao Fundamento**, 2007. Revista Eclesiástica Brasileira, vol. 67, n. 268 (Outubro de 2007): 1001-1022.

CARRANZA, Brenda. **Lógica e desafios do contexto religioso contemporâneo**. In: REB. Petrópolis, Fasc. 257, Vol. LXV, janeiro, 2005. p. 46-63.

PINHEIRO, Marcus Reis: **Religião e estética na Grécia Antiga**, 2010. Revista Exagium n.8. p. 1-18.

RAHDE, Maria Beatriz Furtado. **Imaginário e sedução: a comunicação estética**, 2012. Revista Famecos.

REVISTA ELETRONICA

AZEVEDO, José Henrique de. **Crítica da razão terrificante kant entre o belo, o sublime e o terror na crítica da faculdade de julgar**. Artigo publicado em: Revista Sofia, 2013, V2, N2, p.31-47. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/sofia/article/view/5597/4075> último acesso, 21/06/2014.

BRANDÃO, José Messias Lins. **A “via da beleza”, caminho de evangelização**. Revista Arautos do Evangelho, 2006, n. 53, p. 17 – 19. Disponível em: <http://www.acnsf.org.br/print/7166/A--ldquo-via-da-beleza-rdquo---caminho-de-evangelizacao.html> Último acesso em 24/06/2014.

GERALDO, Tiago de Oliveira. **Cavalaria de Maria: Uma comunidade em missão permanente**. São Paulo. Revista Arautos do Evangelho, Março/2014, n. 147, p. 18. Disponível em: <http://www.arautos.org/especial/57321/Cavalaria-de-Maria--Uma-comunidade-religiosa-em-missao-permanente.html> Acesso em 12 de maio de 2014.

SITES

Site da TFP: <http://www.tfp.org.br/tradicao-familia-e-propriedade/fundador/pagina-4>
Acesso em: 08 mar. 2013.

Site Oficial dos Arautos do Evangelho: <http://www.arautos.org/view/show/341-arautos-do-evangelho> Acesso em 22 de junho 2013.

Site Oficial Mons. João Scognamiglio Clá Dias. Biografia: <http://www.joaocladias.org.br/curriculum.asp> Informações obtidas no site oficial do líder fundador dos AE, acesso em 12 de abril de 2014.

Site Oficial da Monfort Associação Cultural: <http://www.montfort.org.br/nova-confirmacao-do-culto-delirante-prestado-a-plinio-correa-de-oliveira/> acesso em 11 de maio de 2014.

Site Oficial Mons. João S. Clá Dias. Regina Virginum: http://www.joaocladias.org.br/regina_virginum.asp Acesso em 28 de novembro de 2013.

Site Oficial Mons. João S. Clá Dias. Virgo Flos Carmeli: http://www.joaocladias.org.br/Virgo_Flos_Carmeli.asp Acesso em 28 de novembro de 2014.

Site Oficial do CELAM: <http://www.celam.org>. Acesso em: 15/05/2014.

Site da Paróquia São Francisco: <http://www.paroquiasaofrancisco.com/CELAM/celam.htm>>. Acesso em: 15/05/2014.

Blog dos Arautos: <http://recife.blog.arautos.org/tag/adoracao-ao-santissimo/> Acesso em 23/05/2014.

Site da Faculdade dos Arautos: <http://faculdade.arautos.com.br/artigo/28877/Beleza-e-Nova-Evangelizacao> Acesso em 23/05/2014.

Site da Folha Atual: http://folhaatual.com.br/capa.php?page=shmt&ma_id=287 Acesso em 14/06/2014.

Site Redenptionis Sacramentum: http://redemptionis-sacramentum.blogspot.com.br/2011/03/serie-mitos-liturgicos-comentados-mito_7789.html Acesso em 14/06/2014.

Site (página virtual facebook) da Paróquia Santa Maria Goretti:
<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1474817739421869&set=pcb.1474818266088483&type=1&theater> Acesso em 14/06/2014.

Site Pequeninos do Rosário:
<http://pequeninosdorosario.blogspot.com.br/2014/05/vestes-e-cores-liturgicas.html>
 Acesso em 14/06/2014

Site Direto da Sacristia: <http://diretodasacristia.com/home/tags/arautos-do-evangelho/>
 Acesso em 23 de maio de 2014

Site Oficial da Basilica Nossa Senhora do Rosário: <http://basilica.arautos.org> Acesso em 23/05/2014.

Site Presbiteros Arautos: <http://presbiteros.arautos.org/tag/pulchrum/> Acesso em 13/06/2014

Site da UNISINOS: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/45840-tradicionalismo-e-conservadorismo-catolicos-as-ideologias-em-jogo-entrevista-especial-com-rodriigo-coppe-caldeira> Acesso em 13/06/2014

Site da Revista ISTOÉ: http://www.istoe.com.br/reportagens/337199_A+NOVA+TFP
 Acesso em 16/06/2014

Site do TERRA: <http://noticias.terra.com.br/mundo/europa/renuncia-do-papa/organizacao-que-se-inspira-na-idade-media-espera-papa-mais-comunicativo,95b7aa83c2e5d310VgnVCM5000009ccceb0aRCRD.html>. Último acesso em 13/06/2014

Site Publico: http://static.publico.pt/papaemp Portugal/Noticia/catolicos-conservadores-na-linha-da-frente-do-apoio-ao-papa_1435613 Acesso em 23/06/2014

Site Lusosofia: http://www.lusosofia.net/textos/anselmo_cantuaria_proslogion.pdf
 Acesso em 23/06/2014.